



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Faculdade de Formação de Professores

Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística

Luanda da Silva Gustavo

A litote sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso

São Gonçalo

2019

Luanda da Silva Gustavo

A litote sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso

Texto apresentado para Defesa de Dissertação, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (*stricto sensu*), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

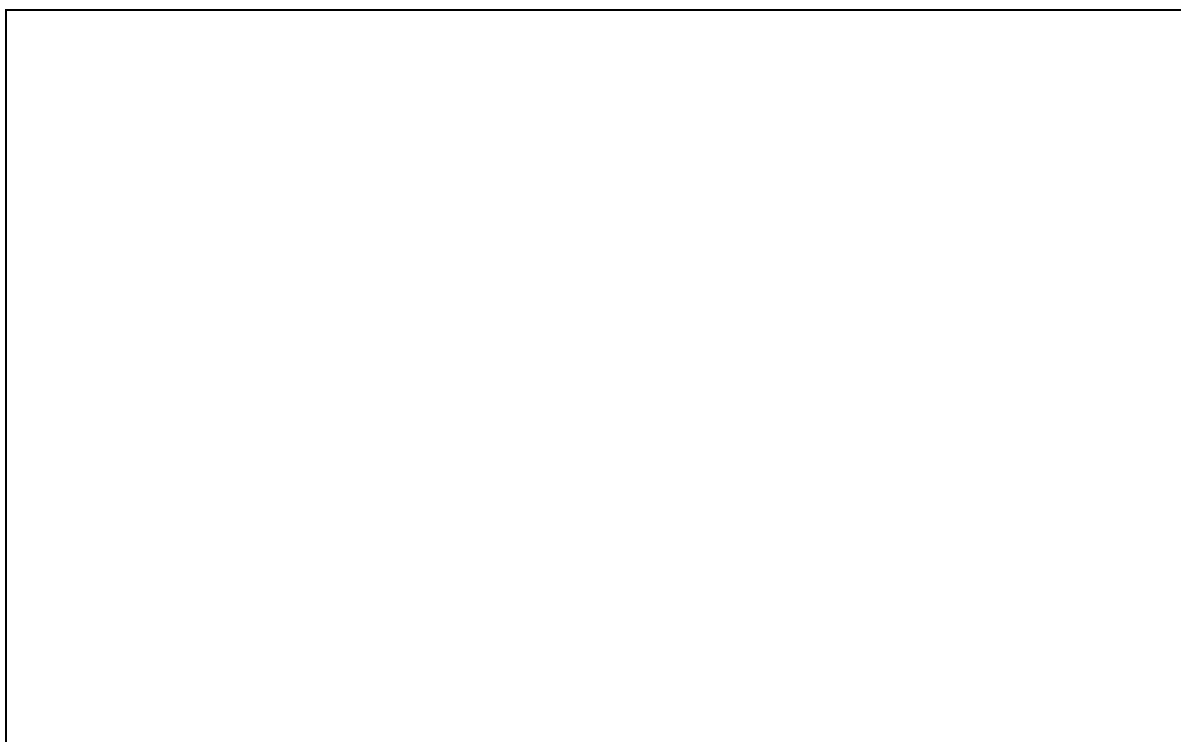
Linha de Pesquisa: Teoria e Análise Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer.

São Gonçalo

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D



Luanda da Silva Gustavo

A litote sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso

Texto apresentado para Defesa de Dissertação, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (*stricto sensu*), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer (Orientador)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Prof. Dr. Marcello de Oliveira Pinto (Examinador Externo)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof. Dr. José Mario Botelho (Examinador Interno)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

São Gonçalo

2019

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação realizou-se devido ao envolvimento direto e indireto de algumas pessoas, as quais foram fundamentais para a construção deste estudo. Deste modo, não poderia finalizar este processo sem considerar o pertencimento e a importância dessas para a conclusão desta dissertação. Por isso, minha satisfação a estes.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus e à espiritualidade pelo fortalecimento interior ao qual me concedeu o desenvolvimento do equilíbrio, o crescimento espiritual e o emocional os quais se fizeram em forças presentes para que concluísse este objetivo.

Agradeço aos meus pais Celso Moreira Gustavo e Marly Coelho da Silva Gustavo pelo incentivo, compreensão, apoio emocional, apoio financeiro, por tudo que são e me concederam como pessoa, e que com certeza fizeram com que chegasse até aqui.

Agradeço ao meu irmão gêmeo Luan da Silva Gustavo, pois com conhecimentos, espiritualidade, serenidade, compreensão, experiências e irmandade ajudaram-me com escrita, estruturação, organização e reflexões sobre a dissertação. E, sobretudo, na força fraterna somada na finalização deste estudo.

Agradeço ao Professor Doutor Marcos Luiz Wiedemer, meu orientador neste mestrado, o qual possibilitou com seus saberes teóricos, técnicos e experienciais que me desenvolvesse e enriquecesse como estudante e contribuinte do âmbito dos Estudos da Linguagem. E como ser humano que é, compreensível das dificuldades, incertezas etc., passados do início ao fim deste processo.

Agradeço à amiga Tamires Moreira Barbosa e a sua irmã Fernanda Moreira Barbosa que acompanharam todo o árduo percurso desde a iniciação científica até a conclusão deste mestrado. E com amizade, disposição, alegria e vivências em um processo como este, ajudaram-me na descontração, conselhos e no apoio até o encerramento deste ciclo.

Agradeço às colegas de mestrado pelo apoio, conversas, descontrações e estudos realizados durante as disciplinas cursadas. Pois permitiram a construção de sentimentos de amizade os quais pretendemos levar à diante.

Agradeço à Banca Examinadora, o Professor Doutor Marcos Luiz Wiedemer, o Professor Doutor Marcelo de Oliveira Pinto (UNIRIO) e Professor Doutor José Mário Botelho (UERJ) pela participação, pelo comprometimento, pela avaliação e orientações imprescindíveis para a conclusão deste mestrado e posterior.

Agradeço à Instituição de Ensino Superior (UERJ - FFP), ao programa de pós-graduação, aos seus funcionários/ professores que com seus saberes difusos contribuíram para o meu crescimento profissional e pessoal maturados do início até o encerramento deste mestrado.

Por fim, sou grata também ao corpo técnico e/ou administrativo, aos funcionários da limpeza e a todos os demais, pois suas funções são de suma importância para o bom funcionamento da instituição. Como a entrada, a permanência e a saída de cada aluno que assim como eu encerra mais uma importante etapa de sua vida neste período.

Gratidão!

RESUMO

GUSTAVO, Luanda da Silva. **A litote sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso**. 2019, xx p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade de Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2019.

Resumo: A presente pesquisa apropriou-se da expressão “construção negativa do tipo litote” para se referir ao fenômeno classificado apenas como “litote”, uma figura de pensamento assim denominada por renomados autores da gramática tradicional. A partir dessa perspectiva, objetiva-se realizar um estudo acerca do fenômeno de construção de estruturas de negação litote, concebido nesta pesquisa, que é de âmbito da linguística, sobretudo funcionalista, como uma operação cognitiva e não apenas um recurso de linguagem. Para isso, utilizar-se-á a Linguística Funcional Centrada no Uso e suas ferramentas teóricas como a Teoria das Construções. Além de teorias subsidiárias como a Teoria de Implicaturas (Paul Grice) e outras contribuições pertencentes a outras áreas de conhecimento, como a noção de ciência, de polidez, de figuras de linguagem, de polaridade negativa, a fim de que se explore o máximo de reflexões que possam auxiliar na compreensão e descrição do tema proposto, vista a sua complexidade. A partir do enquadramento teórico, buscar-se-á realizar a coleta de dados em gêneros jornalísticos, sobretudo, reportagens, matérias e notícias presentes no jornal “*Folha de São Paulo*”, *on-line* para a construção de um *corpus* de pesquisa que possibilite a investigação do tema proposto de modo qualitativo, indutivo, exploratório, explicativo e descritivo. A partir de então, a pesquisa parte da hipótese de que a litote possui um padrão construcional de uso que permite que o interlocutor destinatário ao receber a mensagem lançada pelo interlocutor emissor implique o sentido e a real mensagem vinculada, ainda que não dita de modo explícito. A partir disso, a pesquisa buscará responder as seguintes perguntas: Quais processos estão envolvidos na construção do fenômeno? Quais os contextos de usos aos quais eles estão vinculados? Quais tipos de elementos de cunho negativo são mais frequentes na construção e conseqüentemente uso do fenômeno? A litote poderia ser compreendida com membro autônomo? (não contribui para a categorização ou produtividade)? Por fim, concretizar-se-á a pesquisa com a análise qualitativa dos dados coletados com base no aparato teórico selecionado para este estudo, como o da linguística funcional, objetivando justificar o uso do fenômeno em questão.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso. Teoria das Construções. Litote. Implicaturas. Negação.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tabela Transitividade	61
Tabela 2 – Tabela categorização de pássaros	74
Tabela 3– Tabela de categorização por frequência	79
Tabela 4–Tabela de categorização sobre insanidade mental	91

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LC	Linguística Cognitiva
EIs	Esquemas Imagéticos
EI	Esquema imagético
MCI	Modelos Cognitivos Idealizados
MCI	Modelo Cognitivo idealizado
TCM	Teoria da Mesclagem Conceptual
FFP-UERJ Janeiro	Faculdade de Formação de Professores- Universidade do Estado do Rio de Janeiro
SVO	Sujeito, Verbo, Objeto
grams	Morfemas gramaticais
SV	Sintagma Verbal
Sprep	Sintagma preposicional

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	QUADRO TEÓRICO	16
1.1	O fazer científico e o objeto de pesquisa	16
1.2	Interação, discurso e gramática	18
1.3	A Linguística Funcional Centrada no Uso	21
1.4	Categorização e construções	31
1.5	Abordagem construcional	33
1.5.1	<u>Esquematicidade</u>	39
1.5.2	<u>Produtividade</u>	40
1.6	A visão do contexto no âmbito da construcionalização	42
1.7	A construção das noções de contexto, de implicaturas conversacionais e de polidez	44
1.7.1	<u>O recurso da polidez</u>	59
1.8	A noção de polaridade negativa	60
2	OBJETO INVESTIGADO: “LITOTE” A PARTIR DE DIFERENTES VISÕES LINGUÍSTICAS	67
2.1	A visão de litote a partir da perspectiva tradicional	70
2.2	A classe gramatical dos advérbios	71
2.3	A partícula “não”	72
3	METODOLOGIA DE PESQUISA	79
3.1	História do jornal “Folha de S. Paulo”	79
3.2	O aparato metodológico da pesquisa	81
4.0	ANÁLISE E DISCUSSÕES DE DADOS	87
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
	REFERÊNCIAS	125

INTRODUÇÃO

O estudo da negação, no português brasileiro (doravante PB), pode ser feito a partir de diferentes aspectos, pela linguística (negação, dupla negação, litote, pressuposição); pela lógica (clássica não clássica); pelo aspecto psicológico (negação recusa); e pelos aspectos filosóficos (fatos negativos/existenciais, negação dialética).

Dentro do quadro, acima, a presente dissertação tem por objetivo realizar um estudo acerca das construções negativas tradicionalmente denominadas de litote pelo viés da gramática tradicional, e tem como hipótese que essas construções formam um escopo específico de construções negativas, que vão além das claramente expressas através do advérbio de negação “não”.

Além disso, assumimos que essa construção compreende duas fases, a negação lógica, que pode ser relacionada à negação linguística, pois a negação lógica é um operador de verdade-funcional (aplicado aos valores de verdade), e negação tem essencialmente a ver com exclusão e incompatibilidade (conforme SCHANG, 2014). Vejamos o exemplo em (01):

(01) *“Samuel não é pobre, pois tem uma grande casa na praia”.*

<https://www.todamateria.com.br/litote/>

O exemplo apresentado expressa que Samuel não é pobre, e a conclusão disso dá-se pelo fato dele ter uma casa admirável em região litorânea. A compreensão de que o homem pertence a um alto poder aquisitivo é vista pelo advérbio de negação “não”, o qual possui a função de negar parte de uma frase, uma ideia ou uma possível afirmativa. A negação de que o homem não é pobre, obriga o leitor a inferir que o sujeito é rico. Ou não é nem pobre e nem rico, mas está em uma situação econômica privilegiada, a qual indicaria o meio termo entre o lado “positivo” (ser rico) e o lado “negativo” (ser pobre). Pela coerência que a frase busca expressar, a lógica, por sua vez, tenderia a aproximar-se mais da esfera positiva devido à breve afirmação, na segunda oração, sobre o aspecto de prestígio cuja casa é evidenciada.

Entretanto, para que houvesse, nesse caso, uma interpretação precisa da situação financeira do homem em observação, seria indispensável à vinculação da frase em um determinado ato comunicativo; instanciado em um contexto de uso específico. Para que, desse

modo, a frase não possibilitasse margens para interpretações ambíguas e/ou difusas sobre o assunto tratado. Junto ao advérbio de negação “não”, tem-se a presença do verbo de ligação “ser”, representado no tempo presente do modo indicativo; expressando então uma constatação/afirmação de que o homem não é pobre. O qual pode ser compreendido nos casos de “litote”, como um reforço negativo explícito sobre a atual situação econômica do sujeito; elaborando dessa forma um construto cognitivo-funcional específico (advérbio de negação “não” + verbo de ligação “ser” ou outro que seja capaz de demonstrar a partir dos contextos de uso), o qual seja capaz de elucidar na mente do falante e do ouvinte um sentido de negação eufêmico. Já que se acredita ser mais adequado para algumas situações reais de uso linguístico por serem modelos discursivos mais cautelosos, mais educados, menos diretos e até mesmo menos exatos. Pois em muitos casos não se sabe a real situação a respeito de um tema a ser apresentado por inúmeros fatores.

Sendo assim, o uso da forma “litote” representa também a isenção de responsabilidade sobre aquilo que se diz, uma vez que se intenciona informar algo sem a necessidade de manifestação e/ou apropriação de identidade do emissor sobre o que é dito. Já que em muitos casos o mais sensato é de que se profira determinada ideia sem “bandeirar-se” daquilo enunciado e mais.

Conforme se observa, a partir da análise do exemplo (01), acima, a “litote” armazena um padrão construcional que possibilita ao destinatário, ao receber a mensagem proferida pelo interlocutor-emissor, realizar implicaturas/inferências que façam emergir a intenção real, a mensagem “camuflada”; apesar de não estar explicitamente posta. Assim, a informação pragmática do falante (intenção) é antecipada/reconstruída pelo destinatário que antecipa/reconstrói o sentido/significado da expressão linguística (interpretação).

Com isso, a pesquisa buscará responder as seguintes questões: Quais processos estão envolvidos na construção do fenômeno? Quais os contextos de usos aos quais eles estão vinculados? Quais tipos de elementos de cunho negativo são mais frequentes na construção e consequentemente uso do fenômeno? A litote poderia ser compreendida com membro autônomo? (Não contribui para a categorização ou produtividade?)

Com isso, esperamos contribuir para o entendimento de construções de negação, no que diz respeito ao seu processo construcional, aos recursos que a envolvem, à construção de sentido, os contextos de uso, na tentativa de encontrar um padrão de uso e outros aspectos como sociais, culturais e mais.

A relevância desta pesquisa justifica-se pela intenção de compreensão de construções negativas não prototípicas, pois se acredita ser viável o entendimento de suas ocorrências, vistos os diferentes usos, nos diferentes contextos linguísticos, nas tentativas e nas intenções de compreensão. Além disso, outro aspecto que é julgado como importante para esta pesquisa é a carência explicativa e descritiva das construções negativas (não prototípicas) em Gramáticas Normativas. Essas, apenas reconhecem as negações “simples”, através de intenções e mecanismos linguísticos, fortemente representados na estrutura linguística, no nível da frase por meio de advérbios de negação e até mesmo conjunções adversativas, que em suas diferentes formas podem representar intenções não apenas negativas “diretas”. Mas que em algumas construções expressam intenções que transcendem tais negativas. Soma-se que, na visão tradicional, a litote é vista apenas como um “recurso de linguagem”, e então, não há a descrição do seu funcionamento, da sua construção, dos processos que a integram e mais.

Nesta pesquisa, é adotada a denominação estrutura negativa não prototípica como ideia basilar, admitindo, assim, sinônimos para se referirem a mesma. Para assim, diferenciar das estruturas de negação prototípicas, mais diretas. A denominação dá-se pela observação de existência de estruturas negativas de formação e de significado mais complexos, que normalmente não desejam negar de modo objetivo. Mas expressar pensamentos de contrariedade, de subalternidade, de intencionalidade entre outros. Porém, neste estudo, como recorte, não se deseja realizar a investigação e a explicação de cada um desses possíveis tipos, porém analisar os casos de litote de um modo geral. Além de tentar buscar padrões de uso de mais generalizado.

Para tanto, a pesquisa é embasa no quadro teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso (KEMMER & BALOW, 1999, BYBEE, 2010, MARTELOTTA, 2011 entre outros), que, atualmente, tem dialogado com as abordagens construcionais de Goldberg (1995, 2006), e especialmente, Traugott & Trousdale (2013, T&T, de agora em diante).

Nos estudos linguísticos atuais, há várias versões denominadas Gramática de Construções. Como já adiantamos, esta pesquisa centra-se na abordagem da Gramática de Construções como entendida por Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001), e reinterpretada por T & T (2013). Neste modelo de T&T (2013), busca-se reinterpretar os fenômenos de gramaticalização, de lexicalização e de degramaticalização por meio de um único modelo. Ademais, propor uma investigação de níveis mais abstratos da organização linguística, no plano cognitivo (esquemas, subesquemas e microconstruções).

A definição de T & T (2013), compreende que a gramática não apresenta modularidade estrutural: todos os níveis — morfossintaxe, semântica, fonologia, pragmática e funções discursivas — não podem ser apartados. Conforme Bergs e Diewald (2009), a abordagem construcional da gramática enfatiza que a língua consiste numa *unidade simbólica convencional* de pares de forma e sentido, e que essa relação pode ser tratada, com base na estrutura simbólica proposta por Croft (2001) e Croft e Cruse (2004).

Além disso, acreditamos que a litote esteja inserida nos estudos sobre polaridade, que podem trazer contribuições relevantes para a pesquisa, pois trazem questões acerca da polissemia presente na linguagem. O estudo sobre a polarização negativa prioriza demonstrar a ideia de negação presente na parte de uma sentença, a qual transporta consigo o valor de negatividade emergentes a partir do uso de partículas de caráter negativo, como o advérbio de negação “não” e outros, a priori.

Porém, é sabido que para uma sentença faça surgir o valor de negatividade, não é necessário apenas a colação de palavras negativas. Pois de acordo com Ilari (1984), os índices de polaridade negativa podem estar presentes, em alguns casos em sentenças afirmativas também. Já que devido à complexidade das línguas, em especial, o Português brasileiro nem todo tipo de sentença caracteriza-se por negativas simples ou afirmativas simples. O que possibilita o surgimento de sentenças mais criativas as quais o índice de polaridade negativa está presente, como as estruturas linguísticas denominadas “litote”.

A partir dessa perspectiva é que se nota a necessidade de distinção de uma sentença linguística – negativa simples. Ou seja, não possuidora de segundas intenções, ideias implícitas nas mensagens a serem transferidas, em detrimento às estruturas negativas mais complexas. Já que ambas possuem como elemento basilar de negatividade a presença de partículas como o advérbio de negação “não” que carregam consigo índices de polaridade negativa em quaisquer das situações existentes.

A partir das noções de “litote”, negação, afirmação, polidez, implicatura, processo cognitivo, polaridade negativa, encontra-se pontos imprescindíveis para o estudo, a compreensão e a descrição do objeto de pesquisa selecionado. Dar-se-á, com foco na Linguística Funcional Centrada no Uso e suas ferramentas teóricas, início a discussão de cunho investigativo sobre o fenômeno linguístico presente no Português brasileiro chamado “litote”.

Para tanto, a presente dissertação está dividida em quadro capítulos. O primeiro, que dispõe o quadro teórico que sustenta a presente pesquisa. O segundo é dedicado a revisão da

temática investigada. Após, no terceiro capítulo, tem a metodologia utilizada; e no quarto, são discutidas as análises. Na sequência, as considerações finais seguidas das referências.

1 QUADRO TEÓRICO

1.1 O FAZER CIENTÍFICO E O OBJETO DE PESQUISA: LITOTE

Maturana (2001) aponta que a discussão sobre a questão da verdade/realidade presente no ambiente acadêmico revela pontos de vistas teóricos diferentes como, por exemplo, o científico e o filosófico. Para o autor, o cientista e o filósofo estão direcionados para compreender e explicar as experiências dos seres humanos no mundo. No entanto, divergem quando escolhem quais caminhos teóricos e explicativos que se adequam melhor aos objetivos particulares construídos.

Com base nas definições apresentadas, o cientista é o autor que se dedica às explicações que sejam aceitas e reconhecidas como científicas. Por sua vez, o filósofo é aquela pessoa que busca refletir sobre as ações e as relações dos indivíduos sobre o conhecimento da existência dos mesmos em uma comunidade. Para isso, o autor afirma a valorização dos filósofos por premissas básicas, valores, crenças, entre outros, que sejam capazes de subsidiar suas explicações sobre o mundo. Sendo assim, a reflexão inicial que se pretende trazer para este estudo faz pensar na definição e/ou caracterização do mesmo como científico ou filosófico. A fim de contextualizar a pesquisa apresentada com estudos de determinados autores que discutem a noção de ciência, poder, objeto, sujeito e outros fatores significativos, que por sua vez, ajudarão a situar em um contexto científico teórico o presente tema e objeto de pesquisa.

Uma teoria é um sistema explicativo que correlaciona muitos fenômenos (experiências) de outra forma aparentemente não correlacionados. Esse sistema é proposto como um domínio de explicações coerentes, tecidas junto com alguns fios conceituais que definem a natureza de sua conectividade interna e a extensão de sua aplicabilidade gerativa no domínio das ações humanas. Como tal, uma teoria é válida para aqueles que aceitam tanto o critério de validação das explicações que isso requer quanto o critério de conectividade interna que a torna um sistema conceitual plenamente coerente (MATURANA, 2001, p. 103).

De acordo com o autor, a tessitura de uma teoria científica é estruturada por uma organização particular de desejos do cientista em satisfazer sua tarefa explicativa sem perder de vista os fenômenos ou experiências a serem explicados. Para isso ele expõe as seguintes intenções:

- i) o desejo do cientista de satisfazer sua tarefa explicativa sem perder de vista os fenômenos ou experiências a serem explicados;
- ii) o desejo do cientista de não se ligar a nenhum valor, princípio ou resultado esperado e, portanto, seu cuidado permanente em evitar a subordinação de qualquer aspecto de sua explicação à conservação de qualquer princípio ou valor, ou à obtenção de qualquer resultado pretendido;
- iii) o desejo do cientista de não confundir domínios operacionais, tanto no processo de explicar, quanto no processo de conectar suas explicações e, portanto, seu cuidado constante em evitar fazer isso;
- iv) a disposição do cientista em deixar que mudem todas as noções ou conceitos que precisem ser mudados para que esses quatro pontos sejam satisfeitos.

Seguindo essa perspectiva, a vertente teórica que sustenta o desenvolvimento do tema, aqui investigado, é o Funcionalismo, sobretudo a linha americana conhecida por Funcional-Cognitiva, que no Brasil, recebe o nome de Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU, ver seção 2.3). É um sistema explicativo que armazena aspectos relevantes como a valorização do contexto (histórico, social, cultural, situacional, comunicativo, econômico, ideacional, político e outros) dos indivíduos; a interação dos mesmos com os ambientes circundantes, com as experiências vivenciadas, com a conceptualização que esses sujeitos têm a partir do contato e da experiência com o mundo.

Fatores, que por sua vez, afetarão o funcionamento da linguagem. Além disso, a vertente eleita objetiva realizar um estudo da língua que investigue o uso da língua em determinados contextos. A fim de justificar o seu propósito, mesmo que não seja a intenção principal descrever sobre esses aspectos, mas de entendê-los como relevantes para as descrições eficientes dos processos a serem analisados.

Sendo assim, a teoria é capaz de dar conta dos objetos que a presente pesquisa propõe, já que possibilita a correlação do “fenômeno” observado com um conhecimento compreendido como senso comum, a partir de laços conceituais que permitem o entrelaçamento dos domínios existentes no respectivo estudo. Com o intuito de promover uma conectividade coerente, entre a teoria e o conhecimento sobre o fenômeno “litote”, há, segundo Maturana (2001), um feixe de intenções do cientista que serão aplicados de modo que satisfaçam o desejo do pesquisador.

Com isso, o cientista terá a obrigação de explicar os fenômenos analisados; terá a precaução de não se deixar influenciar por nenhum valor, princípio ou resultado esperado em relação aos pretendidos, como a “dedução” de que, por exemplo, o fenômeno litote possa ser elaborado com uma intenção de polidez.

É preciso atentar-se ao resultado obtido com a pesquisa, após a realização dela, pois é a mesma que validará e comprovará a resulta constatada; mesmo que os dados não correspondam às expectativas do pesquisador. O cientista não deverá confundir os domínios, sem em sua explicação, constatar a conexão do domínio experiência com o domínio teoria. De acordo com Maturana (2011), trabalhos podem ser ao mesmo tempo científico e filosófico quando não se tem a intenção de dominar e controlar o outro, entretanto o respeito a uma relação de existências humanas. Junto a isso, cada perspectiva será direcionada de acordo com a intenção do cientista, porém, cabe ressaltar que ambas as teorias apresentam ao mesmo tempo particularidades da outra e podem não se desvencilhadas por completo em um estudo.

Logo, esta pesquisa será ao mesmo tempo científica e filosófica, pois se pretende explicar experiências a partir das correlações feitas com a teoria trabalhada; respeitando os critérios de validação de um trabalho de cunho mesclado. Pois visa considerar as categorias valoradas pelas teorias filosóficas como crenças, valores e pressuposições na investigação do objeto de trabalho.

1.2 INTERAÇÃO, DISCURSO E GRAMÁTICA

Com isso, ao analisar o objeto escolhido da pesquisa pretender-se não atuar apenas como um pesquisador que visa o ambiente analisado como somente fornecedor de dados, que ficarão fechados aos interesses linguísticos apenas. Mas atuar como um observador que participa do processo que visa à observação, à análise e à descrição do objeto pesquisado. Como, também, compartilhar saberes com demais estudiosos da língua, de outro âmbito e aqueles que possam interessar; a comunidade de fala compreendida como todos os usuários da língua. Porque podem ter a oportunidade de entender um pouco de como se dá o funcionamento de determinado fenômeno utilizado por eles, mesmo que os mesmos não tenham um interesse informativo aguçado, mas sim de usar a língua e de satisfazer suas necessidades e suas intenções.

Vale lembrar que não somente a vertente funcionalista considera o aspecto social da investigação linguística. Outras áreas, como a abordagem bakhtiniana e a Teoria da Variação e Mudança, demonstram interesse pela a linguagem como fenômeno social, heterogêneo e plural e que há leis de ordem social e econômica que regem a mudança linguística. Para ambas as áreas, a linguagem é um fenômeno social que traz consigo diferentes origens e contextos sociais, culturais, históricos e outros. Nessa perspectiva, o funcionalismo linguístico com base, sobretudo, na filosofia de Bakhtin concebe, a linguagem como fenômeno de interação social.

Segundo Martellota (2003), deve-se fazer uma análise entre linguagem e sociedade; verificar os interlocutores, a situação comunicativa que vai para além da análise gramatical. Para o funcionalismo, por exemplo, o contexto de uso de uma língua é o quesito fundamental para explicar a linguagem, suas diferentes construções sintáticas e mais. As estruturas, frases ou textos são analisados com base na função que desenvolvem na interação verbal. Sendo assim, a linguagem é oriunda das necessidades do falante em determinada comunidade.

A natureza do enunciado, segundo Bakhtin (1929), é a condição essencial para compreender as unidades linguísticas. Para o autor há relações que influenciam a linguagem e são anteriores aos indivíduos. Eles, por sua vez, são formados por tais relações, que vão além da linguagem. E essa linguagem possui cunho ideológico que indica uma determinada visão de mundo, ou seja, como as pessoas compreendem determinadas experiências, que em contrapartida regulamentam as ações e sentenças formuladas pelo sujeito.

Com base em Severo (2009, p.280),

a relação entre língua e identidade na abordagem de Bakhtin é visível na ideia de que o sujeito se constitui na sua inserção nos diferentes modos de comunicação verbal historicamente produzidos. É através da interação entre os indivíduos que os modos de comunicação verbal, já são cristalizados ou não existem. Tais modos vinculam-se, segundo Bakhtin, aos modelos de relações de cada época histórica, sendo essas relações economicamente construídas.

Por isso, é possível pensar que o modelo de construção denominado “litote” pode ser uma espécie de operação mental e/ou recurso linguístico que tenha sido convencionalizado pelos falantes da língua portuguesa, quando esses desejam passar determinadas informações, a fim de que se faça compreender algo de uma dada maneira específica.

Ressalta-se, aqui, que a presente pesquisa não possui o interesse de incorporar concepções como o discurso e/ou instrumentos teóricos de outras linhas de estudo, mas de refletir sobre alguns aspectos relevantes para a compreensão do fenômeno investigado. É a partir da utilização da língua (uso) que o sujeito constrói o discurso com base no seu senso ideológico, ou seja, de acordo com aquilo que acredita ser essencial para a transmissão de ideias, de valores, de crenças e de outras.

De acordo com o preceito ideológico que se pensa na investigação linguística deste estudo como sendo além de processos construcionais, serem também mecanismos importantes para a reflexão sobre a cultura e cultura linguística de um povo que vive em determinados contextos sociais. Buscar-se-á refletir também sobre as relações que envolvem os sujeitos-falantes por detrás da linguagem, sendo esses fatores que também manipulam o uso direcionado da linguagem. Mas que percebe a importância de fatores considerados por alguns teóricos como “extralinguísticos”, sobretudo o contexto social para a investigação, a explicação e a descrição satisfatória da língua e os determinados processos que a envolvem, como “litote”.

O sujeito-falante é constatado por Neves (1988) em seus estudos, como sendo anterior a linguagem que possui. A gramática está no homem quando nasce; está na sua fala, flexibilização dessa linguagem. Segunda tal perspectiva, o indivíduo não se conteve apenas em usar a linguagem, ele preocupa-se em analisar a sua própria fala com que a mesma virasse um objeto natural de estudo. Com a racionalidade do homem em relação à linguagem surge a reflexão sobre sua faculdade e suas atividades sobre suas vocações e seus desempenhos. E é a partir da reflexão que o sujeito fala e desencadeia estruturas linguísticas organizadas de todo conteúdo significativo.

Alguns usuários da língua se dedicam à explicação da própria língua, pois objetivam a busca de conhecimento, assim como desejam, também, transmitir conhecimentos, acerca do objeto língua. Como de suas peculiaridades, fenômenos e outros que formam todo o conjunto linguístico. Esse conhecimento possui graus diferenciados, como a construção teórico-especulativa cujos usuários pretendem explicitar regras da língua, que por sua vez é de domínio do seu usuário, porém não o usuário comum e desprezioso.

Com isso, seria possível pensar o fenômeno destacado para esta pesquisa, “litote”, como um processo negativo, mas que na verdade possui fundo afirmativo ou contrário a aquilo que realmente se expressa por palavras? Por que é possível reconstruir, reestruturar, arranjar ou arrumar as palavras, sobretudo a linguagem de acordo com as ideias, contextos e outros

elementos? Assim, para a autora a linguagem é um elemento inferior. E seria no sentido de que ela nem sempre seria o elemento adequado para expressar verdadeiras intenções que são proferidas através de palavras, visto que existem outros elementos que não estão sempre presentes de forma explícita na representação por formas linguísticas. Entretanto, Platão diz no Sofista que sem discurso não há filosofia, logo só existiriam palavras ou gramática. Com isso, percebe-se a importância de se estudar a língua viva, em uso.

Na história do homem e da gramática, vê-se que o homem é o animal dotado de capacidade reflexiva e de linguagem. Ele foi privilegiado com um sistema vocal, capacidade de articular sons com significado, e de estruturá-los como linguagem. Além disso, é dotado, também, de mecanismos mentais que possibilitam organizar as regras que integram a gramática de línguas naturais, como o japonês, o francês, o italiano, o espanhol, o português e outras.

Os mecanismos podem ser compreendidos por metáfora, metonímia, eufemismo, litote, metonímia e os outros processos operacionais que juntos a técnica ou arte gramatical serão organizadas de acordo com as necessidades discursivas, contextuais, situacionais e outras. Assim, todo e qualquer homem desenvolve a linguagem e com ela cumpre sua vocação. Em uma sociedade, surgem as necessidades que concernem ao sistema e ao funcionamento da língua que se iniciam nas tentativas de explicação dos processos mentais subjacentes ao funcionamento da linguagem. E de regulamentar o funcionamento em uma língua ou história dela.

Durante a história de existência do homem, surgiu a ciência da linguagem, denominada de Linguística, que adotou a língua e a linguagem como objetos primordiais para suas investigações. A gramática como construto preocupou-se em explicitar as regras que regem a linguagem. A linguística enveredou-se sobre a língua, objeto mental, a fim de dar conta do comportamento verbal do sujeito, da língua que é externa, e que é estudada sem relação com as operações mentais coadjuvantes ao processamento linguístico (gramática funcional). Desse modo é que se vê a possibilidade de estudar operações como a “litote” a fim de se compreender o contexto, o uso e o processo de construção de tais mecanismos.

1.3 A LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

De acordo com a vertente funcionalista, aqui adotada, é o contexto de uso e/ou a situação comunicativa que justifica a formação de determinadas estruturas gramaticais. Desse modo, a

presente pesquisa traz o pensamento de que os fenômenos “litote”, pertencentes à linguagem verbal humana carregam consigo estruturas linguísticas não “vazias”, não descontextualizadas de aspectos distintos. Acredita-se que as construções surjam para melhor atender um propósito de estabelecer, sobretudo, atenuação, polidez e outros quesitos, no momento da interação verbal, como uma necessidade de manter a comunicação, a transmissão de informações e a compreensão da mesma. Além do mais, manter ao mesmo as boas relações que se procura valorizar entre os indivíduos.

A partir da década de 70, a denominação *funcionalismo* ganhou destaque nos EUA, dando visibilidade a estudiosos como Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy e Givón que defendiam a linguística através das situações de comunicação verbal, ou seja, de uso da língua. Deste modo, para compreender as construções sintáticas de forma satisfatória é necessário realizar os estudos de investigação da língua durante os momentos de interações dos indivíduos que, por sua vez, são responsáveis por produzirem discursos referentes ao contexto e/ou demandas de usos nas quais se encontram.

Importantes estudos que trouxeram contribuições significativas para o âmbito funcionalista é a questão da “motivação gramatical”. Com base na noção da arbitrariedade do signo linguístico levantado por Saussure, as palavras são de base arbitrária. Ou seja, o signo linguístico desvincula o significado do significante, havendo então uma relação não natural entre imagem acústica e significado. Givón (1995), afirma ser uma concepção de origem behaviorista de significado, já que ocorre a existência de pensamento como pré-disposto à linguagem.

Para os funcionalistas, outro modelo possível de analisar a língua é considerar a dentro de um contexto de interação, através de seus usos. Dessa forma, nota-se a presença de mecanismos frequentes que se tornam responsáveis pela construção de novos referentes, de acordo com valores funcionais. Para a criação de novos representantes significativos, que por sua vez vão contra o princípio da arbitrariedade levantado por Saussure, o usuário da língua se apoiará em estruturas já existentes na língua, e assim faz surgir novos sons, logo, novos sentidos.

Segundo Cunha, Costa e Cezário (2003), para a corrente funcionalista é o desempenho, ou seja, a capacidade que os indivíduos possuem de utilizar a linguagem de acordo com os contextos comunicativos que é o interesse de investigação dos funcionalistas. Para eles, a *langue* não está dissociada da *parole*, como afirma a dicotomia de Saussure. Entende-se assim,

que a estrutura gramatical é dependente do uso da língua e que é motivada pelas situações de comunicação.

Sendo assim, a perspectiva funcionalista busca meios nos discursos inseridos nos diversos contextos para que assim possa justificar a estrutura linguística. Para os funcionalistas a língua em uso é responsável por criar os sistemas linguístico. E estes, por sua vez, são estudados em situações contextuais bem definidas. Com isso, o estudo da estrutura linguística deve ser realizado dentro do uso da língua nas situações comunicativas.

Com base em Neves (1997), a gramática funcional considera o uso das frases no processo de interação verbal. Dessa forma, tal uso pressupõe uma contextualização dos elementos sintáticos e semânticos das construções linguísticas selecionadas para compor o ato interativo. Nessa perspectiva, a vertente funcionalista prioriza o papel da performance da língua nas situações interativas em que se encontram nos contextos discursivos para a partir de então explicar o sistema linguístico.

Segundo Cunha (2003), a linguística funcionalista centrada no uso, incorpora a linguagem como uma atividade sociointeracional dos seres humanos em contextos culturais. Essa perspectiva levanta a ideia que as formas linguísticas não são arbitrárias como defendiam os estruturalistas, mas sim motivadas pelo uso da língua. Ademais, a vertente funcionalista priorizava o “desempenho”, capacidade que o sujeito tem de utilizar a linguagem de acordo com cada situação comunicativa. Para os funcionalistas a língua deve ser estudada nos contextos de uso, diferente do que defendiam os estruturalistas, pois preconizavam os estudos das estruturas isoladas de qualquer situação de interação. Sendo assim, a teoria trouxe importantes perspectivas no que diz respeito a consideração dos contextos aos estudos da linguagem.

O paradigma cognitivista, de acordo com Almeida (2009), é conhecido como uma espécie de arquipélago, pois reúne um conjunto de ideias teóricas mais ou menos afins. O aspecto comum que envolve a escola cognitivista pode ser compreendido pela *hipótese de motivação conceptual da gramática* em que fenômenos léxico-gramaticais são explicados a partir de mecanismos cognitivos gerais. Dessa forma, há uma crítica a gramática gerativa, que defende a existência de uma faculdade da linguagem autônoma. Ao romper com o pressuposto gerativista, a linguística cognitiva (LC) afirma-se com um pressuposto, o de que a estrutura léxico-gramatical de alguma maneira reflete a estrutura do pensamento. O primeiro corolário afirma que a representação do “conhecimento de mundo” não terá a sua essência diferente da

representação semântica. Em segunda instância, o outro corolário afirma que processos que atuam em outros sistemas cognitivos, por exemplo, mecanismo de atenção, categorização e outros, de algum modo operarão no funcionamento da linguagem.

O primeiro corolário apaga a fronteira entre conhecimento linguístico e conhecimento enciclopédico, ou semântica e pragmática. Assim, elucida-se a ideia de que as palavras trabalham como sinais capazes de ativar uma parte do arcabouço conceptual do indivíduo. Com isso, é importante investigar uma parcela desse arcabouço a fim de descobrir como se estruturam o “conhecimento de mundo”. O segundo levanta a ideia de que é preciso conhecer os funcionamentos dos processos mentais para se desvelar os que motivam a gramática. Desse modo, os corolários formam uma semântica cognitiva interessada em descrever e explicar as línguas naturais.

A “Hipótese da Corporificação” é um importante marco da vertente cognitiva, sobretudo que fornece um novo caminho para os estudos linguísticos diferente do que propõe a gramática gerativa com sua “Hipótese Inatista”. Com base em Ferrari (2011), a *hipótese da corporificação* alega que a língua passa a ser compreendida como o reflexo da experiência do corpo, do ser humano inserido no mundo real. Com isso, a presente concepção não deve ser confundida com a visão realista, em que afirma ser o significado uma parcela do real, pois se entende que a linguagem reflete o real sem que haja interferência humana. Com base nos estudos da corrente cognitivista, o “conhecimento de mundo”, pode ser manipulado por mecanismos cognitivos, são eles os ajustes focais, a metáfora, a metonímia e a mesclagem conceptual.

Desse modo, Traugott e Trousdale (2013), argumentam sobre a discussão de algumas hipóteses em que afirmam que quanto mais esquemática é uma construção mais gramaticalizada ela é, então se a construção for completamente esquemática, ela será a mais gramaticalizada de todas (mas há construções esquemáticas que são lexicais, como os esquemas de formação de palavras). Com isso, verificar-se-á o aspecto de esquematização e, neste caso, o nível gramatical da mesma no estudo sobre a “figura de pensamento” em questão. Com ênfase na Teoria das construções que dá destaque ao estudo do material gramatical e lexical em contraponto a gramaticalização, pois apresenta enfoque no âmbito gramatical apenas.

Para Traugott e Trousdale (2013), parâmetros como esquematicidade, produtividade e composicionalidade atuam de modo mais específico na construcionalização gramatical. Para eles esse conjunto de três elementos variáveis em suas distinções é mais bem constituído do que o pertencimento de apenas duas, esquematicidade e produtividade. De acordo com os

autores, os três parâmetros consideram um conjunto maior de desenvolvimentos gramaticais e sendo assim são dignos de explicações mais completa de seus contextos, além das suas três espécies de expansão.

Assim os autores desejam evidenciar que o agrupamento dos três caminhos de distinção é mais elaborado do que somente a consideração da esquematicidade e da produtividade com em muitos casos é o que se releva na gramática de construções. Para esses autores, esses três elementos contribuem para o desenvolvimento maior gramatical e ajudam na explicação mais completa de contextos e os três tipos de expansão propostos por Himmelman (2004).

Traugott e Trousdale (2013), a análise entre o aumento na produtividade e na esquematicidade, em relação como a diminuição da composicionalidade, conduzem trabalho as características unificadoras das abordagens da GR e GE para a gramaticalização. Dessa forma, os autores relacionam as abordagens GE com a construcionalização gramatical conceptualizada como o desenvolvimento de funções procedurais junto ao aumento na produtividade, variedade de colocações e esquematicidade e as GR como a diminuição na composicionalidade.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), a noção basilar das abordagens do uso defende que as construções novas passam a existir e se expandem de modo gradual e, por consequência, tendem a aumentar a sua frequência de uso ao longo do tempo. A teoria da gramaticalização exhibe que o aumento da frequência token, como resultado da frequência type e na variedade, tem sido parcialmente contemplada, pois explica a redução. Por outro lado, a gramática de construções mostra que a frequência type recebe sua parcela de atenção, porque é o elemento causador da expansão de recursos disponíveis no esquema.

Para esses autores essas mudanças de extensão type são mudanças construcionais pós-construcionalização. Goldberg (1995), a frequência token, mostra-se motivada e o seu significado fonte e distribuição pelas colocações host-class (classe hospedeira/ matriz/ principal). Himmelman (2004), afirma que construções procedurais são relacionais e relativamente abstratas, e podem no decorrer do tempo serem usadas com um extenso número de colocações, denominando assim de expansão host class (classe principal). Esse fator é visto como sendo a adição de um novo “type” dado a lista de construções específicas em um esquema, o que remete a existência de um esquema.

Com base em Traugott e Trousdale (2013), de acordo com o decorrer do tempo, microconstruções podem se tornar mais esquemáticas ou abstratas ou membros mais bem representados de esquemas abstratos. Sendo assim, os próprios esquemas podem se expandir,

aumentando sua quantidade de membros. Os autores afirmam que microconstruções (novas construções-tipo) são usadas na língua e existem em consonância com as construções mais antigas e os esquemas os quais participam são expandidos, assim uma construção “qualquer” como no caso do verbo “ir” pode ser generalizada pelos usuários da língua e abstrair sobre os *types* individuais e desenvolver esquemas.

A noção a ser vinculada é de que construções de *type* suficientes servem de modelos representativos de uma categoria e esta, por sua vez, pode funcionar como um padrão abstrato atrator para *types* de microconstruções e podem aumentar como consequência. Assim, Barôdal (2008), alega que esse fator gera uma extensão e, com isso, produtividade no nível do esquema. Goldberg (2006), afirma que esta é uma interpretação de um ponto de vista histórico, de como itens de conhecimento mais específico podem ao longo do tempo ser conectado ao conhecimento generalizado ou esquemático.

Ademais, os autores discutem a ideia de que o aumento da produtividade está diretamente relacionado ao aumento na esquematicidade. Bybee (2015), afirma que o mecanismo que está presente atrás da produtividade é a analogia de um item específico. Esse mecanismo ocorre em construções de alta e baixa frequência *type*. A analogia como um mecanismo de mudança (analogização) está relacionada com baixa frequência *type* desde que a baixa frequência esteja junto com a coerência semântica e a alta frequência *token*, úteis como modelos. Petré, afirma que a questão da suavidade não é sempre posta em evidência, pois a atração para um esquema altamente produtivo já existente pode ser descontinuada. Os autores argumentam que seja qual for o caminho para um esquema firme, bem encadeado ou amarrado, o resultado da esquematização pode ser a rápida expansão das construções *type*, e por isso, a direcionalidade da expansão não terá em todas as instâncias um caminho suave, o mais comum é que se mostre em curva S.

Eleanor Roch (1973) elucidou estudos sobre a existência de elementos integrantes de categorias que atuam como representantes mais centrais e representantes mais periféricos. Segundo a autora, há propriedades dos elementos que são relevantes para a percepção, e possibilitam que os mesmos sejam mais bem memorizados, e, por sua vez, generalizados também.

A exemplo, Eleonor (1973 apud Almeida 2009) cita a palavra “ave”, que evoca mentalmente a memória sobre pássaros, como a andorinha. Esse pássaro apresenta como características as propriedades como bico, penas, e o mais importante, a capacidade de realizar

voos altos. Possibilidade que algumas aves, como o pato e a galinha não possuem. Para Ferrari (2011, p. 42), entre membros protótipos e membros periféricos há os que se organizam de modo escalar, seguindo descrições prototípicas. Por exemplo, o sabiá, a avestruz e o pinguim apresentam os seguintes traços da categoria ave como ilustrado na tabela seguinte sobre a categorização dos pássaros.

SABIÁ	AVESTRUZ	PINGUIM
tem bico	tem bico	tem bico
tem dois pés	tem dois pés	tem dois pés
põe ovos	põe ovos	põe ovos
tem duas asas	tem duas asas	
tem penas	tem penas	
pode voar		

Dessa forma, observa-se a existência de um chamado protótipo, isto é, o membro que caracteriza melhor uma determinada categoria. Por sua vez, essa assunção se opõe a teoria clássica de Aristóteles sobre a categorização, pois o filósofo alegava que os elementos que pertencem a uma dada categoria dividem um conjunto de características necessárias e suficientes. Teoria essa que impossibilitava os estudiosos compreenderem ideias menos centrais.

Nessa virada de pensamento, pós-aristotélico, aceitou-se a presença das categorias radiais. Estas categorias possuem como centro um protótipo, no qual se estrutura em torno, com seu diversificado grau de afastamento ou proximidade, que dependerá dos parâmetros determinados pelo membro núcleo.

Rosch (1973), ao investigar a estrutura das categorias naturais reflete sobre a questão de qual tipo de entidade pode ser considerada como bons exemplos de uma categoria. Para isso, a autora expõe uma escala que varia de 0 a 7, sendo que 1 indicaria o membro considerado muito bom para representar uma dada categoria. O número 4 seria considerado um exemplo moderadamente bom e o membro de número 7 seria compreendido como um exemplo muito ruim, ou até mesmo um não exemplo. Assim, Eleanor Rosch julga relevante verificar o nível do membro de uma determinada categoria.

A linguística desenvolve métodos de investigação responsáveis por comprovar o nível de pertencimento de um elemento a uma categoria. Para ilustrar sua afirmativa, a autora expõe os elementos cadeira, mesa, telefone, vaso, TV, fogão, geladeira, armário e outros, como

pertencentes à categoria móvel. Dessa forma, elencariam os membros de acordo com o grau de prototipicidade ordenado psicologicamente pelos indivíduos. Assim, os elementos cadeira, armário, mesa seriam melhores representantes da categoria em questão, ficando no nível 1 do grupo móvel. Já fogão e geladeira, por exemplo, são considerados exemplos moderadamente bons e assim se enquadrariam no nível 4 da categoria. Os demais como vaso e telefone são os ditos exemplos não bons da categoria, pertencendo ao nível escalar 7.

Dentro dos estudos da autora há um importante fator que auxilia na compreensão do efeito de protótipo que faz com que os sujeitos compreendam determinados elementos como melhores representantes. Nessa perspectiva, a variável tempo evidenciará mais facilmente o membro protótipo de uma dada categoria, pois é uma importante noção psicológica que ajudará no estabelecimento e no reconhecimento de uma categoria. Para isso, se um indivíduo afirma que “X é um Y” os demais sujeitos associarão rapidamente ou não se aquele elemento é bom representante da categoria. A dizer, é a velocidade da memória acessada pelo indivíduo ao se deparar com uma afirmativa do tipo “X é um Y” que determinará se um dado elemento é um bom representante daquela categoria.

A categoria ave, por exemplo, ativa na mente dos indivíduos a noção de membros que possuem bico, penas, asas e voam, sobretudo, alto. Taylor (1991) com base em Eleonor diz que “um pardal é um pássaro”, e assim os seres humanos associam em menos tempo que o pardal é de fato um pássaro, ou seja, que ele é um bom representante dessa categoria. Pois ele possui bico, penas, asas e apresenta um traço comum dentro dos elementos desse grupo como a capacidade de realizar voos altos. Em contrapartida, diz-se que “um pato é um pássaro” as pessoas tenderam a associar mais lentamente, ou seja, levarão mais tempo para reconhecer que o animal também pertence à categoria supracitada. Não sendo, então, um bom exemplo.

Tais efeitos de protótipos não estão restritos às categorias dadas pelos nomes, os verbos, por exemplo, podem sofrer tais considerações, e os resultados serão os mesmos, ou seja, a existência de elementos prototípicos e outros marginais. Taylor (1991) expõe que na categorização prototípica há um eixo de hierarquização. Por exemplo, um mesmo elemento pode ser chamado de cadeira < móvel < artefato < entidade. Apresentam formas diferentes de nomear o mesmo elemento, porém o da direita “cadeira” é o mais usado, a princípio.

Com base no autor, a hierarquização motiva a afirmação da abordagem clássica de existência de traços definidores das categorias. A interpretação fornece a ideia de que na posição vertical as categorias de níveis mais baixos possuem os traços da categoria superior e

traços que as distinguem da categoria superior. Entretanto, essa afirmativa recebeu fortes críticas, pois não justificava a presença de traços estarem presentes em alguns membros de uma categoria e não estarem em outros membros dessa mesma categoria. O fato de alguns traços serem peculiares a determinados membros e de traços pertencerem a todos os membros de uma categoria. Após as citadas observações, constatou-se que as unidades prototípicas de uma categoria dividem mais atributos que os elementos radiais.

A perspectiva clássica não atribui razão plausível para os diferentes níveis de categorização, sendo assim não representa adequadamente as categorias que existem na língua, já que não reconhecem a presença de membros radiais. O chamado nível básico é o que emerge de modo linguístico e cognitivo em menos tempo na mente e na fala humana, permitindo que os sujeitos conceptualizem as coisas. A exemplo, um falante estrangeiro quando é solicitado a dar nome ao objeto usado funcionalmente para sentar, ele dirá cadeira, nome básico, e não móvel, artefato ou entidade, pois é o de mais recorrente, mais simples, mais perceptual e mais funcional. Desta forma, os termos de nível básico, os mais frequentes no uso devem ser diferenciados dos menos frequentes, como ilustra a tabela sobre categorização por frequência exposta.

Termo de nível básico	alta frequência curtos e simples (monomórficos) Especificados perceptualmente e funcionalmente (ou masculino ou feminino)	
Termo de nível não-básico	Abaixo do nível básico	a-Termos compostos (o básico + modificador) (Cadeira de cozinha) b- Especificados perceptualmente e funcionalmente (ou masculino ou feminino)
	Acima do nível básico	a-Termos desviantes. (ex.: “furniture” morfossintaticamente não é usual: * a furniture/*furnitures b- são vagos e indiferenciados c- são neutros

Segundo Rosch (1975), o termo de nível básico é privilegiado devido ao uso das categorias, pois é ela que vai propor limites às unidades, a partir do conhecimento que se tem da categoria, dos atributos e funções. Assim será possível reconhecer e excluir traços. A saber, com base em John Taylor, os atributos não estão isolados no mundo, ao contrário, estão relacionados entre si, seja de modo positivo ou negativo, ou seja, estão associados com a presença ou ausência de outros atributos. A exemplo, se é aceitável que um ser que possui asas, bico e voa, também é sabido que essa coisa possui a natureza de colocar ovos e se enquadra na

categoria ave. Com isso, os atributos asas e bicos se relacionam com o atributo colocar ovos, mas que nem sempre se associam positivamente com atributo voo, não presente em todos os membros da categoria.

Em contrapartida, Bybee (2016), ao citar o modelo de exemplares sendo eles possuidores de todos os detalhes daquilo que é percebido, seja, por exemplo, um jogo, um pássaro ou um enunciado, possibilita a categorização por diversos traços perceptíveis e não apenas por aqueles que são diferentes. Por exemplo, uma mãe pode ser compreendida por aquela que gera o filho no próprio ventre e dar a luz à criança, mas as que não geram o filho no útero e não passam pelo processo do parto também podem ser consideradas mães, como as adotivas. Mesmo que as propriedades de carregar o filho na barriga e parir não sejam traços definidores e distintivos do conceito de mãe.

Para a autora, o reconhecimento de determinados elementos como integrantes de certa categoria, dar-se a partir da interação de duas dimensões de categorização, a semelhança e a frequência. Embora Eleanor Rosch se posicione contra a ideia da frequência ser um elemento decisivo na categorização de exemplares, ou seja, a centralidade de pertencimento de elementos será considerada em primeira instância, nesta dissertação, a colaboração de Bybee, pois estará em conformidade com a vertente de estudos da linguagem justificada para o trabalho. Em experiências foram observadas que a frequência de determinados elementos definia o rumo da categorização, pois quando há aumento de por exemplo um elemento x no grupo analisado, ocorre então a identificação do elemento responsável pelo o enquadramento de x como membro central de uma categoria.

Sendo assim, compreendendo que as construções são objetos linguísticos convencionais e não naturais, que dividem atributos, acredita-se que a frequência de ocorrência pode “motivar” a categorização na língua. Nessa perspectiva, é possível considerar que fazer usos reais da língua é o mesmo que acessar representações armazenadas na mente de acordo com as vivências do indivíduo. E as representações que são acessadas mais rapidamente são as de maior frequência, por isso são também as mais usadas nas interações contextuais, que por sua vez permitem a categorização de novos itens. Devido a isso, um membro central normalmente será compreendido como de alta frequência de uma determinada categoria, e o frequente acesso a ele significa que a categorização pode se realizar com base nele e/ou referência ao mesmo. Desse modo, a relação entre a semelhança e a frequência resultará em uma categoria cujo membro de maior referência (prototípico) é aquele mais frequente.

A concepção de correlatos perfeitos vista na teoria aristotélica são raros. O que existe é a presença de traços necessários para o pertencimento a uma determinada categoria. Sendo assim, Eleanor Rosch lança a hipótese de as categorias de nível básico maximiza o número de atributos partilhados pelos membros de um grupo e minimizam o número de atributos partilhados pelos membros de uma categoria. É possível verificar que não há uma razão específica para a existência de um nível básico de categorização ou um de protótipo. Porém, foram lançadas estimativas sobre as propriedades presentes na percepção humana; a tendência frequente da ocorrência dos elementos prototípicos, devido à aquisição primária dos mesmos; a importância dos atributos dos protótipos para a sociedade; a capacidade de armazenar novos atributos.

Segundo Almeida (2009), a concepção de protótipos e das categorias radiais têm contribuído em grande escala para a compreensão de fenômenos linguísticos que antes não eram explicados de modo satisfatório ao alegar a existência de todos os elementos. Mesmo que nem todos assumam graus de centralidade em relação à categoria em análise. Então é este o ganho significativo da teoria dos protótipos, ou seja, a possibilidade de fazer compreender todos os elementos que integram uma categoria, mesmo que nem todos esses elementos apresentem o mesmo nível de centralidade, de acordo com a categoria exposta. Além disso, a teoria dos protótipos é de grande relevância para os estudos linguísticos, porque não se destina, apenas, ao estudo dos nomes. Pode ser aplicada à análise das demais classes gramaticais.

1.4 CATEGORIZAÇÃO E CONSTRUÇÕES

O fenômeno de categorização é um movimento de importante ocorrência realizado pela mente humana. Os indivíduos, vista a necessidade de nomeação dos seres e/ou coisas, realizam processamentos cognitivos de caráter associativo e representativo que permitem identificar e designar elementos de modo categórico, agrupando-os em diversos grupos, sobretudo exteriorizando as representações em modelos de exemplares. A fim de contribuir para a compreensão do processo de categorização, vê-se a relevância de atribuir observações acerca da natureza dessas categorias que segundo Bybee (2016) são criadas para as posições mais abertas nas construções e como a frequência de tipo e de ocorrência interagem com a categorização semântica para determinar as propriedades dessa categoria, grau de esquematicidade e produtividade.

Com base no livro “Língua, uso e cognição”, “construções são pareamentos de forma e significado (em que significado também incluiu pragmática), que frequentemente têm posições esquemáticas que variam com relação à quantidade de itens lexicais” (BYBEE, 2016, p.128). Segundo a autora, as construções possuem material lexical explícito, como por exemplo, a palavra em língua inglesa *way* (‘caminho’) ou *what* (‘o que’). A construção está presente desde as unidades monomórficas até a palavras complexas, expressões idiomáticas, estruturas agentivas e passivas, sendo todos oriundos de um cruzamento entre forma e significado. No entanto, são mais frequentemente denominadas de construções as estruturas morfossintáticas complexas, e apresentam uma parte esquemática. As posições esquemáticas são representadas pela variável “Y”, vistas nos exemplos extraídos no livro “Língua, Cognição e Uso”, apresentado por Bybee (2015, p. 18):

(a) a. *Mr. Bantam corkscrewed his way through the crowd* (Israel, 1996)

‘Mr. Bantam abriu caminho através da multidão, contorcendo-se.’

a. SUBJECT VERB (MANNER OF MOTION) POSS PRO₁way ADVERBIAL
 ‘SUJEITO₁ VERBO (MODO DO MOVIMENTO) PROSS PRO₁ WAY
 ADVERBIAL’

(b) *What BE SUBJECT doing Y?*

‘O que ESTARSUJEITO fazendo Y?’

A idiomatidade da língua foi estudada por Fillmore, Kay e Connor (1988) que expuseram as propostas iniciais sobre as propriedades de construções. A partir da intenção de compreender a gramática como construção, argumentaram que os sujeitos detêm conhecimento sobre a língua que vai além das normas gerais, como sujeito, objeto, orações etc. Existem expressões que possuem forma especial, efeito semântico e pragmático que não podem ser compreendidos apenas por princípios mais gerais de gramática, pois não estão ligados diretamente a itens lexicais específicos ou significados específicos. Desse modo, as suas observações abrangem usos linguísticos mais vivos. É possível exibir uma forte interação entre itens lexicais específicos e estruturas gramaticais, como os complementos oracionais, que dependem inteiramente do verbo específico da oração principal.

Exemplo, postos por Bybee (2015, p. 129) “achar” *think* em uma oração finita comum (*I think it’s going to snow* [‘Eu acho que vai nevar’]) e *see* (‘ver’) torna um complemento como

sendo gerúndio (*I saw him walking along* [‘Eu o vi caminhando’]). As construções justificam que a interação entre sintaxe e léxico é muito mais ampla e complexa do que a natural combinação de um verbo com o seu complemento. Assim, Langacker (1987) alega que há inúmeras expressões convencionalizadas que fazem parte do conhecimento que os falantes possuem de uma determinada língua. Tais construções convencionalizadas, quando surgem, seguem padrões gramaticais da língua, mas apresentam combinações convencionalizadas que são específicas. Nessa perspectiva, Langacker (1987), afirma que toda gramática pode ser compreendida em termos de construções.

Por sua vez, a observação da gramática por um olhar construcional permite que se analise quesitos de suma importância nos estudos das estruturas construcionais como diferenças de frequência, de produtividade e de esquematicidade no uso da língua e não apenas diferenças estruturais, permitindo então, a comparação das construções em diferentes níveis. Goldberg (1995), argumentou em relação a elementos gramaticais, como o verbo, que esse pode aparecer em construções diversas e, por isso, ele próprio não pode ser o elemento suficiente para determinar o argumento que pode ter, e assim determinar, também, o significado da construção.

A construção, assim como a sua aquisição e sua formação relacionam-se ao domínio do *chunking*, que experiências são reaproveitadas como elementos simples. As estruturas esquemáticas de construções são baseadas em categorizações específicas item, que são associadas pela propriedade cognitiva de semelhança. Normalmente, as construções são elaboradas para ocuparem o espaço de modelos exemplares, pois são baseadas na superfície e assim podem surgir da categorização de enunciados em uso. Esses modelos acumulam instâncias específicas e abstrações de uma representação mais generalizada dessas construções.

1.5 ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

Segundo Oliveira (2015), os estudos funcionalistas contemporâneos dedicam ênfase à descrição e à análise da construção gramatical, considerando importante os usos nos variados contextos de produção. Sendo alguns dos estudiosos, Croft (2001), Croft e Cruse (2004), Goldberg (1995, 2006) e Langacker (2008), Fillmore (1968) e outros. Para esses autores, a estrutura linguística é elaborada na experiência, histórica e cotidiana, dos indivíduos.

O ponto de maior interesse neste trabalho é visto no direcionamento dado pelos estudos funcionalistas contemporâneos que dedicam atenção a concepção de construção gramatical,

definida por Goldberg (1995, 2006) como pareamento convencionalizado de sentido e forma, como esquema simbólico a partir do qual são instanciados todos os componentes da gramática. O sentido construcional é compreendido como maior ou diferente em relação à soma do sentido de seus componentes, e cada um dos componentes concorre para que o sentido geral se instaure. Sendo assim, a atenção maior é dada à instanciação de esquemas, na relação entre as partes e subpartes e não nos itens isolados e/ou específicos.

Com base no autor, a construção é assumida como unidade gramatical básica e fundante. Por sua vez, a língua é admitida como um conjunto de construções específicas que assumem hierarquias, que no momento que são interligadas formam uma vasta rede composta de propriedades fonológicas, morfossintáticas, semânticas e pragmáticas. Como apresentou Croft (2001, p.18) em seu quadro ilustrativo.

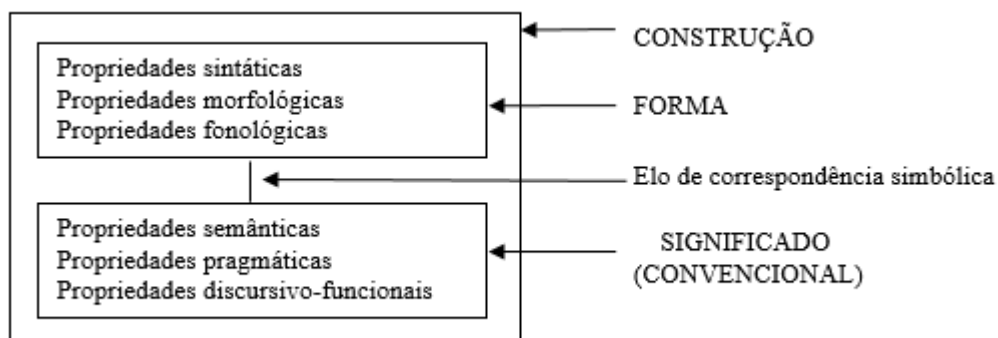


Figura 1. Propriedades de forma e sentido da construção (Fonte: Croft, 2001)

Conforme o conteúdo exposto no segundo quadro, verifica-se a ausência de qualquer tipo de prioridade em qualquer eixo, forma e sentido, pois o objetivo da Teoria da Construcionalização está na correspondência simbólica. O trabalho de Croft (2001) assume grande importância uma vez que enfatiza maior rigor aos estudos nesse âmbito, já que julga crucial a identificação das propriedades apresentadas (seis) para a eficácia da interpretação e descrição das construções, que se interligam e compõem uma rede de unidades convencionalizadas, chamadas *deconstruction*.

Em contrapartida, Traugott e Trousdale (2013, p.13) levantaram três noções amplas e relevantes, que são dados como parâmetros que servem para a classificação das construções de uma determinada língua, em que dois estão mais voltados para a forma e o outro para o sentido.

É o tamanho (atômica, complexa, intermediária), a especificidade fonológica (substantiva, esquemática, intermediária) e a conceptualização (conteudista, procedural e intermediária). A primeira dedica-se a dimensão das construções como desinência, palavra simples, compostas de morfemas; complexa, formada por sintagma ou palavra composta, e intermediária, constituída por prefixação.

O segundo aspecto ocupa-se da especificidade fonológica da construção, sendo que quanto mais especificidade de preenchimento significa menor esquematicidade virtual. Assim, as construções se dividem em maior parte em substantivas ou idiomáticas, como termos lexicais, frases feitas, e mais esquemáticas e virtuais, como SV e SPrep, e o grupo intermediário, como o adjetivo *–mente*. A terceira perspectiva, o eixo do sentido, preocupa-se com o conceito que é associado; podendo ser lexical, como os nomes e verbos. Ou mais procedural, como o das categorias gramaticais, como o de desinências ou conectores. Havendo, também, o aspecto intermediário que demonstra o sentido da modalização ou o da evidencialidade.

Nessa perspectiva contextual da pesquisa funcionalista é possível verificar a relação da vertente com a abordagem construcional da gramática. Assim, a abordagem centrada no uso propõe a relação de duas dimensões formais (tamanho e especificidade fonológica) e uma dimensão semântica (conceptualização) demonstrando a importante vinculação função <> forma para a conceptualização da construção gramatical.

Desse modo, a conexão do Funcionalismo com o Cognitivismo fornece ideias, como a) classe do léxico e da gramática partilham traços e se dispõem em trajetória; b) a unidirecionalidade do clássico ciclo funcional (GIVÓN, 1995) é tomada tão somente como direcionalidade, assumindo-se a conexão construcional em rede e seus cruzamentos; c) o uso linguístico passa a ser entendido em sua dupla face – como instanciação de construções, o *token* empiricamente comprovado, e ainda como ambiente em que novas mudanças construcionais se originam motivadas por fatores de ordem pragmático-comunicativa e cognitiva, além dos estruturais.

A abordagem construcional da gramática, Oliveira (2015) é uma teoria do uso que dedica maior atenção às construções atômicas e complexas, demonstrando, também, interesse em esquemas mais abstratos da organização linguística. Por sua vez, esses processos podem surgir a partir da interação dos sujeitos que negociam significados novos durante a interação verbal, e assim, cooperam para o êxito da comunicação, diante das necessidades demandadas por ordem pragmática. De acordo com Traugott e Trousdale (2013, p.1), na abordagem

construcional, a língua é compreendida como um entrecruzamento de pares de forma e de significado.

Entretanto, essa rede apresenta instabilidades que podem originar mudanças linguísticas. Sendo possível a abertura de margem para a postulação de dois processos na teoria da construção, como a construcionalização e as mudanças construcionais, podendo ser formas de reinterpretar fenômenos como os de gramaticalização e de lexicalização de modo construcional. Um aspecto crucial da abordagem construcional está em um aspecto cognitivista da construção em que afirma que a mente do indivíduo conceptualiza ou constrói as vivências do mesmo no mundo. Por isso, os níveis de especificidade/esquematicidade, produtividade e composicionalidade correlacionados à questão da (inter)subjetividade, são fatores fundamentais para a análise linguística.

De acordo com Bergs e Diewald (2008, p.5), o processo de construcionalização define-se pela formação de novas construções, sendo unidades geradas a partir de materiais independentes. Consiste na criação de um pareamento de forma nova com significado novo. O tal processo geralmente ocorre por meio de neoanálise (nova interpretação e não uma reinterpretação) e analogias no âmbito pragmático, percorrendo o campo semântico até o campo formal. Para Oliveira (2015), no plano da pragmática, a construcionalização emerge a partir da negociação de inferências sugeridas, que com o passar do tempo se convencionalizam no nível do esquema (macroconstrução). Himmelman (2004) denominou de expansão semântico-pragmático o processo que é parecido com a construcionalização.

Há duas formas de construcionalização definidas como gramatical e lexical. A gramatical é compreendida pelo desenvolvimento de sucessivas mudanças em pequenos passos no par forma e significado, de caráter mais procedural. Por outro lado, a lexical está associada ao desenvolvimento de novos significados de forma e significado. E, por sua vez, a parte do significado está relacionado em primeiro lugar com uma semântica mais concreta e a parte da forma às categorias de nome, verbo e adjetivo.

Além disso, o artigo “Funcionalismo e Abordagem Construcional da Gramática” alega que as mudanças construcionais são definidas como modificações que atingem as características que já existem nas construções. E, por sua vez, se dá no nível da forma ou do significado. Essas transformações acontecem a partir do uso da língua, não gerando sempre o surgimento de novas construções. As mudanças construcionais podem acontecer antes ou depois do processo de construcionalização. As que ocorrem antes, pré-construcionalização,

normalmente estão relacionadas à expansão semântica pragmática e pequenas mudanças de distribuição.

As que ocorrem depois, pós-construcionalização, englobam expansão colocacional e em alguns casos a redução fonológica e morfológica. Nessa perspectiva, Traugott e Trousdale (2013, p.91 – 92) assegura que a mudança linguística segue as etapas seguintes, como a Inovação (O ouvinte interpreta o construto e o analisa de uma maneira diferente daquela que o falante expressou, ele reutiliza o construto com o novo sentido). A convencionalização (Outro ouvinte passa a utilizar o construto com o novo sentido em nichos específicos; a Construcionalização (Quando a neoanálise morfossintática e semântica convencionaliza-se na população de falantes, cria-se uma nova microconstrução; a Pós-construcionalização (A nova microconstrução pode ser expandida e reorganizar-se em subesquemas) e, por último, a redução de formas.

Sendo assim, serão enumerados os fatores considerados relevantes para análise dos processos de construcionalização e mudanças construcionais, que são elencados por Langacker (2005) como esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A esquematicidade diz respeito ao escopo construcional (o grau de generalidade das propriedades formais e funcionais da construção. É possível defini-lo como uma generalização taxonômica que direciona para padrões de experiências rotinizados. Sendo a esquematicidade abstrações inconscientes percebidas pelo falante, que irão dar margem às mais variadas construções existentes na língua.

A esquematicidade, aqui, deve ser compreendida como um *continuum*; desse modo existem construções mais esquemáticas e abstratas, assim como há construções menos esquemáticas. E essa proporção tem a ver com o nível de generalidade e/ou especificidade da construção. Exemplo, a palavra pardal (pássaro) é mais específica e menos geral do que a palavra ave. Animal, já é menos específico e mais geral que a palavra ave. Havendo, assim, um nível de gradiência entre as construções. Na categoria gramatical, pode-se dizer que os advérbios são mais gerais e menos específicos que os adjetivos, por exemplo.

De acordo com Goldberg (2006), os falantes possuem conhecimento dos itens específicos, assim como os esquemáticos ou generalizados, já que também são integrantes da cognição humana. A criação de novos construtos a partir de um esquema mais geral é denominada sanção, no entanto, ela não é sempre total, pode ser parcial também. Desse modo, o entendimento de que as construções não devem ser compreendidas apenas no âmbito da convencionalidade, ou seja, de que elas não são estaticamente convencionais, é o ponto crucial

para a mudança linguística e para o surgimento de novos esquemas, que atuam como um gatilho para as inovações. Por sua vez, as construções abstratas podem ordenar construtos ainda não atestados na língua, sendo possível postular que a criatividade do sujeito, elaborador de novas instanciações, provém do conhecimento que esse tem sobre esquemas da língua.

A produtividade com vitalidade construcional (com que frequência novas instâncias podem ser geradas por um esquema construcional) apresenta gradiência, assim como a esquematicidade possui o atributo da frequência. Com base em Traugott e Trousdale (2013, p.17), a produtividade de uma construção faz parte do nível dos esquemas e diz respeito a sua extensibilidade que são (i) o grau em que os esquemas sancionam outras construções menos esquemáticas; (ii) o grau que tais esquemas são restringidos. As contribuições de Bybee (2003) sobre a distinção entre frequência de tipo (*type frequency*) e frequência de ocorrência (*token frequency*) são correlacionadas a frequência de construção e frequência de construto. O fator frequência é altamente importante nos estudos funcionalistas, construcionais e outros, já que ela pode ser a responsável pela rotinização e cristalização de novos usos presentes na língua em análise.

A composicionalidade com alinhamento construcional (em que medida um esquema construcional é criado de maneira previsível ou não a partir de seus componentes) diz respeito ao nível de transparência entre forma e significado no nível da construção. Há dois níveis diferentes, o da composicionalidade semântica, relativo à soma dos significados das partes, diz-se que uma construção é mais composicional em termos semânticos quando existe a recuperação do significado das partes no significado todo. A composicionalidade sintática está relacionada ao nível de integridade morfossintática das subpartes, na ideia de que quanto mais composicional, mais essas subpartes conservam as propriedades gramaticais de sua categoria primária.

As construções em análise em uma língua possuem uma hierarquia formada a partir de três níveis: esquemas, subesquemas e microconstruções. Esses níveis são explicados a partir dos graus de generalidade e abstração que os definem. Segundo Traugott e Trousdale (2013), o esquema é desempenhado pela classe dos quantificadores, nível mais alto da hierarquia constitucional. No nível intermediário estão os subesquemas dos quantificadores que representam grandes quantidades e dos quantificadores que representam pequenas quantidades. No nível mais baixo estão as microconstruções, que se representam no discurso por meio das diversas construções.

Para os autores todo usuário da língua que dominam as microconstruções têm conhecimento sobre os subesquemas e esquemas que estruturam as mesmas. Assim sendo, é possível afirmar que os construtos são instanciações concretas do uso da língua, são as produções do usuário. De acordo com Bybee (2010), o construto auxilia na modelagem da representação mental da língua, sendo um ponto de partida para a inovação. E, por fim, as inovações dos construtos estão relacionadas a níveis mais abstratos das construções, permitindo o surgimento de novos usos.

1.5.1 Esquematicidade

No âmbito dos estudos construcionais, esquematicidade se refere à definição substantiva da categoria, que referirá às propriedades semânticas quanto às fonéticas ou a padrões de caráter mais holístico. Ao imaginar a estruturação de uma escala de esquematicidade, a parte mais baixa guarda construções mais fixas, por outro lado, a esquematicidade mais alta é a função da variação de uma categoria. Bybee (2016, p. 128) expôs osexemplos:

(a) “Mr. Bantam corkscrewed his way through the crowd (Israel, 1996).

‘Mr. Bantam abriu caminho através da multidão, contorcendo-se.’

(b) *What’s that box doing here?*

‘O que esta caixa está fazendo aqui?’.

Conforme apresentou Bybee (2016), em (a) e (1b) há elementos que são fixos, “*way*” e “*What’s*”, que por sua vez não podem ser flexionados de qualquer forma e o restante das duas construções são mais ou menos esquemáticas e por isso podem ser flexionados para que possam fazer as concordâncias necessárias como com o sujeito. As construções mais específicas possibilitam o pequeno grau de variação em uma posição, fazendo emergir uma categoria com baixo grau de esquematicidade.

A categoria mais esquemática apresenta adjetivos que podem armazenar outros adjetivos semanticamente próximos, em que um pode ocupar criativamente a posição do outro na construção. Exemplo apresentado por Boas (2003), *drive someone* (‘deixar alguém’), mad

(‘louco’), *crazy* (‘maluco’), *insane* (‘insano’), *wild* (‘furioso, nuts (‘doido’), *up the wall* (‘subir as paredes) e outros. Sendo assim, as categorias como as exemplificadas são classes que apresentam grau mais elevado de esquematicidade e de generalidade, e podem ser encontradas no nível dos nomes e dos verbos.

1.5.2 Produtividade

A produtividade refere-se às chances que uma construção tem de ser aplicada a um novo item. É uma parte integrante das categorias formadas por posições abertas em uma construção, em que cada posição lexical presente em uma construção apresenta seu grau de produtividade. A exemplo, uma frase que possui um verbo mais um complemento mais um predicativo, como na frase apresentada por Boas (2003, p. 2003) “*drive someone crazy*” (‘deixar alguém maluco’). Estas exposições lexicais que podem ser substituídas por outras de mesmo valor gramatical como o verbo ‘deixar’ pode ser trocado por outro verbo, ‘enviar’.

Assim como o adjetivo ‘maluco’ pode ser substituído por uma vasta quantidade de outros adjetivos, tornando a construção mais produtiva. A posição do verbo, por sua vez, é menos definida, pois se acredita que o sentido que se deseja expressar não é denotativo, sobre a razão de deixar algo. Entretanto, o seu sentido ampliado permite observar que a posição desse verbo é menos definida no seu significado do que a posição em que o adjetivo aparece. Assim, mostra-se mais esquematicidade em relação ao próprio adjetivo, evidenciando que a relação entre produtividade e esquematicidade é independente entre si.

A frequência de tipo é um quesito fundamental da produtividade, quanto maior o grau de frequência de tipo, maior será também a produtividade. Por outro lado, a frequência de ocorrência alta apresenta contribuição menor para a produtividade devido à autonomia e perda da analisibilidade. Ademais, a esquematicidade reduz a capacidade de expansão da produtividade.

De acordo com Bybee (2016), por trás da produtividade está presente a analogia específica dos itens. Com a frequência de tipo mais alta é mais fácil de ser usada para a construção de um enunciado novo do que a frequência de tipo mais baixa, pelo motivo de existir mais candidatos para a analogia se basear. A análise gramatical é bastante útil para a ocorrência de baixa frequência e fornece importante colaboração para a produtividade.

Em contrapartida, a autonomia relativa de ocorrência de alta frequência não contribui para a produtividade da construção geral. Assim que um exemplar de uma construção alcança alta frequência de ocorrência, ele passa a ser processado de modo que não ative mais outros exemplares existentes da construção e, desse modo, passa a perder analisabilidade e composicionalidade. Com isso, compreende-se também que a frequência de ocorrência não é um fator determinante de produtividade, pelo contrário, diminui no âmbito da morfologia e da morfossintaxe quando é alcançado certo nível de autonomia. Logo, construções que são representadas, sobretudo por membros de alta frequência ou expressões formulaicas apresentam como tendência, serem menos produtivas.

A partir disso, a noção de frequência permite que nesta pesquisa, se direcione um olhar para observar como se dão as construções de litote que consiste em negar com o intuito de afirmar de um modo geral. A fim de buscar quais tipos de elementos de cunho negativo são mais frequentes na construção e no uso do fenômeno, se esses são usados como fórmulas que transmitem intenções específicas.

Em Bybee (2016), sabe-se, então, que os exemplares de frequência alta de uma construção são os membros mais centrais de uma categoria e atraem novos membros para uma construção. A autora também constatou que em frequências muito altas, os exemplares podem passar a ser autônomos, e, por isso, podem gerar uma nova construção. Esses membros dotados de autonomia não cooperam para a categorização ou produtividade, pois permitem que formem sua própria construção. Devido a isso, existem duas espécies de comportamentos dependentes dos graus de frequência de uso .

Segundo Bybee (2006), quando uma construção possui um item lexical particular se torna altamente frequente, ela passa a ser processada como unidade. E quanto mais frequente uma construção é processada diretamente como unidade, se torna menos provável que ela ative outras unidades ou a construção que ela pertence. Assim como é presumível que a eliminação de sua analisabilidade. No mesmo instante, o uso de contextos específicos auxilia para a mudança no significado, que, por sua vez, reduzem a composicionalidade e fazem o antigo exemplar de uma construção distanciar-se de sua origem.

1.6 A VISÃO DE CONTEXTO NO ÂMBITO DA CONSTRUCIONALIZAÇÃO

O estudo sobre a questão contextual que envolve a construcionalização traz importantes considerações acerca do quesito “contexto” presente em todos os aspectos da linguagem. Nesse sentido, buscar-se-á compreender de modo geral, os possíveis contextos que estão inseridos e que podem influenciar as determinadas construções, sobretudo as do tipo “litote”. Pois tendo em vista que a formulação da linguagem não é posta de modo vago, desprezioso e aleatório no mundo, mas sim motivada por inúmeros quesitos, entre eles os seus contextos. Então observar-se-á os tipos de contextos que as construções litóticas evocam no uso. Dessa forma, julga-se relevante a noção de contexto de acordo com a óptica da linguística funcional centrada no uso para a realização de um estudo exploratório do tema de pesquisa proposto.

De acordo com Bergs e Diewald (2009, p.03), a noção de contexto traduz-se por ser “a área de sobreposição entre pragmática e discurso”. Desse modo, contexto é compreendido como um aglomerado estruturado de significados pragmáticos não posto de modo explícito e relevante. Alguns são relacionados a enunciados anteriores e evocados a partir de construções. Junto à ideia de contexto pragmático e discursivo, atribui-se à noção de que há diferentes contextos, como os formais, que adicionam distribuições sintagmáticas específicas, *priming* e outros. Há, também, os contextos de rede, que se justificam sendo espécies de nós relacionados que permitem pensamentos analógicos. Fatores como conhecimento de mundo, contextos sociais, gênero, localizações de enunciados podem trazer suas contribuições e influenciar os diferentes contextos.

Compreende-se então que as construções são entendidas e assumem determinados valores quando inseridas em seus contextos de uso, e não verdadeiramente como palavras isoladas. Ou seja, uma unidade para qual a gramaticização se aplica de forma correta são construções e não elementos lexicais isolados.

Para alguns estudiosos, não é de fácil realização, a distinção entre “contexto” e “contexto”. Compreende-se por “contexto”, tudo aquilo que está envolta do aparato linguístico, junto à sintaxe, à morfologia, à fonologia, e à semântica, à inferência pragmática, às modalidades escritas e faladas, e em alguns casos, os contextos sociolinguísticos e os discursivos maiores. Para melhor entendimento do que seja o contexto em uma visão funcionalista, são considerados os seguintes fatores:

(a)O fluxo linear da fala e da escrita (o eixo de combinação, as relações sintagmáticas e a indexicalidade);

(b)As alternativas disponíveis (o eixo de similaridade, escolha, paradigmaticidade e iconicidade);

(c)As mudanças sistêmicas e mais gerais afetando nós e links da rede linguística no tempo.

Acredita-se que o estudo do contexto para o desenvolvimento desta pesquisa deve ser incorporado para a investigação dos diversos fatores envolvidos no processo construcional do objeto a ser investigado. Pois se acredita que os cenários constituintes dos elementos em análise auxiliem na explicação, na imaginação e na descrição dos elementos analisados.

Em uma neoanálise, o estudo sobre a ambiguidade mostra-se relevante na reflexão sobre novas interpretações. Heine (2002) e Diewald (2002, 2006), afirmam que deve a ambiguidade no ponto estrutural ser evitada, mostrando-se a favor de uma ambiguidade pragmática não explícita.

Heine (2002), por sua vez, refere-se a “contextos ponte”, compreendidos como inferências pragmáticas e Diewald (2002, 2006), faz referência a contextos “atípicos”, e aos “críticos” com “múltiplas ambiguidades estruturais e semânticas. O texto, em muitos casos expressa que instâncias de construcionalização gramatical foram precedidas por ambiguidade, mas como não é em todos os casos, essa não pode ser tomada como um pré-requisito para a neoanálise na construcionalização gramatical.

Na literatura cognitiva, "imprecisão, polissemia e homonímia representam um *cline* de diminuição de esquematicidade e aumento da saliência instanciada" (LEWANDOWSKA-TOMASZCZYK, 2007, p.158). Desse modo, apresentam-se em um *continuum* difíceis de ser identificado em casos particulares, principalmente o histórico. A ambiguidade é tema principal nos estudos pragmáticos, sendo assim, Sweetser (1990), constatou que a ambiguidade no campo da pragmática é uma semântica única, porém se aplica de modos diferentes e, com isso, depende da pragmática do presente momento, ou seja, o contexto pragmático, em que a construção ambígua se insere.

Afirma-se que "Não há divisão clara entre os aspectos do sentido que são deriváveis a partir do contexto e aqueles que são inerentes ao item ou à construção lexical" (BYBEE, 2010, p. 52). Para Goldberg (1995), o termo polissemia pode ser referido a similaridades de sentido

entre usos de itens lexicais, sendo na verdade similaridades de sentido entre subesquemas sincrônicos, que permitem fazer pontes de ligação entre as construções em uma rede, por aparentarem sentidos interligados. Baseia-se em processos cognitivos e pragmáticos como extensão metafórica e implicaturas conversacionais elencadas por Paul Grice.

Por fim, entende-se que a noção sobre os contextos que envolvem o fenômeno de construcionalização seja aspecto de relevância para uma investigação profunda no que tange a complexidade de entendimento do processo construcional constituinte do fenômeno da “litote”. Logo, acredita-se que o entendimento da forma e do sentido que estão envolvidos no processo construcional selecionado para esta pesquisa, a saber, a “litote”, seja mais bem compreendido e detalhado ao considerar os contextos relacionados ao processo, desde o contexto inicial, ao pragmático e quais forem necessários. Caso sejam.

1.7 A CONTRIBUIÇÃO DAS NOÇÕES DE CONTEXTO, DE IMPLICATURAS CONVERSACIONAIS E DE POLIDEZ

Acredita-se, nesta pesquisa, que a perspectiva pragmática possa trazer contribuições relevantes no que diz respeito à interpretação e à compreensão do objeto selecionado para este estudo, que são escritos através de materiais linguísticos. Entretanto em muitos casos, senão todos, os elementos explícitos não são suficientes para a compreensão satisfatória do texto lido, permitindo a realização de implicaturas que surgem para dar conta do significado vinculado por trás daquilo que é dito e que faz parte do contexto.

De acordo com Koch e Elias (2007), o texto há tempos atrás era visto apenas como uma sequência de frases que possuíam sentidos sozinhos. Porém com a elucidação das teorias pragmáticas (teoria dos contextos) o texto passa a ser compreendido a partir de um todo contextual que o envolve e possibilita a sua interação entre os indivíduos. Assim, os autores afirmam que para se compreender os sentidos dos elementos textuais era indispensável observar a situação em que a comunicação inseria-se. A saber, valoriza-se a importância do contexto sociocognitivo, entendidos como os conhecimentos enciclopédico, lógico, experiencial e outros que se conjugam as situações que envolvem a interação verbal.

Segundo Armengaud (2006), no contexto valoriza-se toda a situação concreta a qual os atos de fala são emitidos, o lugar, o tempo, a identidade dos sujeitos falantes e outros quesitos são de suma importância para a produção de sentido do que é dito. Com isso, verifica-se que o

contexto é o suprasumo na compreensão do que é dito. Por meio dele torna-se possível o estabelecimento de significados que são instaurados mediante a interação dos sujeitos do texto, ou seja, os elementos fundamentais supracitados e indispensáveis que constituem o elemento contextual e formam o significado. Junto a eles, é importante a interação dos falantes e conhecimento do contexto para que os mesmos construam a significação adequada. Koch (2006) faz uma sucinta explicação sobre o que é o contexto, através do uso da metáfora do *iceberg* e assim define a sua compreensão de contexto.

[...] a metáfora do iceberg – que tem uma pequena superfície à flor da água (o explícito) e uma imensa superfície subjacente, que fundamenta a interpretação (o implícito), podemos chamar de contexto o iceberg como um todo, ou seja, tudo aquilo que, de alguma forma, contribui para ou determina a construção do sentido.

A pragmática objetiva realizar um estudo da língua a partir da perspectiva dos falantes, observando as escolhas feitas pelo autor e o uso da língua na sua função social. A pragmática é uma perspectiva dos estudos da linguagem que realiza estudos dos significados advindo dos seus contextos comunicativos e os demais e não como palavras isoladas e destituídas de tal elemento.

Segundo Vidal (1996), pragmática é o estudo dos princípios que regulam o uso da linguagem na comunicação, levando em consideração os fatores extralinguísticos, responsáveis por determinar a linguagem. Com base na autora os conceitos básicos da pragmática são baseados em duas classes, uma da natureza material que envolve o emissor, destinatário, o enunciado e a situação espaço-temporal, ou seja, o contexto, e outra de natureza não material, que cuida os diferentes tipos de relações estabelecidas entre as entidades físicas materiais, gerando, nesse caso, princípios reguladores da conduta que se objetivam em forma de leis empíricas.

O conteúdo pragmático, ou seja, a informação é o conjunto de conhecimentos, crenças, opiniões e sentimentos de um sujeito falante, os quais são interiorizados na realidade objetiva. O emissor e o destinatário vivenciam experiências enquanto sujeitos inseridos no mundo e assim adquirem armazenam as realidades observadas. Sendo assim, a informação pragmática compreende tudo o que forma o universo mental, abrangendo os mais objetivos aos mais pessoais. A informação pragmática é composta de três subcomponentes importantes, o geral, que compreende o conhecimento de mundo e suas características naturais e culturais; um

sentimental, que abarca o conhecimento derivado do que os interlocutores percebem durante a interação e a contextual, que inclui o que se deriva das expressões linguísticas trocadas no discurso imediatamente precedente.

Vidal (1996), afirma que a linguagem é uma das ferramentas utilizadas na relação interpessoal. O emissor quando entra em contato verbal com outra pessoa, já está estabelecendo um tipo de relação. E a natureza desta mesma relação é dependente de complexos fatores sociais, que chamados de variáveis nas interações e irão determinar o grau de distância entre os interlocutores e são eles a idade, o sexo, o grau de conhecimento prévio, a posição social, a autoridade e a hierarquia

A partir da noção geral que envolve os estudos centrados na perspectiva pragmática, autores como Austin (1962) e Searle (1969) desenvolvem a Teoria dos Atos de Fala para dar conta das ações praticadas através do enunciado. A comunicação é composta de ideias, intenções que combinadas através de regras fazem emergir as palavras, porém Austin (1962) afirma que a mesma é constituída de ações, ou seja, dizer algo é agir.

Assim, uma frase, normalmente não é uma forma exata de transmitir informações, pois quando um locutor profere a mensagem “Está calor aqui”, acredita-se que a sua intenção não seja apenas de falar sobre a temperatura, mas pode haver um pedido para que o interlocutor pratique ações como abrir a janela ou ligar o ventilador ou ar-condicionado, ou a mudança de local físico que seja mais bem arejado e outras possíveis interpretações. Além disso, o autor afirma que a frase afirmativa é o protótipo da verbalização, ou seja, é o primeiro tipo de frase que um falante seleciona em seu arcabouço de conhecimentos quando deseja, na verdade, proferir alguma ação.

John L. Austin apresenta a distinção de dois tipos de elocuições reconhecidas tanto pela gramática tradicional, quanto pela filosofia da linguagem que assumem as funções de constativas e performativas. A primeira é utilizada para descrever o estado de algo ou relatar fatos e eventos e as performativas, segundo o autor, são aquelas que permitem realizar uma forma de ação. Austin (1960:218) expõe os seguintes exemplos: “O céu está azul” em que se faz uma descrição física do estado do céu. E “Eu prometo resolver esse problema” em que se realizará a ação de resolver o problema. O primeiro enunciado pode ser verdadeiro ou falso, para isso basta que dê conta ou não do estado de coisa a qual presta descrição, obedecendo às condições de verdade para a validade da elocução ou não.

Por outro lado, o segundo enunciado não apresenta a característica de ser verdadeiro ou falso, mas sim, passível de ser “feliz” ou “infeliz”, pois expressa o engajamento do locutor ou qualquer outro tipo de intervenção. Para Austin (1960), os enunciados performativos possuem aspectos de performatividade que validam sua ideia e são ao mesmo tempo conhecidos por uma sociedade, validando então sua performance. Devem, também, seguir condições sociológicas, linguísticas e psicológicas como uma combinação de regras, chamadas pelo autor de “Teorias dos jogos” para que se alcance o sucesso do ato comunicativo, pois o rompimento com desses aspectos levará ao fracasso do mesmo.

Ademais, o autor define três atos que acontecem junto a enunciação, são eles o ato locucionário, que consiste em um ato de referência. É o ato de dizer algo, o dito enquanto tal. O ato ilocucionário exibe o que se está fazendo naquilo que se diz, como a realização de um ato ao dizermos algo. E o perlocucionário, realizado pelo ato de dizer aquilo que é dito. Conforme Searle (1983), os atos enunciativos são aqueles que enunciam uma sequência de palavras, por outro lado, os ilocucionários e os proposicionais, segundo Searle (1983, p.32), consiste em “enunciar palavras em sentenças em certos contextos, sob certas condições e com certas intenções.” Austin (1960, p. 221), apresentou exemplos sobre cada tipo de ato de fala.

(a) Locucionário: Ele me disse: “Você não pode fazer isso”.

(b) Ilocucionário: “Ele protesta contra meu ato”.

(c) Perlocucionário: “Ele me chama ao bom senso etc. Ele me importuna”.

Para o autor é no ato ilocucionário que se encontram as elocuições constativas e performativas, os quais são fenômenos reais nas situações de fala, pois os usuários da língua imprimem suas intenções. Searle (1969) apresenta uma reformulação da teoria dos atos de fala e acrescenta aos estudos a taxonomia de atos ilocucionários. De acordo com Leão (2013), John Austin alega que é possível imaginar quais sejam algumas das intenções do locutor ao analisar o contexto em a interação acontece e os objetivos que almejam alcançar, possibilitando o uso infinito da linguagem.

Assim, Searle (1969) expôs o reexame da taxonomia dos valores ilocucionários e reconstruiu quatro principais critérios de escolha. O objetivo ilocucionário (condição essencial), a direção de ajustamento, das palavras com o mundo ou do mundo com as palavras, o estado psicológico e o estatuto dos locutores; o estado psicológico expresso assumindo uma condição

de sinceridade e o conteúdo proposicional (uma relação colocada sobre o passado e ou presente, uma previsão de futuro).

Os critérios expostos pelo autor regem a classificação das “forças ilocucionárias primitivas em cinco rubricas a assertiva (afirmar, constatar algo), que se caracterizam pela correspondência entre o enunciado e o estado de mundo. Diretiva que consiste em ordenar, pedir, aconselhar, visando modificar a situação do alocutório. Compromissiva (prometer, jurar, ameaçar, oferecer), que visa a fazer corresponder o mundo com as palavras. Expressivas (felicitar, agradecer, congratulações e desculpas...), que não visam nem a fazer corresponder as palavras com o mundo, nem a modificar o mundo em função das palavras. Por último, a declarativa que estabelece um estado de fato ao mesmo tempo que faz a descrição do mesmo, se representam por atos de declarar guerra, excomungar, batizar como ações que além de possuírem efeito imediato, transformam o estado intencional das coisas; tendendo a conectar-se em instituições extralinguísticas elaboradas.

Searle (1969) ampliou a Teoria dos Atos de Fala também ao adicionar os atos de fala indiretos que são realizados indiretamente através da realização do outro ato de fala ou por locuções com performativo implícitos. Segundo Leão (2013), o significado dessa categoria de atos é alcançado por meio de ferramentas comunicativas como o Princípio Cooperativo, a informação partilhada e a capacidade do ouvinte de fazer inferências.

Desse modo, Faria (1995) afirma que os atos de fala são categorias abstratas que tendem a ser concretizadas de acordo com as variáveis externas à emissão, como o entorno pragmático. Ou seja, tudo aquilo que está envolta da linguagem como fatores culturais, sociais, situacionais e outros. Assim estão presentes também as variáveis internas, vistas pela intenção do emissor, a maneira como o ato é construído e o que ele quis dizer e a consciente manipulação das regras de interação. Searle (1984, p.27) afirma:

Falar uma língua é adotar uma forma de comportamento regido por regras, sendo estas regras de uma grande complexidade. Aprender e dominar uma língua é (*inter alia*) aprender e dominar estas regras. [...] Além disso – este ponto é também importante –, já que as caracterizações linguísticas, se feitas na mesma língua que os elementos caracterizados, são elas próprias emissões que obedecem às regras, então são também manifestações desse domínio.

De acordo com Searle (1984) existem dois tipos de regras conhecidas por reguladoras ou normativas, são as que governam formas de comportamento que já existem e/ou existem de modo independente. As constitutivas, por sua vez, criam e definem novas formas de comportamento não sendo esses modelos imperativos. As duas irão influenciar a emissão de determinados atos de fala a partir do contexto pragmático, porque a interação linguística acontece, também, por meio de regras e influi na formação de novas regras.

A escolha de uma em detrimento da outra dependerá das variáveis que vão controlá-la, porque o enunciador tem a consciência do que pode e do que não deve ser emitidos naqueles espaços, momentos e para aquele interlocutor. Assim, a matéria da teoria da relevância constata que a escolha de uma forma mais adequada para transmitir a mensagem, fazendo então o ajuste de um enunciado mais bem elaborado e menos agressivo é característica fundamental dela. A mensagem que se objetiva transmitir pode ser a mesma, porém essa pode se apresentar através de várias formas diferentes e a escolha entre uma ou outra para determinado contexto pragmático dependerá do conhecimento prévio de normas reguladoras.

Um considerável exemplo de regra normativa apresentado por Searle (1983) são as regras de polidez, que ao longo da interação passam a ser regras constitutivas porque, além de administrar a relação, elas podem definir novas formas de comportamento. Conforme afirmou Escandell Vidal (1996), a polidez configura-se como sendo um agrupamento de normas próprias de uma sociedade. Com isso, é possível afirmar que o que é polido em uma dada sociedade, pode ser forma de falta de cortesia em outra. O que permite observar que as regras de polidez formam parte da aprendizagem de uma determinada língua e cultura.

Um ponto importante são as formas de tratamento que na maioria das vezes são legitimadas por uma sociedade e reconhecida pela mesma como a forma mais ideal para ser usada em determinadas situações comunicativas. Porque o enunciado deve ser moldado de acordo com a interação, com os objetivos, sobretudo a posição social do destinatário. Paul Grice (1975, p.92) afirmou que a polidez é uma estratégia em função das relações sociais e desse modo, propõe-se a classificação dos tipos de discurso e dos atos que podem se realizar. Do outro lado realiza uma descrição dos tipos de relação social consideráveis, de uma caracterização detalhada das diferentes estratégias, sobretudo em suas repercussões linguísticas e das condições que governam e adaptam o contexto à situação.

Placencia e Bravo (2002), afirmam que Lakoff foi o primeiro estudioso a desenvolver um estudo sistemático sobre polidez, que é formado por três regras básicas: Não ultrapasse o

seu limite; dê alternativas; seja cortês. A primeira regra apresentada pelo autor não se impõe a segunda, é específica que se aplica especialmente às situações caracterizadas por uma notável diferença social ou falta de familiaridade entre os interlocutores. A segunda é posta para reforçar os laços de camaradagem e adapta-se facilmente às situações em que a relação entre os envolvidos no discurso é cerrada, a fim de que se estabeleça mais descontração.

Por outro lado, Vidal (1996) alega que a relação existente entre os interlocutores determina uma gama de escolhas, que por sua vez, irão definir a forma do enunciado e variar a sua significação. Nessa perspectiva, os objetivos da interação podem manifestar-se para duas direções, na de manter um equilíbrio já existente entre as partes, na outra, de modificá-la, seja para melhorar a relação ou para aumentar a distância entre os interlocutores. De acordo com Bravo e Briz (2004), *polidez* possui a característica de agir como um princípio regulador da distância entre os interlocutores, porque é possível manter, aumentar ou diminuir a variável de distância social a ser medida pela linguagem utilizada.

Com base em Placencia e Bravo (2002), Leech traz sua contribuição para a classificação geral de intenções em quatro principais categorias: ações que apoiam a *polidez*, demonstradas por ações como agradecer, oferecer algo ou agradar o destinatário para melhorar a relação social entre os envolvidos. Ações que na maioria das vezes são indiferentes à *polidez*, gerando desequilíbrio entre os interlocutores. Ações que entram em conflito com a *polidez*, aquelas que demandam alguma espécie de custo para o destinatário. E, por último, ações realizadas contra a manutenção das relações entre os interlocutores, assim a *polidez* relativa está fora de lugar, pois estas ações são destinadas a aumentar a distância ou destruir as relações existentes.

Para Bravo e Briz (2004) e Placencia e Bravo (2002), a teoria elaborada por Brown e Levinson é a mais bem construída e dedicada para explicar os motivos e o funcionamento da *polidez* da língua, porque preenchem os espaços deixados em branco por outros autores. Esses alegaram que a *polidez* seria um fenômeno universal e, segundo Bravo e Briz (2004), a universalidade não dá conta de fenômenos específicos de cada cultura. Entretanto, mesmo com essa lacuna, as teorias universalistas são a base de outras específicas para cada cultura.

Os autores das mencionadas teorias partem da ideia de que as sociedades precisam controlar o fator agressividade de seus membros. Para isso a *polidez* compreende e considera a existência do sentimento de agressividade que há nos indivíduos, a fim de estabelecer boas relações sociais. Logo, Brown e Levinson (1987), expressam dois conceitos básicos que servem

para explicar o comportamento comunicativo, sendo a racionalidade, ligada aos princípios de comunicação e a imagem pública, que está conectada à polidez.

O conceito de imagem pública (*face*) é a noção central dentro dos estudos de polidez e ela apresenta duas vertentes, segundo Brown e Levinson (1987), uma negativa que expressa o desejo de ter liberdade de ação, de não sofrer imposições vinda dos outros, de dominar o próprio território. A positiva, posta através do desejo de ser apreciado pelos demais e de que os outros compartilhem o mesmo desejo. O uso da polidez apresenta como ponto de partida o pressuposto de que todos os indivíduos possuem uma imagem pública, de que todos querem preservar e o bom funcionamento das relações sociais e para isso é necessário resguardar a imagem dos outros.

Desse modo, o nível de polidez que deve ser empregado depende de três fatores: o poder relativo do destinatário com respeito ao emissor, capaz de constituir a dimensão vertical da relação social. A distância social, responsável por externalizar o nível de familiaridade e contato entre os interlocutores e o grau de imposição de um determinado ato em respeito à imagem pública. É possível observar, de acordo com os autores, uma visão esquemática das relações sociais em que a imagem pública é notada como algo vulnerável, controladas por agressões potenciais e ameaçada por repetidos atos.

De acordo com Leão (2013), a vertente da Pragmática traz como cume a análise dos conteúdos implícitos a serem transmitidos no ato ilocucionário que não poderão ser apreendidos a partir de uma análise que visa priorizar a decodificação como aspecto suficiente para a construção real de sentido. Portanto, a noção das teorias pragmáticas traz como cume a observar a importância de elementos primordiais que estão inseridos na construção e produção de significado do texto, que não devem ser entendidos como um agrupamento de palavras e frases isoladas. E, com isso, de significados trazidos somente através desses. Sendo assim, a Pragmática trouxe um postulado primordial o de que em um ato ilocucionário há dados explícitos e implícitos a serem transmitidos. Então, para que haja uma compreensão eficiente do texto é necessário reconhecer e identificar as duas partes para assim compreendê-los, pois são lados que se complementam a partir da enunciação.

Charaudeau (2009) alega que na comunicação há a necessidade frequente dos envolvidos no ato interlocutório de acrescentar elementos responsáveis por completar o conteúdo da informação através de elementos implícitos. Então, para ele, o ato da linguagem possui dupla dimensão, vista pela parte explícita e pela parte implícita. Grice (1957), afirma

que é comum que em grande parte dos textos existem informações que são transmitidas de modo explícitas e implícitas. Logo, aquilo que o indivíduo deseja dizer em muitos casos pode ir além do que ele representa por palavras. Assim, faz insinuações, que por consequência, devem ser identificadas pelo ouvinte/leitor, através de inferências realizadas pelo mesmo e não apenas por meio de decodificação do significado das palavras ditas. A fim de compreender o que está escrito num texto é preciso entender a dimensão explícita e captar todas as informações implícitas. Charaudeau (2009, p. 24),

A finalidade do ato de linguagem (tanto para o sujeito enunciador quanto para o sujeito interpretante) não deve ser buscada apenas em sua configuração verbal, mas, no jogo que um dado sujeito vai estabelecer entre esta e seu sentido implícito. Tal jogo depende da relação dos protagonistas entre si e da relação dos mesmos com as circunstâncias de discurso que os reúnem.

Com base nas constatações refletidas pelo autor, no jogo dito por ele, as interpretações são variáveis; pois há conteúdo implícito que possibilita diversas hipóteses de compreensão que serão influenciadas em concordância com as concepções ou visões dos falantes envolvidos na comunicação. Em que se deve considerar sempre a atual conjuntura em que se deu a produção e, também, a intenção do locutor. As ideias que estão explícitas são mais comuns de serem compreendidas, mas aquilo que é associado de modo implícito exige uma demanda maior de atenção do leitor por não está aclarado por meio das palavras – o dito. Com isso, através do dito as insinuações são proferidas e o ocorre o surgimento do não dito.

Com base nos estudos de Grice (1975), o significado total de uma elocução envolve o que é dito e as implicaturas. As implicaturas e os explícitos são colocados através de intenções na comunicação. Sendo assim, é importante entender o que é dito e o que não é dito. O autor enfatizou os seus estudos acerca da diferença entre significado do falante e o significado da sentença, e assim descreveu as relações que pressupõe existir entre aquilo que é dito, vistas pelas palavras expressas e as implicaturas realizadas. Nessa perspectiva, o autor propôs a existência de dois modelos de implicaturas a Convencional e a Conversacional. A primeira está contida no significado convencional, presa ao significado literal das palavras e a segunda não depende da significação usual e é determinada por certos princípios básicos do ato comunicativo.

Para o exemplo de implicatura convencional é possível criar frases como “Antônio é trabalhador, mas é pobre” e “ São que horas?”. No primeiro exemplo indica-se de forma

convencional de que apesar de Antônio trabalhar a situação financeira dele é baixa. E essa compreensão é dada a partir do uso literal dos termos explícitos, sobretudo a conjunção adversativa, “mas”, pois possui ideia de oposição, compartilhada pelos falantes e reconhecida pelos mesmos na língua portuguesa. O segundo exemplo também remete a um sentido literal, uma vez que a pergunta sendo direta é retornada na mesma proporção, direta, convencional e clara.

O uso de implicaturas conversacionais permite a cisão entre enunciados que necessitam de preenchimento por parte dos envolvidos na comunicação para que o sentido seja aclarado. Exemplos do tipo:

- (a) “- Mestre, parece que serei reprovado”
- (b) “- Você tem dúvidas? Já viu as suas notas?”

Nesse exemplo é percebida a necessidade do ouvinte construir implicaturas para manter o significado do dito, porque o educador não responde de modo direto a pergunta do seu aluno. Mas o faz outra pergunta com base no que ele pressupõe e “exige” que o aluno implique que as suas notas estão tão baixas, e isso já comprovaria a sua efetiva reprovação.

Com base em Grice (1969 apud Sarfati & Paveau 2006), a comunicação só é permitida por que os locutores adotam um “Princípio de Cooperação” (PC), colaborando a partir disso um com o outro. Para ele, uma interação verbal não é limitada “uma sequência de marcas desconexas”, cada envolvido reconhece “um objetivo comum”. E assim Paul Grice define esse princípio fundamental:

Que sua contribuição conversacional corresponda àquilo que é exigido de você, àquilo é esperado, pelo objetivo ou a direção aceita da troca verbal na qual está engajado (GRICE 1979, p. 60 – 61).

Dessa forma, sobre as circunstâncias de um diálogo os autores estabelecem implicitamente um contrato de conversação, regidos por normas que regem a conversação. Sobretudo, a regra geral é firmada por ele como Princípio Cooperativo que carrega as suas sub-regras as quais Paul Grice denominaram de “Máximas” Conversacionais, baseadas a princípio

nas super máximas kantianas. As categorias de comunicação ou “máximas” servem ao fundamento da identificação teórica e o agenciamento efetivo de quatro regras ou categorias ou “máximas” conversacionais; determinado então uma ética da comunicação formando, assim, a lógica conversacional.

As categorias da comunicação são: Quantidade, Qualidade, Relação e Modalidade que devem garantir tanto a formulação de enunciados, quanto à compreensão deles, gerando um princípio de economia que equivale associar uma significação mínima com o objetivo de um resultado comunicacional máximo. Grice (1969, p. 227), expõe exemplos das “máximas”.

1 - **Quantidade:**

1.1 - Sua contribuição deve conter a quantidade de informação necessária (informatividade)

1.2 - Sua contribuição não deve conter mais informação do que a necessária (exaustividade)

Exemplos com informações não suficientes e mensagens mais informativas do que o necessário para a conversação.

1.3 - “- O que são funções da linguagem?”

1.4 - “- Consulte um livro de gramática”.

Compreende-se aqui a quebra com a “máxima” de quantidade, uma vez que o destinatário da pergunta desvia a sua resposta para além do que o interlocutor emissor deseja saber.

2 - **Qualidade** (sinceridade) – Relacionada à supermáxima “Afirmar coisas verdadeiras”

2.1 - Não afirme aquilo que você não acredita que seja verdadeiro

2.2 - Não afirme aquilo que você não pode provar

Exemplos com afirmações não exatamente verdadeiras.

2.3 - “- A professora Marta é boa?”

2.4 - “- Ela é uma fera em Matemática”.

2.5 - “- O que você acha da guerra na Síria?”

2.6 - “- Pacífica demais.

2.7 - “- No Brasil todos os imigrantes são bem recebidos”.

2.8 - “- É verdade, o Brasil é uma grande mãe.”

2.9 – “– Por quanto tempo Luciano dormirá?”

2.10 – “– Por toda a eternidade.”

Nos exemplos elencados ocorre a quebra da máxima de qualidade por não serem retornadas respostas verdadeiras. Entretanto, de acordo com o princípio da cooperação todas as sentenças são passíveis de serem compreendidas. Essa implicatura de qualidade é responsável por fazer emergir figuras de linguagem, logo se tem na sequência dos exemplos apresentados as figuras metáfora, ironia, hipérbole e eufemismo.

3 – **Relação** (pertinência): seja pertinente – “Seja Relevante”

Exemplo com informações não relevantes.

3.1 – “- Vamos ficar noivos este ano, não vamos?”

3.2 – “– Nossa! Como está calor hoje.

3.3 – “– Está sim, mas vamos ficar noivos?”

3.4 – “– Acho que agora vai chover”.

No presente diálogo a fuga do objetivo da conversa mencionado pelo primeiro interlocutor, não colaborando com a “máxima” da relevância; mas ainda assim colabora com o princípio cooperativo. O primeiro interlocutor é obrigado a implicar que seu namorado não lhe dará uma aliança, porque não deseja ainda noivar, quem dirá casar.

4 – **Modalidade** (inteligibilidade) – Ligada a supermáxima “Seja Claro”

4.1 – Não se expresse de maneira obscura.

4.2 – Não se expresse de maneira ambígua.

Exemplos que podem conter ambiguidade, expressões obscuras, prolixidade desnecessária e falta de ordenação.

4.3 – “- Essa jornalista parece ser eficiente.”

4.4 – “– Sem dúvida ela é muito boa.

A máxima “Seja claro” é rompida no exemplo supracitado, porque a frase pode exprimir um sentido ambíguo, pois o adjetivo ser boa pode estar exposto com a conotação sexual e não de ser uma profissional bem qualificada, preparada e eficiente; gerando duplo sentido. Assim é necessário fazer implicações para que o princípio seja estabelecido, já que o seu sentido está fixo a situação do contexto.

A partir dos exemplos apresentados, entende-se que quando se rompe um ato comunicativo com alguma das “máximas” conversacionais elencadas por Paul Grice, o que se deseja na verdade é produzir determinados efeitos de sentido. Porém, o locutor espera que seu interlocutor seja capaz de inferir o não-mencionado para que o sentido seja estabelecido no ato comunicativo. Desse modo, o princípio cooperativo é mantido, apesar das violações. Com isso, os demais envolvidos nesse ato são levados a realizar implicações significativas e, deste modo, preencher os espaços vazios que as palavras ditas não são capazes de preencher.

Logo o estabelecimento de sentido é feito na interação entre os locutores, os contextos e demais quesitos, e não intrinsecamente pelas palavras expostas. Assim, compreende-se que as implicaturas convencionais não são dependentes da significação usual da palavra e são determinadas por princípios básicos da comunicação. O locutor é o responsável por transmitir significação através das implicaturas e que a função dele é a de realizar inferências a fim de reconhecer os significados envolvidos.

Para muitos estudiosos do âmbito da linguagem, a noção de implicatura é de supra relevância para os estudos linguísticos e um dos pontos centrais da Pragmática (a ciência dos contextos). O seu importante reconhecimento dá-se porque se comunica- além daquilo que é exposto por palavras e, junto a isso, trazem novas contribuições que devem ser consideradas no estudo e na análise do texto e nas informações inseridas no mesmo.

Para muitos linguístas, a noção de implicaturas é um dos pontos centrais da Pragmática. Isso porque elas são um dos maiores exemplos de que os indivíduos comunicam muito mais do que aquilo que é representado pelas palavras explícitas. Junto a tópicos como os pressupostos e os atos de fala, as implicaturas nos levam ao cerne dos estudos pragmáticos, que revolucionaram a forma de analisarmos os textos e as informações contidas neles. Portanto, acredita-se que os estudos do campo da pragmática possam trazer observações relevantes que subsidiaram a complexidade que envolve a descrição e análise do objeto desta pesquisa. Já que através delas é possível verificar o real objetivo lançado pelo interlocutor.

Por outro lado, Levinson (1983) fornece nove definições do que seria a pragmática, dentre as principais estão “is the study of those relations between language and contexto that are grammaticalized, or encoded in the structure of a language” e pragmática “is the study of deixis (at least in part), implicature, presupposition, speech acts, and aspects of discourse structure”. Pois a primeira demonstra a relevância da relação do contexto com a produção linguística e a segunda expõe a questão dos atos de fala e da estrutura do discurso. A

intenção desta pesquisa é analisar e descrever os processos que constituem o fenômeno “litote”, assim como seus significados. Deste modo acredita-se que adicionado a tal fenômeno possam estar imersos intenções com aspectos de polidez, que sua vez direcionam as construções de modo estratégico no discurso para que assim atos e sub-atos de fala sejam estruturados de acordo com tais intenções, sobretudo de polidez.

De acordo com Searle (1987), falar uma língua é realizar um ato de fala dentre os quais existem alguns tipos diferentes que apresentam determinados objetivos, que terão sucesso, ou não. A depender do modo em que são usados os elementos linguísticos na interação pessoal. Três são atos enumerados pelo autor, a saber, enunciativo, proposicional e ilocucionário; consistindo os dois últimos no anúncio de palavras inseridas em dados contextos, guiados por determinadas condições e intenções. Nessa perspectiva, Faria (1995, p.42) alega que “a intencionalidade é essencial para que um ato se caracterize como tal. Em alguns casos pode ser inferido pelo interlocutor que o enunciador está realizando um determinado ato de fala, porém, isto pode ser um mal-entendido, se o enunciador não tiver a intenção de realizá-lo”.

A pragmática, em seu âmbito de estudos, trata a questão da intencionalidade e da interpretação em um ato de fala de maneira particular através da chamada teoria da relevância. Essa teoria é baseada nos estudos de Sperber e Wilson, que desenvolvem a ideia de que não há correspondência biunívoca entre o que dizemos e o que queremos dizer. A perspectiva tradicional tenta exhibir um modelo dedutivo explícito para dar conta dos processos e estratégias que levam do significado literal à interpretação de cunho pragmático, pois é de se compreender que o ouvinte consiga decifrar totalmente os pensamentos e ideia que o emissor associa em seu enunciado. Sendo assim, verifica-se que o sistema de comunicação humana não está baseado apenas no binário, visto pela codificação-decodificação da informação transmitida.

Junto a ele encontram-se outros importantes fatores envolvidos nos fatos e circunstâncias da comunicação, formando então um subconjunto compreendido como entorno. Nesse subconjunto, quesitos como o tempo da emissão da mensagem, a situação que motivou a produção da mesma, o momento em que foi emitida, o modo como foi emitida e outros aspectos convenientes são apresentados por Escandell Vidal (1996, p.110)

Son precisamente el entorno y el contexto los que aportan los elementos necesarios para enriquecer las representaciones abstractas y acercalas a los pensamientos. Lo que llamamos representación semántica de una oración no es otra cosa que la invariante de

sentido que subyace a todos los enunciados concretos que puedan realizarse utilizando esa oración.

De acordo com a autora, retirar somente a representação semântica do enunciado seria restringi-lo ao binarismo tradicional e não considerar que esse mesmo enunciado carrega consigo, em muitos casos, outros conteúdos de informação que estão implícitos e, por isso, não se deve pensar que para a real interpretação de algo só deve-se verificar o que se diz através do que é dito. Entre o que é literal e o que se deseja comunicar há um distanciamento, e para transitar essa distância é preciso fazer usos de mecanismos de inferências e assim concluir a verdadeira intenção que o emissor provavelmente imprimiu na mensagem.

A inferência é uma espécie de processo que permite que os interlocutores aceitem uma hipótese como verdadeira a partir de uma verdade de outra hipótese. Com isso, a inferência cria hipóteses a partir de outra e cria, também, uma relação que consegue chegar até a outra hipótese, a partir de um processo automático de criação e de engajamento. A hipótese deve ser compreendida como os pensamentos que o indivíduo tem classificado como representação do mundo real. O que leva a entender que não há um aspecto puro na construção de uma representação.

Papi (1996), afirma que a inferência pode ser compreendida como um processo dedutivo mais livre em relação às leis clássicas, porque ao se extrair corretamente a inferência do enunciado, verifica-se que a validade das restrições específicas sobre a formação e a confirmação da hipótese mostra-se mais relevante para o processo que a validade lógica. Pois aceita parcialidades no resultado da interpretação e não somente a concepção do que é verdadeiro ou o falso sobre a intenção comunicativa. O ouvinte não possui instrumentos que forneçam a ele uma interpretação direta quanto recebe o enunciado. Não tem como saber ao certo sobre o que existe na cabeça do emissor quando ele formula e emite um enunciado. Tal fator permite a construção e a realização de hipóteses, porque são capazes de ultrapassar as barreiras da lógica convencional. No entanto, quanto maior for a força de verdade na hipótese, mais forte será a inferência. Expõe Escandell Vidal (1996, p.14),

Cuando la inferência extraída es la correcta, ello no se debe tanto a la validez de los procesos lógicos que intervinieron, sino más bien a la existência de restricciones específicas sobre la formación y confirmación de supuestos. Y es que la comprensión, como otros mecanismos cognoscitivos, funciona por medio de razonamientos heurísticos no enteramentefalseables [...].

1.7.1 O recurso de polidez

Segundo Brown e Levinson (1987), o fenômeno da polidez é um princípio universal comum na interação humana, que deste modo, é representado na linguagem. Vidal (1996) constata que as normas de polidez não são fixas ou próprias de uma de uma língua qualquer, mas sim de uma dada cultura. Para Brown e Levinson (1987), a imagem dos indivíduos sempre é posta em risco quando os sujeitos-falantes estão inseridos em situações comunicativas. Goffman (apud Planceia e Bravo 2002) alega que a imagem pública é o desejo. Ela é universal, mas as características que a compõem são peculiares de cada cultura, ou seja, são determinadas por elas.

A imagem do interlocutor e a auto-imagem (a do enunciador) recebem o máximo de preservação possível. As línguas utilizam-se de estratégias como as de polidez, que objetivam satisfazer os dois tipos de desejos das partes presentes na interação. Nesse sentido, há fatores que devem ser levados em consideração para o uso das estratégias de polidez. Vidal (1996), afirmou que todos esses fatores são de origem social. Além disso, Brown e Levinson (apud Ferreira Brito (1995, p.123) alegaram que as estratégias de polidez podem ser positivas, quanto negativas como especificaram os autores:

A polidez positiva é orientada para a auto-imagem de H, a auto-imagem que ele requer para si. A polidez é baseada na aproximação; ela unge a face do destinatário indicando que, em algum aspecto, S quer os desejos de H (por exemplo, tratando-o como membro de um grupo, um amigo, uma pessoa cujos desejos e personalidade são conhecidos e apreciados).

E as negativas, segundo Levinson (apud Ferreira Brito (1995, p. 123),

A polidez negativa por sua vez, é orientada principalmente para que satisfaça a auto-imagem negativa de H, seu desejo básico de manutenção de território e de autodeterminação. A polidez negativa, portanto, é baseada essencialmente na repulsão, e a realização de estratégias de polidez negativa consiste na garantia de que o enunciador reconhece e respeita a auto-imagem negativa do destinatário e de que não interferirá (ou interferirá minimamente) na liberdade de ação do destinatário.

Ferreira Brito (1995), lista como positivas as estratégias de polidez utilizadas para “divertir, exagerar (interesse, aprovação, simpatia em relação ao destinatário). Serve também

para criar marcadores de identidade de um grupo, para buscar concordância e evitar um desacordo, a fim de estabelecer um acordo comum aproximando os interlocutores. Com base no autor, as estratégias negativas mostram os “marcadores de formalidade”, como os pedidos de desculpas por interferir, diferenças, *hedges* na força ilocucionária do ato, construções passivas que impessoalizam ou que estabelecem distância entre o destinatário, enunciador e o ato. As formas convencionais de polidez, formas indiretas, modais são exemplos de estratégias de polidez da esfera negativa.

Neste capítulo, buscou-se expor a relevância dos estudos sobre contexto no campo da pragmática, a noção de implicaturas e da estratégia de polidez como conceitos de suma importância no que concernem os estudos da linguagem. Com base nessas contribuições, considera-se que a investigação, a compreensão e a explicação do fenômeno denominado “litote” envolva diversos fatores que podem ser aclarados, subsidiariamente, pelas teorias que visam dar conta das noções que auxiliam na construção de enunciados que nem sempre trazem de forma explícita, ou seja, dito, escrito em formas de palavras. Mas que ajudam na elaboração do significado envolto por trás das mesmas, que nessa concepção, é elucidado a partir de fatores como os contextuais, os sociais, os situacionais, os intencionais e outros.

Além disso, acredita-se ser a polidez uma estratégia de base social e cultural que possa ser considerada na reflexão do fenômeno mental “litote”. Já que a essência dela se constitui por não representar claramente o que se deseja dizer, exigindo que os interlocutores envolvidos no ato de comunicação sejam capazes de construir inferências, implicações que visem contribuir para o estabelecimento de sentido. Portanto, os pressupostos expostos neste capítulo justificam a relevância deste âmbito da linguagem que podem ser incorporadas, e acrescentar os demais estudos. A fim de fornecer reflexões mais profundas a cerca daquilo que se deseja investigar como no caso da “litote”, porquanto se crê na complementação de uma subárea da linguística em relação à outra.

1.8 A NOÇÃO DE POLARIDADE NEGATIVA

O estudo sobre índice de polaridade negativa é ainda pouco explorado no português brasileiro, logo não é um tema muito vasto e não apresenta grande desenvolvimento nos estudos linguísticos. Portanto, para que seja possível compreender a noção sobre a ideia de negatividade trazida pelo tema desta pesquisa, através da litote (negação para afirmação) acredita-se que o entendimento das noções que o estudo sobre polaridade vincula, contribuirá para a melhor

compreensão, explicação e descrição do objeto proposto. Junto às demais teorias selecionadas para explicar o objeto em questão.

Para Garcia (1988), o estudo sobre polarização é uma “tendência a reconhecer apenas os extremos, negligenciados as posições intermediárias”, cujas raízes encontram-se “nos sistemas de ética que exerceram influência sobre o mundo moderno”. Ao considerar os dizeres de Garcia, sabe-se que faz parte de uma dicotomia entre o sim e o não, que exprime a intensão de ideias, de conceitos e de opiniões na comunicação humana, bem como a polarização e o sentido intencional torna a língua mais polissêmica, agravando conflitos e desentendimentos.

Sabe-se que o fenômeno de polaridade negativa está relacionado diretamente ou indiretamente com itens de livre escolha, locuções negativas, palavras negativas e a comparação. De acordo com Ilari (1984), os índices de polaridade negativa podem ocorrer, em alguns casos, em sentenças afirmativas também. E alega a existência de sentenças que são afirmativas simples ou são negativas simples, não havendo nessas uma intenção mais complexa de elaboração e/ou abrandamento da ideia a ser transmitida. Para ele é importante a verificação e distinção, especialmente, das negativas simples para a complexa.

Com base em Souza (2008), o fenômeno de polaridade negativa está relacionado de forma direta ou indireta com outros, com itens de livre escolha, locuções negativa, palavras negativas e a comparação. Um está envolvido com o outro. Com isso, algumas questões são apresentas, como sobre qual a condição de acontecimento da polaridade negativa; quais os fatores implicam as construções negativas e polaridades negativas. As polaridades não podem ocorrer de forma monótona?

Segundo Ilari (1984), as sentenças negativas não possuem como importante característica, o fato de não ocorrerem em sentenças afirmativas, entretanto podem acontecer em determinado contexto. E o autor afirma que se deve ter cuidado ao dizer que as locuções negativas não ocorrem em contextos positivos, porque há exemplos que inferem o oposto. Souza (2008, p.23)

- (a) Se João abrir a boca, eu mato ele.
- (b) Duvido que o João abra a boca sobre o escândalo
- (c) Só o João abriu a boca.

Na sentença, apesar da frase exposta apresentar explicitamente elementos de expressão positiva, é possível inferir na letra “a”, que se João não ficar calado, ele será morto. Na frase “b”, a expressão quer dizer que duvida que João não fique calado sobre o escândalo, ou seja, de certa forma afirma que ele nada falará sobre o ocorrido. Na letra “c”, alega que João não ficou calado. O que se pode compreender a partir dos exemplos é que mesmo que as frases expostas sejam a princípio afirmativas, acontecem por detrás das mesmas palavras que constituem as sentenças, índices de polaridade negativa camuflados por trás dos elementos que formam as sentenças. Por sua vez, o sentido de negatividade é compreendido através dos contextos em que as frases estão inseridas e dos conhecimentos de mundo e até mesmo idiomático (não-composicional) que os interlocutores envolvidos na interação verbal possuem. Pois são eles que permitem que o significado seja estabelecido e validado no ato comunicativo, assim como a sua compreensão.

Ilari (1984) apresentou duas explicações, a de que há um item negativo escondido nas sentenças “a”, “b” e “c” e de que existe uma escala; que mesmo capturando algo, nenhuma está totalmente correta. A partir de então, o autor apresenta uma hipótese: “As locuções de polaridade negativa só aparecem em contextos sintáticos tais que uma representação (profunda) adequada às localiza no âmbito de uma fórmula negativa [...]”. (1984, p. 92). Por outro lado, Ilari (1984), apresentou duas dificuldades que levantam desconfiança sobre essa hipótese. A primeira alega as dificuldades que os falantes encontram quando tentam mostrar explicitamente na forma lógica, onde se situa a negação da sentença em que está presente um índice de polaridade negativa, o sujeito fica sem saber qual é a melhor paráfrase para caracterizar a sentença. Exemplos:

(a) “Ignoro que ele tenha tirado um tostão do bolso”.

Assim a afirmação da frase “A” poderia ser representada por qual sentença? B ou C?

(b) Sei que ele não tirou um tostão do bolso.

(c) Não sei se ele tirou um tostão do bolso.

Com isso, na frase “A”, o índice de polaridade negativa está atuando, mas “ignorar” recebe uma semântica estranha; “sei que não”, além disso, ela não capta a intuição sobre. De acordo com Souza (2008), “Ignorar” ganha o significado correto de “não saber se”, porém a negação incide sobre a sentença principal, o que não estaria de acordo com a hipótese inicial de

os índices de polaridade negativa estar diretamente sob o escopo de uma negação. Um problema pode ser visto em como justificar que a frase “B” é uma forma lógica da frase “A”. Na frase “B” há um elemento que complementa com um sentido interrogativo para perguntas sim ou não.

Linebarger (1987), afirma que na frase “A” não existe uma negação explícita. Então há frases em que há uma restrição pragmática, trata-se de uma implicatura negativa, como a frase exposta por Souza (2008, p. 26):

(d) Fiquei surpresa que ele tirou um tostão do bolso.

As expressões “ignorar” e “ficar surpresa” levantam uma implicatura negativa. Surge então um problema, o de que agora não há uma explicação unificada para o fenômeno, pois existem casos em que há uma implicatura negativa, suficiente para licenciar o item. Ilari (1984), expõe que a segunda dificuldade se dá em conseguir fazer aparecer na forma lógica, uma negação. Ilari (1984, p. 26) expõe o seguinte exemplo:

(e) A polícia fecha essa biboca no dia que alguém abrir a boca.

Segundo o autor, não há possibilidade de acrescentar uma negação e também não há uma implicatura negativa. O que existe é uma interpretação condicional e o índice de polaridade negativa está no antecedente. Krifka (1991) faz uma crítica à proposta de Linebarger (1987), em que indaga como explicar que índice de polaridade negativa é licenciados em perguntas diretas (eles também são licenciados em perguntas retóricas, mas pode-se argumentar que, nesse caso, há uma negação implícita? Souza (2008, p. 26), expõe o exemplo:

(f) João levantou um dedo para ajudar na reforma?

Ao ler-se a frase, não é possível constatar se a mesma deve ser lida com uma entonação particular ou não. Caso não a tenha, trata-se de uma pergunta efetiva, que visa obter como resposta se João ajudou ou não na reforma. Não é vista nenhuma negação ou implicatura negativa. Por sua vez, Ilari (1984), desiste de tentar capturar os contextos em que podem ocorrer as locuções negativas através das negações implícitas. Propõe então a alternativa exibida por Fauconnier (1975 apud Ilari 1984) de que esses são itens escalares. Desse modo, é aconselhável apontar as condições de licenciamento, mas de descrever o funcionamento semântico das expressões. Com isso, Fauconnier (1975) apresenta uma análise dos superlativos os quais demonstram possuir força mundial em que funcionam como quantificados, como Souza (2008, p.27) expõe no exemplo:

(g) João pode resolver (até) o problema mais difícil.

(h) João pode resolver qualquer problema.

Ao observar os exemplos mencionados, entende-se que a frase “E” origina “F”, pois se alguém pode resolver até os problemas mais difíceis, é porque pode resolver quaisquer um, inclusive o mais fácil. Nessa perspectiva, Fauconnier (1975) apresenta a ideia de escala, porque se alguém resolve o problema mais difícil, aquele que está no alto de uma escala de dificuldade de problema, resolve, então, todos os outros como aqueles que estão para baixo; chegando à base da escala os de níveis mais fáceis. O autor constatou que os contextos que licenciavam os itens de polaridade negativa foram chamados por ele de “inversos de implicação”. Nesses casos, a direção do acarretamento é invertida, implica-se de modo negativo do mínimo para o máximo. Então em sentenças como essas é preciso usar sintagmas “mais simples”, como o exemplo exposto por Souza (2008, p.27)

(i) Duvido que João possa resolver o problema mais simples.

Logo, se o sujeito não consegue resolver o problema mais simples, o mais complexo, que está no nível mais alto da escala, ele certamente não resolverá. A respeito da questão escalar, Ilari (1984), apresentou o exemplo:

(j) Pedro não tinha a mais leve suspeita de que a mulher o traía.

Verifica-se nessa frase, a presença do superlativo “mais” e a expressão negativa “não”, o qual a locução dispara uma escala em que está apontando o ponto mais baixo (mínimo), uma suspeita leve. Tal suspeição indica que se o homem não tem a suspeita mínima, conseqüentemente as máximas ele não possui, ocorrendo, no caso, transição pela escala de baixo para cima, negando toda ela. Em contrapartida, Ilari (1984), admite que os itens de polaridade negativa apresentam uma escala, que é útil e necessária para explicar a semântica/pragmática das locuções, mas não se aplicam a todos os casos. Já Fauconnier (1975), compreende os índices de polaridade negativa como quantificadores não padrão, porém nem todos os casos podem ser explicados como quantificados.

Sobre a questão de polaridade negativa, é importante relevar também a questão da diferenciação dos índices de polaridade negativa dos sintagmas –n. Vitral (1999) expõe o que

para ele seria a diferença forte entre os itens de polaridade negativa e as palavras – n. Ele declara que as palavras – n podem aparecer sozinhas em sentenças, ou seja, não necessitam estar acompanhadas por uma negação explícita. Sendo assim, essas palavras podem estar na frase em posição de sujeito, sem negação explícita, como em:

(a) Ninguém saiu/ Nenhum aluno saiu/ Nada assusta.

Nas frases apresentadas se expõem apenas palavras negativas que se organizam em posições de sujeito e que não apresentam uma negação explícita, no sentido de que desejam negar um evento. Essas palavras negativas podem assumir posição de objeto se antes delas vier uma negação e na língua portuguesa a ocorrência de duas negativas não se interpretam como uma dupla negação, mas como uma negação simples. Miotto (1992) expõe que uma palavra negativa - n pode aparecer em função de sujeito e ser licenciada por uma negação mais alta, como “Ele não quer que ninguém se machuque.” (Uma negação) em oposição a “Ele não afirmou que ninguém se machucou” (duas negações).

Os itens de polaridade negativa e as palavras – n possuem uma relação de similaridade entre eles. Há casos em que o item de polaridade negativa prototípico pode acontecer sem que a negação esteja explícita, tipos de ocorrências que não são passíveis de acontecer com os sintagmas – n, menos que eles ocorram na posição de sujeito. Conforme Souza (2008), outra informação importante acerca dos itens de polaridade negativa é que para identificar se um item é índice de polaridade negativa é preciso analisar se há contraste de aceitabilidade entre a sentença afirmativa simples e a sentença negativa, pois o índice de polaridade negativa é aceito apenas nas negativas. Souza (2008, p 29)

(b) João ouviu qualquer coisa.

(c) João não ouviu qualquer coisa.

A sentença “b” é marcada e para que possa ser aceita, exige uma entonação particular. Na “c” é facilmente aceitável, e então “qualquer” não deve ser um item de polaridade negativa, porém pode de ser um item de polaridade positiva. O inverso é visto nas sentenças apresentadas por Souza (2008: 29) em que na sentença “e”, “sequer” é um item de polaridade negativa.

(d) João encontrou sequer um amigo.

(e) João não encontrou sequer um amigo.

A partir da perspectiva apresentada, acredita-se que para a compreensão desta pesquisa seja necessária a noção do estudo precursor de Rodolf Ilari sobre itens de polaridade negativa; sobre suas observações em relação ao aspecto de negatividade presente em algumas sentenças linguísticas. É considerado que suas contribuições possam trazer reflexões acerca do tema deste estudo, a saber, a “litote”, pois esta consiste em uma forma de afirmação implícita presente de modo camuflado a partir da estrutura negativa explícita. Por isso, julgam-se importantes as reflexões do autor para a realização de um estudo que envolve fatores complexos de construção. Sobretudo por se tratar- de um objeto que ainda não fora explorado pelo viés da ciência linguística, principalmente da corrente funcionalista centrada no uso.

Assim sendo, o breve capítulo buscou situar a pesquisa e o leitor em um dos pontos existentes sobre a questão da negatividade e declarar que nenhum dos modelos de análise de sentenças negativas onde se encontram presentes itens de polaridade negativa, conseguiram dar conta da ocorrência de tal fenômeno, devido a sua total complexidade. Ponto esse o qual a vertente linguística trará as suas contribuições para que seja possível dar continuidade aos estudos em torno desse aspecto, ainda que partir de uma perspectiva variada. Porém, acredita-se que não seja intrinsecamente distinta, por se tratar, em sua essência, de estudo da língua/linguagem, os quais não são independentes; estão relacionados a outros fatores.

Com isso, o capítulo trouxe como principais informações, as noções de escala, presentes na interpretação, a noção de quantificadores, criticada por Fauconnier e, antes de tudo, a diferenciação entre itens de polaridade negativa e sintagmas negativos, a fim de evidenciar suas características, diferenças de sentido, de construção e outras. Nesse sentido, esta pesquisa dedicará maior parte de seus estudos aos itens que indicam valores negativos, não tendo como foco o aprofundamento em questões que possam indicar a incidência dos itens de polaridade negativa, mas tomando como possível apoio teórico, à medida que julgar necessário para a compreensão, a explicação e o desenvolvimento do tema vinculado para o estudo.

2 O OBJETO INVESTIGADO “LITOTE” A PARTIR DE DIFERENTES VISÕES LINGUÍSTICAS

2.1 NEGAÇÃO E LITOTE

Para iniciar a presente seção, indicamos a afirmação de Garcia (1988, p. 76):

Mas a ideia de negação não precisa ser obrigatoriamente expressa pela partícula “não”; pode sê-lo por outras formas: um sujeito “ninguém”, “nada”, “nenhum”, um adjunto adverbial com preposição “sem”, palavras em que entrem prefixos negativos ou privativos (in-, des-) ou opositivos (contra-, anti-), verbos ou nomes que indiquem provação, cessação, oposição, impedimento, impossibilidade, ou ainda pela simples antinomia entre o verbo da principal e o da subordinada.

Na literatura linguística, em geral, encontramos os seguintes estudos: (i) dupla negação, conforme os desenvolvidos por Furtado da Cunha (2001); (ii) negação em frase condicional.

Em relação à dupla negação são construções em que são inseridas em uma frase duas palavras de cunho negativo. Consistem, em alguns casos, na ênfase do valor negativo que é dado à frase. Ex.: “João não chegou não”. Ao observar, inicialmente uma sentença como a apresentada, compreende-se a intenção expressiva de negar aquilo que se deseja fazer compreender. Entretanto, Ilari (1984), afirma que a dupla negação consiste em uma afirmação.

Sobre o assunto, Cunha (1996, p.24), na construção “... e um motorista dele... nesse tempo ele... numa era... num era esse motorista dele não... era do hotel...porque ele ficou sem motorista...” (*corpus D & G/Natal:244*), justifica a dupla negação pelo princípio funcionalista da iconicidade. Na análise apresentada por Cunha, vê-se que no discurso a pronúncia do *não* tônico que precede o verbo normalmente se torna a *num* átono, ou a uma nasalização. A fim de reforçar o valor negativo, o sujeito falante faz uso do segundo não no final da oração, usando um valioso recurso para provocar o enfraquecimento fonético do *não* que antecede o verbo e, com isso, o enfraquecimento do conteúdo semântico.

Já outro tipo de construção que exprime valores negativos são as encontradas em frases afirmativas, em contextos afirmativos (menos frequente), mas que exprimem sentido de negação. A exemplo, algumas orações do tipo condicional podem valorar significado negativo, como demonstra a estrutura “Se João falar, eu brigo com ele”. Nessa frase, é observado que o sentido condicional de acontecimento do evento “briga” depende da permanência de João em

silêncio. Sendo assim, é possível inferir que caso João não se calar, haverá desentendimento. Logo, o valor negativo está implícito, porém nos contextos discursivos é “rapidamente” compreensível a real intenção do falante.

No entanto, o estudo da negação pode ser feito a partir de diferentes aspectos, pela linguística (negação, dupla negação, litote, pressuposição); pela lógica (clássica, não clássica); pelo aspecto psicológico (negação, recusa); e pelos aspectos filosóficos (fatos negativos/existenciais, negação dialética). Assim, a negação lógica pode ser relacionada à negação linguística, pois a negação lógica é um operador de verdade-funcional (aplicado aos valores de verdade), e negação tem essencialmente a ver com exclusão e incompatibilidade (SCHANG, 2014).

Schang (2014) dispõe as seguintes negações não lógicas:

(1) Negação-raising: uma negação “realmente não” (really-not)¹

- (a) *Você não é linda;*
- (b) *Como você se atreve: eu não sou feio!*
- (c) *Mas eu nunca disse isso!*
- (d) *Você quis dizer isso!*

(2) Litote: negação não exclusiva (not-onlynegation)

- (a) *Não é um bom dia: é um dia maravilhoso!*

(3) Pressuposicional (negação)

- (a) *O rei da França não é calvo: não há rei da França.*

(4) Implicatura (not-everynegation)

- (a) *Alguns alunos estão presentes. Nem todos eles, de acordo.*

Em relação ao uso (1), (really-not), o autor (*op. cit.*) dispõe que: “Whoever states that (s)he does not believe something is naturally taken to believe the **contrary**” (SHANG, 2014, p. 46). “Eu não quero que você vá embora” é uma versão educada de “Eu quero que você não vá embora” (Blanché 1966). “Eu não acredito que seja correto” significa o mesmo que “Eu acredito que seja errado” (Hart, 1970). Assim, trata-se de uma negação contrária, ou seja, cancela determinada propriedade (S não é P significa dizer que S não é-P). “Análise linguística: A negação explícita produz um efeito enfático do compromisso assertivo, em vez de uma mera

¹ Exemplos adaptados de Schang (2014).

ausência de julgamento. Análise lógica: NR negativa não é um operador de formação contraditório, mas um operador de formação inversa polar” (p. 48).

Sobre o uso (2), litote (not-only negation), Shag (2014) comenta que “Instead of expressing incompatibility, as is usually the case with negation, the above negative expression negates something while letting its operand compatible with the opposed term” (p. 55). “Assim, a relação entre “bom” e “maravilhoso” corresponde a uma relação de subalternação entre um primeiro termo, “maravilhosa” e boa”. “Análise linguística: algumas expressões não são suficientes para dar uma descrição adequada de uma palavra. Análise lógica: L é um operador de formação de compatibilidade de subalternação reversa, isto é, subalternação” (p. 56).

A terceira possibilidade, conforme (3), pressuposicional (negação), conforme proposto por Schang (2014) é a negação feita a partir de uma falha de existência; no exemplo, por pressuposição, sabe-se que não existe tal rei da França, ou seja, não é negação feita a partir de um operador, mas sim a partir de uma pressuposição de determinado padrão. Assim, a negação pressuposicional é um operador que nega uma propriedade da existência, uma interpretação do mundo possível a partir de um julgamento que implica a negação pressuposicionada existência do indivíduo predileto no mundo designado e real. “Análise linguística: a negação pressuposicional nega uma condição de verdade da sentença, tornando-a sempre falsa ou sem sentido” (SCHANG, 2014, p. 63). “Análise lógica: “é verdade no mundo real w? / “isto existe?”” (p. 63).

Já o uso (4), implicatura, podemos compreendê-la como escalar, que nega algumas das propriedades de uma sentença, porém, esta negação não precisa se manter em todos os contextos de conversação. De acordo com Shang (2014), significa que a implicatura nega ou não a quantificação aplicada à classe de alunos, no exemplo. “Análise linguística: a Máxima de Grice da qualidade pressupõe que o significado de uma frase é inequívoco. Análise lógica: a implicatura escalar significa que o significado da sentença é determinado com a maior precisão possível” (SHANG, 2014, p. 65).

Observando a pressuposição e a implicatura, coadunamos com Shang (2014) ao afirmar que a pressuposição sempre nega uma propriedade: existência (existe?), e a implicatura, às vezes (mas nem sempre) nega a existência. Dessa forma, são semanticamente quase-funcional.

2.1 A VISÃO DE LITOTE A PARTIR DA PERSPECTIVA TRADICIONAL

De acordo com Azeredo (2010), a litote pode ser uma forma de atenuar a ideia que se deseja vincular na mensagem sem provocar danos na intenção de pensamento que se quer transmitir ao ouvinte. Definida pelo autor como “Declaração de algo pela negação do seu contrário” (AZEREDO, 2010, p. 503). Não se pode rejeitar a noção de que a litote com a negação é uma forma indireta de fazer referência a uma normalidade, que é negada, ou a um ponto de vista que é consensual, do qual o enunciador não concorda. No exemplo (5) ocorre a negação do que a pessoa acredita que aconteça, o fato dos demais não gostarem dela.

(5) “- *Por favor, Nina – gemi. – Ninguém a detesta nesta casa, aqui você só encontra amigo*”. [CARDOSO, 2002, p. 123].²

Segundo Bechara (2009), a “litote” é um modo expressivo assim como outras figuras de pensamento e sentimento (antítese, eufemismo, hipérbole e outras) e figuras de palavra (metáfora, metonímia e mais). Desse modo, funcionariam e seriam, apenas, um recurso estilístico, ou seja, determinados processos representativos da língua, que visam a exteriorização psíquica. O autor apresenta o seguinte exemplo de Litote (BECHARA, 2009).

(6) “*Ele não canta mal.*”

Com base em Rocha Lima (1996), “litote” é uma variedade do eufemismo em que algo é afirmado pela negação do contrário” (p. 519). Sobre isso, o autor apresenta o seguinte enunciado: “*Ele não vê*” (em lugar de – *Ele é cego*) (ROCHA LIMA, 1996, p. 519). Ainda sobre o assunto, de acordo com o gramático, o falante faz uso de uma operação mental: a ideia oposta à de *ser cego* é a de *ver*.

Nota-se que o ensino das figuras de linguagem e suas categorizações adjacentes, figuras de pensamento, figuras de estilo, figuras de sintaxe e mais, persistem, nessas obras, em uma natureza retórica, o qual fora inicialmente refletida por Aristóteles na Antiguidade Clássica.

² Exemplo extraído de Azeredo (2010, p. 503).

Para os pensadores dessa linha reta esses atributos são simples ornamentos linguísticos muito presentes em textos específicos, como os literários (romance, poesias, crônicas e contos) que integram a chamada linguagem conotativa (figurada) que é mais subjetiva, pois não escreve a realidade de modo não literal e sim figurado. Devido a essa direção, muitos indivíduos desde a sua inserção na escola, onde é iniciado o extenso processo de absorvimento da língua padrão, se desenvolvem até a idade adulta crendo que o uso das “figuras” são modelos de escrita que devem ser usados em contextos e fins específicos. Já que são consideradas formas “pobres”, desprestigiadas e até mesmo erradas de expressar a realidade.

2.2 A CLASSE GRAMATICAL DOS ADVÉRBIOS

Os advérbios são a classe gramatical invariável, ou seja, aquelas que não flexionam gênero (masculino e feminino) e nem número (plural e singular) para todas as estruturas linguísticas as quais acompanham e modificam. De acordo com Potter (1968), os advérbios demonstram-se plena de controvérsias devido a sua conceituação e sua classificação:

El concepto de adverbio es uno de lospeor definidos de la gramática. Prácticamente toda palabrainvariable que califica elproceso recibe el nombre de adverbio. Ello implica, naturalmente, algunos inconvenientes y obliga a definir lo que debe ser un adverbio (POTTIER, 1968, p. 217).

Dionísio da Trácia e Donato (séc. II a.c) inclui entre as partes constituintes do discurso, como nome, verbo, conjunção, artigo, preposição, pronome, particípio, o epírrema (advérbio). Assim, o autor definiu o mesmo como a parte do discurso que é invariável e que modifica ou se junta ao verbo. Essa definição penetrou na gramática europeia e vigora até o presente momento nas gramáticas normativas. Entretanto, não há uma uniformidade conceitual que defina o advérbio.

Conforme Said Ali (1969) é possível compreender o advérbio como: “denota uma circunstância de lugar, tempo, modo, grau ou intensidade, negação, dúvida etc., e serve de determinante ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio. É expresso por uma palavra invariável ou locução equivalente” (p. 97).

Macambira (1970), por sua vez afirma que é possível definir por aspectos linguísticos, negando a possibilidade de fazê-lo pela óptica semântica. Já Rocha Lima (1998) considera

relevante os aspectos sintático e semântico dos advérbios e conceitua e alega que eles são evocados na língua para expressar diferentes circunstâncias que influenciam o significado do verbo ao indicarem dúvida, intensidade, lugar, modo e tempo.

Cunha e Cintra (1985), diferente de Rocha Lima alegam que o advérbio modifica o verbo, o adjetivo e o advérbio ou até mesmo uma oração inteira no ponto de vista semântico. Cunha e Cintra classificam os advérbios como de afirmação, de dúvida, de intensidade, de lugar, de modo e de tempo. Bechara (2009) apresenta concepção de advérbio divergente de Cunha e Cintra. Para ele, o advérbio pode ter por escopo substantivo e expressar o sentido de condição, assunto, causa, companhia, concessão, conformidade, fim, instrumento e referência, além de anteriormente supracitados.

Desse modo, Câmara Júnior (1970) alega que os vocábulos como o advérbio classificam-se a partir dos critérios semântico, mórfico e funcional. O semântico refere-se ao significado dos vocábulos no contexto biossocial em que se inserem. O critério mórfico é baseado nas propriedades que uma forma gramatical pode possuir. O último refere-se à função, ao papel que o critério funcional pode desempenhar em uma sentença.

Assim, a categoria dos advérbios demonstra-se como complexas, uma vez que a sua definição não se mostra como algo determinado, a qual permite brechas para que diferentes concepções surjam a respeito do tema. Porém, dentre as divergências postas pelos autores toma-se como de suma importância para esta pesquisa a concepção geral em relação ao tema, a qual traduz o advérbio em parte invariável da língua que é responsável por modificar, sobretudo, o verbo.

A partir dessa perspectiva, encontra-se o elemento básico que contribuirá para a compreensão e a descrição do fenômeno linguístico concebido como “litote”. Já que o seu princípio constituinte forma-se, nos casos a serem analisados, pela associação escrita do advérbio de negação, principalmente o “não” selecionado como recorte para este estudo.

2.3 A PARTÍCULA “NÃO”

A partícula “não” a parte constituidora, por excelência, da base do sistema de negação da língua portuguesa arcaica e moderna e nas demais línguas românicas (CASA GRANDE, 1973, p 22). Segundo Casagrande (1973), há substantivos que tiveram seus significados esvaziados, e, por isso, expressam ideias mínimas, é visto em fala popular, que é hiperbólica,

metafórica, mas que podem ser de uso comum. Devido a essa vasta capacidade criativa de uso de palavras que pode tornar-se de cunho negativo, que o Português contemporâneo é uma língua rica na expressão dos negativos com o concurso de substantivos que enfatizam a ideia de negação e de partes de frases também negativos.

Com base em Oliveira (2010), na Língua Portuguesa há diferentes formas de construções negativas, que causam estranhamento; deixando o ouvinte sem saber com certeza o que está a ser negado. Assim, fazem surgir questionamentos se o que é dito é ou não uma afirmação. Furtado da Cunha (2001), expõe os três mecanismos de negação usados no Português do Brasil, como a canônica pré-verbal, utilizada pelos homens cultos; a negativa dupla e a final. De acordo com a autora há motivos que levam a negação a possuir as formas elencadas pela mesma. A língua é uma estrutura flexível que está condicionada as exigências do uso e, por sua vez, é constituída de um código não intrinsecamente arbitrário. Furtado da Cunha (2001), afirma que apesar de haver diferentes formas de negação, as estruturas sintáticas não tendem a ser diferentes. Na forma e na organização das estruturas semântico-cognitivas subjacentes a estrutura da língua. Desse modo, traz de resultado a marcação, a iconicidade e a gramaticalização.

A marcação pode ser, sobretudo, neste estudo um elemento de relevância na investigação sobre “litote”. É uma propriedade que se distingue da forma não-marcada, por ser aquela menos usual ou menos neutra do que alguma, como a forma não-marcada, que é a mais usual, convencional. A marcada, que é a mais usual, convencional. A marcada também pode diferencia-se por apresentar mais material. Sendo assim, Furtado da Cunha (2001), dispõe três critérios que caracterizam a marcação.

A – Complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a estrutura não-marcada corresponde.

B – Distribuição de frequência: a estrutura marcada tende a ser menos frequente do que a estrutura não-marcada correspondente;

C – Complexidade cognitiva: a estrutura marcada tende a ser cognitivamente mais complexa do que a estrutura não-marcada correspondente. Refiro-me, aqui, a fatores como espaço mental, demanda de atenção e tempo de processamento (FURTADO DA CUNHA, 2001).

Com base na autora, a língua apresenta esses critérios de modo coincidente, que se traduz em marcação estrutural, a baixa frequência e a marcação cognitiva sendo refletoras da iconicidade da gramática. Como exemplo, a forma negativa é um mecanismo exposto pela autora como importante para explicar a forma marcada da não-marcada. A forma marcada é a negativa, por ser menos comum, já que a mais comum é a afirmação por ser mais fácil de ser compreendida. Visto que a negação demanda primeiro entender o que é afirmado para então negá-lo. É, neste caso, mais complexo, já que necessita a realização de maior esforço mental.

De acordo com os argumentos levantados por Cunha sobre o aspecto de marcação e, principalmente, negação, pensa-se na construção de “litote” como uma forma ainda mais complexa de processamento da língua. Ao estabelecer que para a sua assimilação o locutor emissor precisa ter a consciência de que a partir da inserção dele no contexto que o circunda, esse deve de modo pretencioso selecionar cognitivamente a estrutura que melhor se adequa a presente situação comunicativa.

A partir disso, poderá construir no nível da frase tal estrutura, de modo que represente uma negativa, porém mais complexa, por ser dotada de intenções em parte afirmativa. Tal ideia deve ser dita/posta a partir de elementos linguísticos estruturados, que por sua vez não serão totalmente suficientes para a construção de sentido do locutor destinatário. Este último, em contrapartida, será capaz de perceber, a partir do contexto em que o ato comunicativo é inserido, que para eficácia do ato é necessário realizar implicações. E são elas os processos necessários à complementação de alguns atos comunicativos mais complexos, porque são capazes de completar a formação do sentido vinculado.

A iconicidade pode ser concebida como a correlação entre forma e função, entre o código linguístico (expressão) e seu designatum (conteúdo). Pendahl (1979) afirma que a negação como fenômeno linguístico significa ausência; falta duma qualidade ou coisa ou também a discordância entre fatos verídicos e fatos apenas imaginados, nem incluídos numa realidade fantástica.

O autor em seus estudos classifica as formas de negação em duas grandes categorias, a explícita e a implícita. Na explícita, tem-se um elemento negativo claro; porém na implícita está escondido. São essas formas de negação divididas em frases constrativas e formas isoladas, nas implícitas, e a negação lexical e a sintática, dentre a negação explícita. A observação trazida pelo autor faz pensar se assim como a negação, que o mesmo classificou em dois grupos, explícita e implícita, seria possível considerar essas concepções para a afirmativa, como

explícita e implícita. Já que nos casos de “litote” (afirmação pela negação) tem-se neste caso uma afirmativa implícita. Que emerge a partir de inferências feitas pela negação “explícita” /dita.

Como exemplo de negação implícita colocada por Uppendahl, a negação no plano do discurso limita-se à língua falada e surge através da interpretação do contexto enunciativo e surge através da interpretação do contexto enunciativo, pois não está explícito nas mensagens associados do discurso. O autor expõe os exemplos:

- *Ela é bonita?*
- *Bonita? É feia mesmo!*
- *Me disseram que você tem muito dinheiro*
- *Imagina se tivesse!*

Observa-se aqui a importância do contexto para a verificação do sentido negativo, porque se as falas fossem isoladas seria, provavelmente, arriscado afirmar a presença na negativa intencionada. O autor discute também a negação explícita, a qual comporta a negação lexical e negação sintática. Essas negações são representadas por escrito nas frases e formalizam-se por prefixo (as chamadas lexicais), ou em outra forma como o uso da partícula “não”.

Como a única a ser averiguada nesta pesquisa, devido ao recorte do estudo, a partícula “não”, pode ser entendida dentro da contribuição do autor como negação sintática, que a que possui como escopo toda uma frase assim como uma oração ou uma locução. As partículas que representam essa negação é a partícula “não”, alguns pronomes indefinidos usados como substantivos (ninguém, modo) ou adjetivos (nenhum algum); determinados advérbios de tempo (nunca, jamais), a preposição sem e a conjunção coordenativa nem, locuções adverbiais etc.

Uppendahl (1979) afirma que se negar uma oração simples, haverá, por consequência, a evidência de que existe discordância, insatisfação de despreço entre o sujeito e o predicado. Exemplos: PÁG. 58

Não conheço o senhor Figueira

João e Pedro não gostam de Matemática

Ninguém falou conosco sobre as férias

O estudioso também expõe que quando há em uma oração palavras de sentido negativo por derivação ou composição ou a preposição *sem*, caso apareça, o sentido do conjunto será afirmativo. Observam-se os exemplos: P. 68 - 9

A empregada não trabalhava sem muitos sacrifícios.

= *Ela trabalhava com muitos sacrifícios*

O inventário das palavras negativas não é invariável

= *Ele é variável*

Nosso amigo não se comporta como pessoa ingrata

= *Ele demonstra gratidão suficiente*

Dentre esses e outros exemplos de negação apresentados pelo autor em sua obra, talvez esses “últimos” exemplos sejam os que mais se aproximam do objeto de estudo desta pesquisa. Como é possível observar, esses exemplos trazem uma concepção de negação refletida pelas partículas negativas “não”, “sem” e “in”, as quais se sabem que na Língua Portuguesa possuem caráter de negação. O elemento “não” organizado na frase antes dos verbos expressa a ideia negativa, mas que podem ser escritos de modo contrário ao que foi dito em primeira instância, emergindo então frases afirmativas, menos complexas.

Seguindo essa perspectiva, a demonstração desses exemplos elencados pelo autor pode ser o ponto de partida para adentrar na concepção de “litote”, para que seja mais bem analisada a partir de uma descrição detalhada por intermédio da compreensão da valorização dos contextos de uso aos quais emergem.

Ainda para complementar as contribuições sobre os estudos no Português brasileiro sobre negação, Maria Angélica Furtado da Cunha apresenta os três mecanismos de negação

segundos seus estudos. São elas a negativa canônica pré-verbal, a negativa dupla e a negativa final.

Conforme a autora, os três mecanismos coexistem como resultado da atuação de pressões rivais sobre o sistema linguístico. E a concorrência entre motivações distantes é provavelmente a responsável por fazer surgir às diferentes formas de negação, assim como a “litote”. A negação é para Furtado da Cunha construções que refletem universais psicológicos e socioculturais (Slobin 1980), que, por sua vez, recebem motivações de ordem comunicativa e/ou comunicativa e/ou cognitiva para uso das estratégias de negação.

De acordo com Furtado da Cunha (2013), o princípio de iconicidade se manifesta em três subprincípios, que se relacionam a quantidade de informação, do grau de integração os constituintes de expressão e a organização em linhas dois segmentos. Para o subprincípio da quantidade, quanto maior a quantidade de forma, de tal modo que a estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura do conceito que ela expressa. Desse modo, compreende-se que a complexidade do pensamento tende a refletir na complexidade presente na expressão. Slobin (1986) alegou que aquilo que é mais simples e esperado é expresso com o mecanismo morfológico e gramatical menos complexo.

Furtado da Cunha (2013), alega que o princípio da integração prevê que os conteúdos que estão mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação. Aquilo que está mentalmente junto coloca-se sintaticamente junto. O subprincípio da ordenação linear diz que a informação mais importante tende a ocupar o primeiro lugar da cadeia sintática, de modo que o primeiro lugar da cadeia sintática, de modo que a ordem dos elementos no enunciado demonstra a sua ordem de importância para o falante.

Logo, entende-se que a língua não se consitui um mapeamento arbitrário de ideias para enunciados. Entretanto, características humanas e complexas são refletidas nos traços estruturais das línguas. Assim, o princípio da iconicidade possibilita uma investigação detalhada das condições administradoras dos recursos de codificação morfossintática da língua. Furtado da Cunha apresenta três estratégias de negação:

A – A negativa canônica pré-verbal não + SV:

Ela não estava sabendo reger direito.

B – A negativa dupla não + SV + não

Não vou falar agora a letra do cântico não que é muito difícil.

C – A negativa final SV + não:

...tudo eu faço... sabe? tem isso comigo não...

Em contrapartida a essas exposições sobre negação, a “litote”, modelo selecionado como recorte para esta pesquisa consiste em formas de negação canônicas pré-verbal. Os dados a serem apresentados constituem-se a partir do construto negativo “não”, escrito pelo advérbio de negação “não”, organizado linearmente ao lado de verbos, construindo assim sintagmas nominais e verbais. Ademais, a partir da carência explicativa e investigativa para uma compreensão eficiente em relação à forma de negação “litote”, tomam-se tipos de negativas existentes no Português do Brasil. Sobretudo as construídas pelo advérbio de negação “não” pré-posto a sintagmas nominais ou verbais. Vistos nos dados eleitos para análise.

Então, tal necessidade emerge da compreensão de cunho mais complexo, de que e/ou porque se percebe que para a tradução do significado verdadeiro é necessário considerar conteúdos cognitivos, sociais, pragmáticos etc., que estão no plano das inferências, que devem ser realizadas pelos falantes. Sendo assim, compreende-se que a negativa posta em forma de “litote” demanda de muito mais processos, como os extralinguísticos. Pois se trata de negativas, provavelmente, menos negáveis do que as demais apresentadas neste estudo, como marco inicial de estudos sobre a negação; compreendidos como ponto de partida ou subsídios linguísticos necessários para o surgimento da “litote”. Já que as negativas, por sua vez, são tratadas pela Gramática Tradicional como negações; postas, por isso, de lados divergentes dos estudos do mecanismo, recurso linguístico “litote”.

Dar-se-á então o início de um complexo estudo em relação ao fenômeno linguístico “litote” presente no Português brasileiro, visto no uso cotidiano da língua. A fim de interpretar propriedades específicas do presente fenômeno que fazem com que o mesmo seja conceitualizado de modo diverso das negações mais objetivas. Ou seja, aquelas que desejam apenas negar, ao contrário da “litote”, que nega com o intuito de afirmar aquilo que é dito.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

3.1 História do jornal “Folha de S. Paulo”

Nesta pesquisa será realizada um estudo sobre a operação cognitiva/figura de linguagem denominada “litote”. Com a intenção de trazer novas contribuições acerca do fenômeno, utiliza-se como fonte de coleta de dados extraídos de jornal de grande circulação. Desse modo, como fonte de coleta de dados para a investigação desta pesquisa, utilizar-se-á o jornal *on-line* “Folha de São Paulo”, pois é considerado um veículo de grande circulação e de credibilidade, que processa semanalmente as notícias, as reportagens e outras informações mais relevantes para o país. Por isso, acredita-se que por ser um veículo de comunicação bastante antigo e conhecido por grande parte dos brasileiros, sobretudo os residentes do estado de São Paulo, a fonte escolhida possa contribuir para a pesquisa em questão.

Os primeiros vestígios que deram margem a construção do jornal “Folha de S. Paulo” emergiram em 1921, no dia 19 de fevereiro por Olival Costa e Pedro Cunha que fundaram o jornal "Folha da Noite". Anos à frente, especificamente em julho de 1925, criou-se a "Folha da Manhã", que era uma edição elaborada para circular durante o dia ao invés do "Folha da Noite". Nessa mesma perspectiva, seus fundadores criaram o "Folha da Tarde", 24 anos depois. No ano de 1960, 1º de janeiro, os três títulos da empresa, "Folha da Manhã", "Folha da Tarde" e "Folha da Noite", foram unificados e, assim, surgiu o jornal Folha de São Paulo, resultado do aglomerado dos três jornais de circulação em períodos diferentes.

Em 1962, Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho assumem o controle da empresa Folha da Manhã. Cinco anos após, 1967, o jornal torna-se o pioneiro na impressão *offset* em cores, usada em larga tiragem pela primeira vez no Brasil. Em 1971, a Folha deixa de utilizar a composição a chumbo e se torna o primeiro jornal a usar o sistema eletrônico de fotocomposição. No ano de 1976 foi criada a seção "Tendências/Debates", pautada pelo princípio da pluralidade, cuja publicação de artigos de diferentes posições ideológicas exerce papel de suma relevância no processo de redemocratização do Brasil. Em junho de 1981, o documento de circulação interna emerge como a primeira sistematização de um projeto editorial. Sobre a intenção de fixar três metas: informação correta, interpretações competentes e pluralidade de opiniões. Por volta de 1983, o jornal passa a ser a primeira redação que desempenha suas atividades de modo informatizado na América do Sul, passando economizar tempo em sua produção. Em 1984, publica-se o primeiro Projeto Editorial, que defende um

jornalismo crítico, pluralista, apartidário e moderno e neste mesmo ano, a Folha implanta o Manual da Redação, editado em livro.

Em 1991, o noticiário é organizado em cadernos temáticos. Um dos importantes feitos da Folha foi pedido de impeachment do presidente Fernando Collor de Mello, sendo o primeiro ógão a realizar tal ação que levou à renúncia do presidente no ano seguinte. E então a primeira página passa a circular colorida todos os dias. No ano de 1992 o empresário Octavio Frias de Oliveira passa a controlara companhia. A Folha se consolida como o jornal com a maior circulação paga aos domingos (média de 522.215 exemplares). Em 1994 com o lançamento do "Atlas Folha/The New York Times" em fascículos, a Folha bate recorde de tiragem e de vendas na história de jornais e revistas do país no dia de lançamento (1.117.802 exemplares) e nas semanas seguintes. Em 1995 começa a funcionar o Centro Tecnológico Gráfico-Folha, em Tamboré. O jornal passa a circular com a maioria das páginas coloridas.

Já em 1996, surge o Universo Online, primeiro serviço online de grande porte no país do grupo Folha. No mesmo ano, o Universo Online e o Brasil Online, do Grupo Abril, se fundem em nova empresa, o Universo Online S.A. No ano seguinte, o jornal lança a versão mais recente de seu projeto editorial, que propõe seleção criteriosa dos fatos a ser tratadas jornalisticamente, abordagem aprofundada, crítica e pluralista, texto didático e interessante. 2001 publica-se a quarta edição do novo Manual da Redação, versão revista e ampliada das edições anteriores (publicadas em 1984, 1987 e 1992). Em 2010 há a unificação das redações do jornal impresso e on-line; reforma gráfica e editorial. Devido à evolução digital a Folha Online é reestruturada e passa a se chamar Folha.com. e passa a ser disponível, também, para aplicativos para iPhone, iPad e Galaxy Tab, que são lançados.

Assim, o Grupo Folha é um dos principais conglomerados de mídia do país, que surgiu para atender a classe média urbana que emergia de uma sociedade que teve como origem a monocultura do café. Esse grupo administra o jornal de maior circulação e influência (Folha de S.Paulo), a maior empresa brasileira de conteúdo e serviços de internet (UOL), o site noticioso de jornal com mais audiência (Folha.com) e a maior gráfica comercial do Brasil (Plural). Além de outros negócios que funcionam como os mais importantes veículos de informação e comunicação de grande destaque no Brasil.

Após o breve apanhado histórico sobre a origem de criação do jornal “Folha de S. Paulo”, que permite a informação mais detalhada sobre a fonte de pesquisa deste estudo, iniciar-

se-á a exposição sobre quadro metodológico que norteará esta pesquisa, para que seja possível compreender como se dará o funcionamento da mesma.

3.2 O aparato metodológico da pesquisa

A pesquisa será elaborada a partir de algumas noções que servem para nortear pontos importantes, como que tipo de pesquisa trata-se, qual a finalidade, quais os sujeitos envolvidos caso os tenha, o que se objetiva realizar, onde e/ ou com quem ou quais elementos. Quanto à natureza, o método ou abordagem, fonte de pesquisa e outros fatores necessários para o direcionamento e pré-compreensão de como se desenvolverá a pesquisa destacada, buscando uma condução proposital de como o estudo deve ser realizado. Pois assim, evita-se a abertura de margens para possíveis reflexões que não necessitem, obrigatoriamente, estar na superfície das noções vinculadas na investigação a ser efetuada.

O breve panorama que se pretende demonstrar aqui sobre as noções de pesquisas será realizado com base nas leituras dos autores Minayo (1994), Bauer e Gaskel (2000), Demo (1996), Gil (1991), Holanda (2001), Lakatos e Marconi (1999), Lüdke e André (1986), Turato (2004) e Wielewicki (2001). De tal forma, sabe-se que a pesquisa conhecida com básica, em relação a sua natureza, objetiva gerar conhecimento novo para o avanço da ciência, buscando criar verdades que podem ser temporárias ou relativas, de interesse universal ou mais restritos. Quanto à natureza básica, a pesquisa não possui como interesse principal a aplicação de resultados, como normalmente é feito no âmbito da pesquisa aplicada, que visa produzir conhecimento a fim de solucionar problemas específicos e, com isso, a aplicação prática em situações particulares.

Em relação ao método ou abordagem, a pesquisa pode classificar-se como qualitativa ou quantitativa. Entretanto, nesta pesquisa, crê-se na existência do método qualitativo, pois a pesquisa, em sua coleta de dados para a análise, não objetivará elencar um vasto número de corpus, mostrando-se que o relevante para este estudo é o aspecto descritivo e explicativo do corpus selecionado e não realizar uma investigação de cunho aproximadamente estatístico.

Mas mesmo que o que se prevaleça seja o método qualitativo, é importante declarar que o quantitativo não é posto como totalmente desvencilhado desse, pois em suas essências um complementa o outro. Sendo assim, Ludke e André (1999) alegaram que uma pesquisa não seria somente quantitativa, porque na escolha das variáveis o pesquisador estaria operando com

aspectos qualitativos. E também não seria apenas qualitativa, pois não haveria quantificação na escolha das variáveis para o estudo.

A pesquisa quantitativa é a mais utilizada no campo das ciências naturais. Ela adota espécies de sistemas que juntam respostas pré-determinadas, que facilitam a análise e comparação dos dados. Pode ser apresentada em pouco tempo nos casos que envolvem categorias de análise não pré-determinada; com isso, o estudo sobre “litote”, pode ser compreendido, aqui, como uma categoria do âmbito das operações mentais e/ou “figuras de pensamento que até as pesquisas mais atuais não recebeu uma atenção especial ao que concerne a explicação e a descrição de cunho cognitivo-funcional para que sejam aclaradas e entendidas a partir da determinada perspectiva linguística. No caso dos estudos de questões com profundidade, coloca-se que para o melhor detalhamento do objeto eleito, “litote”, buscar-se-á se realizar o aprofundamento das questões que envolve a construção e os processos envolvidos no surgimento do fenômeno. Junto a isso, será feita a avaliação das informações tanto no menor número de fenômenos analisado, quanto em quantidade maior de corpus.

O método qualitativo é mais adequado para as pesquisas da área das ciências sociais, porém mesmo que esta pesquisa não seja essencialmente de caráter social, ela não se separa por completo desse. Pois julga que o fator social é elemento inseparável dos estudos linguísticos. Visto que para a linguística funcional a língua não é um constituinte somente inato e isolado no mundo, mas que se desenvolve, cria-se e recria-se a partir das interações, aspectos sociais e inúmeros elementos que influenciam e colaboram para a linguagem.

Essa abordagem baseia-se na interpretação dos fenômenos observados e no significado que eles carregam consigo, ou no significado dado pelo pesquisador, que por sua vez pode trazer as suas impressões oriundas de diversas fontes de conhecimento e experiências de mundo para auxiliar o estabelecimento de sentido e da compreensão do fenômeno investigado, considerando a realidade em que os fenômenos encontram-se.

É importante ressaltar que mesmo que o pesquisador possa envolver-se de alguma forma como contribuinte do trabalho em desenvolvimento, esse deve policiar-se para que não vincule ideias que somente façam parte do conhecimento privado dele, visando, sempre, associar a sua pesquisa noções, informações, reflexões ou ideias que sejam demasiadamente oriundas, a princípio, das informações constatadas a partir da pesquisa. Pois é essa que em determinados casos, senão todos, concluirá e responderá questionamentos e intenções iniciais.

O qualitativo valoriza a realidade e a particularidade de cada sujeito, objeto da pesquisa, porém nesta pesquisa, não se objetivará buscar de modo primário o estudo do sujeito de fato e de sua complexidade constituinte, como quesitos sobre origem social, idade, formação, cultura e outros. Mas ao mesmo tempo, buscar-se-á compreender que a língua é o veículo que faz parte desse sujeito e que permite que ele exteriorize por meio de verbalização o conjunto de noções formadas a partir de todos os fatores que o envolvem.

Dessa forma, nesta pesquisa os chamados elementos “extralinguísticos” não serão o foco posto em evidência no estudo, mas será observado como elementos subsidiários e indispensáveis à linguagem, como os contextos. O processo é descritivo, indutivo, de observação que considera a singularidade do sujeito como o mais importante na construção da linguagem, pois é ele que carrega e imprime nela as suas vivências de mundo e, com isso, a subjetividade do fenômeno. Visto que depende das experiências, conhecimentos, cultura de cada grupo, pois constroem a linguagem de acordo com as generalizações de cada contexto pertencente e de acordo com as particularidades que cada experiência propicia. E vale considerar a existência de princípios já estabelecidos no uso da linguagem e da possibilidade da ocorrência de generalizações de forma moderada, pois há casos particulares.

A pesquisa científica pode ser classificada de acordo com diferentes critérios que permitirão um enquadramento de acordo com os objetivos a serem alcançados pelo estudo. No caso, existem três diferentes tipos de pesquisas, a exploratória, a descritiva e a explicativa. As diferenças mais importantes que permitem diferenciar e identificar uma em relação à outra é vista inicialmente pelas características de a pesquisa exploratória almejar maior familiaridade do pesquisador com o tema proposto para a investigação.

Esse tema pode ser construído a partir de hipóteses ou intuições, porque, geralmente, esse tipo de pesquisa ocupa-se do estudo de temas menos conhecidos, e devido a isso, costuma abarcar muitos levantamentos bibliográficos e exemplos para que possam ajudar na compreensão do assunto. Podem envolver também entrevistas, pois são vistas com fontes de mais informações, que podem contribuir para o objetivo a ser alcançado. As pesquisas exploratórias costumam envolver as pesquisas bibliográficas e os estudos de casos, pois podem incluir bastante a intuição do pesquisador.

A pesquisa descritiva realiza uma análise bem detalhada e, com isso, descritiva do objeto elegido para o estudo, que pode ser um processo, um fenômeno, umas situações e outros. Para isso, utiliza-se da coleta de dados de modo qualitativo e/ou quantitativo. Busca fazer uso de

gráficos sobre sexo, nível de escolaridade e localidade dos envolvidos. Essa pesquisa, busca na sua essência fazer a descrição dos dados sem que ocorra a interferência do pesquisador. A diferença crucial em relação à pesquisa exploratória é que o assunto pesquisado não é novo, é algo que já fora estudado e o novo pesquisador ao propor o mesmo assunto ater-se-á trazer outras e novas contribuições para o tema, aprofundando-se a esse.

A explicativa visa identificar e explicar os fatores causadores de determinado problema ou aspecto do objeto investigado. Apresenta-se como uma forma contínua das pesquisas explicativas e descritivas, pois fornece uma visão mais minuciosa do assunto estudado. Utilizam dois procedimentos técnicos: o ex-post facto e a pesquisa experimental. A saber esse tipo de pesquisa é o mais apto a erros, pois interpreta a realidade e o objeto de estudo através de um caráter subjetivo à pesquisa. Porém, por outro lado possibilita ações de ordem prática.

A partir das perspectivas apresentadas, pode-se alegar que a presente pesquisa sobre o fenômeno “litote” em relação ao seu objetivo apresentará e será envolta pelos critérios da pesquisa exploratória. Porque trará um estudo sobre um objeto ainda não explorado no campo da linguística, sobretudo funcional centrada no uso e, então necessitará de engajamento do autor na busca de informações, adicionadas as suas conceptualizações e suas intuições para que de modo cauteloso possam contribuir para o esclarecimento dos processos e dos fatores que levam a construção do objeto deste estudo.

Visto que mesmo existindo três tipos de pesquisas classificadas de acordo com os seus critérios, sendo postas de forma separada uma da outra, considera-se que os critérios ou propriamente dita, as próprias pesquisas, não necessitam, como regra, do total pertencimento a apenas uma das classes de pesquisas determinadas quanto ao seu objetivo. Compreende-se que um estudo possa ser dito exploratório, porque demonstra em sua maior parte um conjunto de características mais pertencentes a uma dada categoria do que outra. Mas que como um todo não sacramenta o completo desvencilhamento de um ao outro, agindo, então, como critérios de pesquisas complementares, a depender da pesquisa.

O estudo também será classificado quanto aos procedimentos técnicos. Com isso Gil (2008), afirma que se pode ter uma pesquisa bibliográfica, que é desenvolvida com base em material já elaborado, principalmente livros e artigos científicos. Porém, o uso de internet não é recomendado. A pesquisa documental apresenta-se semelhante à bibliográfica, então a natureza é vista nas fontes, porque se apropria de materiais que ainda não foram analisados ou que podem receber um novo direcionamento analítico de acordo com o caminho escolhido para

conduzir o estudo. Deste modo, valorizar-se-á aqui o estudo da “litote” sob a direção dos preceitos cognitivos-funcionais. A pesquisa pode também apresentar quanto a sua técnica ou procedimento experimental que seleciona as variáveis que poderiam influenciar o objeto de estudo e definir as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto.

Ainda de acordo com Gil (2008), a pesquisa quanto a seus procedimentos técnicos pode fazer-se por levantamento, em que se realiza a interrogação direta das pessoas as quais os comportamentos têm-se interesse em conhecer. Para isso, será feita uma solicitação de informações a um grupo considerável de pessoas em relação ao problema estudado, para que depois, a partir de uma análise quantitativa, alcancem as conclusões correspondentes aos dados coletados. Emergirá um senso, quando as informações vierem de todos os envolvidos na pesquisa a partir do levantamento realizado.

O outro procedimento é o estudo de campo que busca o aprofundamento de uma realidade específica. Realiza-se por meio da observação direta das atividades do grupo analisado e também das entrevistas com informantes com a intenção de captar as explicações e interpretações do que acontece naquela realidade. O estudo de caso é a realização do estudo profundo e exaustivo de poucos objetos, possibilitando um vasto detalhamento do conhecimento. Segundo Thiollent (1986), a pesquisa-ação é de base empírica, concebida e realizada de forma associada a uma ação ou resolução de um problema coletivo. Os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema envolvem-se de modo participativo ou cooperativo.

Por resumo, a presente pesquisa encontra-se situada segundo os pressupostos teóricos e metodológicos das pesquisas sociais, científicas e filosóficas como essencialmente qualitativa. Porque se preocupa com um nível da realidade que não pode ser quantificado (MINAYO, 1994), de modo que a realidade social é apreendida por aproximação e interpretação (MINAYO, 1999). Nesse sentido, o seguinte estudo busca propor uma pesquisa qualitativa que visa abordar aspectos relativos à linguagem verbal humana em seus múltiplos relacionamentos com outros homens, quiçá instituições sociais e outros (GIL, 1987). Será proposta uma investigação calcada no método indutivo, para a observância dos fenômenos escolhidos para o estudo, objetivando descobrir aspectos como as causas de sua manifestação, os fatores que o envolvem, os contextos, o processo de construção, os recursos que estão envolvidos na mesma, um padrão de construção, o significado, e possíveis outros quesitos que possam surgir com o desenvolver da pesquisa.

Portanto, a caracterização da pesquisa de um modo geral será teórica, pois os objetivos a serem alcançados não exigirão comprovações práticas, ou seja, aplicabilidades apoiadas em teorias. No entanto, não haverá a intenção de dissociar por completo o plano empírico do trabalho a ser realizado. Para a realização e caracterização deste estudo, será adotada quanto à finalidade uma pesquisa pura, pois se pretenderá apresentar um trabalho de análise teórica, que por sua vez possa apontar possíveis outros direcionamentos sobre tema, compartilhar saberes com outra área como com os gramáticos ou a quem mais possa interessar.

Assim, no que tange ao objetivo do pesquisador, o trabalho assumirá uma conduta explicativa sendo possível abranger à descritiva e à exploratória, pois se acredita na inter-relação dessas, sobretudo para o esclarecimento da análise dos dados. No que diz respeito ao procedimento e envolvimento do pesquisador, propõe-se uma pesquisa de base teórica, pois apesar de observar a importância dos domínios “extralinguísticos” não se priorizará o investimento de estratégias metodológicas que visem, por exemplo, conscientizar determinadas comunidades de fala sobre a reflexão em relação ao tema proposto em sua nova perspectiva e outros.

Para alcançar a intenção de pesquisa, os dados serão buscados através do jornal on-line denominado “Folha de São Paulo” e em corpus disponível no português brasileiro. E a partir disso, serão coletados os dados, que se representam como trechos de falas presentes em reportagens, matérias, enfim, textos publicados no jornal, que demonstrem possuir em sua estrutura o mecanismo “litote”. Com isso, os dados serão selecionados, separados e analisados com base no marco teórico a justificado para o cumprimento desta pesquisa.

4 ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS DADOS

Para a demonstração da abordagem construcional da gramática, desenvolvida dentro do âmbito da linguística funcional centrada no uso será tratada nesta seção a análise qualitativa do objeto de pesquisa selecionado. Far-se-á através de um estudo sincrônico. Será posta nesta seção a construção de “litote” encontrada em maior parte como “**não é**”, advérbio de negação junto ao verbo “ser” em suas flexões de singular e plural que constitui uma espécie de pareamento semântico-sintático integrado em sua forma de uso. O qual permite ativar na mente humana capacidades cognitivas como a validação de inferências e/ou de implicaturas. A fim de que se mantenha a eficiência do discurso, ou seja, a compreensão.

A partir dos dados coletados foi possível observar que as construções “**não é**” ou “**não são**” vinculadas e não isoladas, na maioria dos casos, tendem a demonstrar possível intenção contrária sobre a ideia armazenada na mensagem a ser transmitida pelo emissor. Acredita-se que por ser tratar de um jornal de grande circulação e renome na sociedade brasileira, sobretudo a paulista, em que a maioria de seus leitores sejam indivíduos de poder aquisitivo e conhecimento cultural mais elevado do que a classe popular, é que se torna possível de se presumir que a seleção linguística dos jornalistas ao elaboram os gêneros textuais do vínculo informativo, fazem-no de modo pretensioso e não inconscientes.

Crê-se que devido ao grau de informação dos escritores dos textos escolhidos e a consciência deles em relação ao uso mais polido da língua, tal domínio possa influenciar de maneira direta na forma de escrita das notícias, matérias ou reportagens presentes no canal de informação. A fim de que se transmita a real mensagem associada à construção, mas que ao mesmo tempo essa mensagem seja modelada em construções linguísticas de caráter menos direito, comprometedor ou agressivo. Já que os responsáveis por elaborar e divulgar as informações a serem expostas devem preocupar-se com aquilo que é dito, sobretudo explicitamente. Pois dependendo do que se firma através de palavras escritas/explicitas pode por consequência surgir resultados negativos a respeito do autor ou tradutor da informação “noticiada”; porque esse pode modificar o conteúdo vinculado, dentre outros casos. Esses fatos, por seu turno, podem, adiante, constituir consequências negativas como a geração de processos por calúnia, por difamação, por danos morais, dentre outros.

Sendo assim, compreende-se que para que a transmissão de ideias seja ao máximo desprendida de um juízo de valor, principalmente aquele que possa repercutir de modo negativo a depender do conteúdo e do contexto do qual a informação está associada, presume-se que o

enunciador seja o dono da informação, ou que o jornalista seja o responsável por filtrar o conteúdo. E assim, fica incumbido de ajustar o discurso de acordo com as necessidades de uso. Desse modo, observa-se que para a modelagem adequada das palavras que serão organizadas para transferir determinada intenção e de modo mais polida, o uso de determinadas construções podem criar sentidos específicos a serem decodificados nas referentes situações de uso concreto da língua. Aspecto que constrói formas de usos específicas, com sentidos também específicos, que a princípio tornam-se compreensíveis de tal forma quando estão inseridas em contextos situacionais e discursivos; os quais necessitam de ativação cognitiva do determinado modo de pensar, polido do falante. O que elucidará a organização de palavras em construtos específicos, transmissores do processamento mental em forma de litote.

Essa operação cognitiva é ajustada a modelos de uso que expressam educação, gentileza, cortesia, ponderamento e mais. Perspectiva que pode estar mais associada a determinadas formas dos falantes comportarem a linguagem conforme as suas concepções de bons modos, de gentileza, de respeito, de educação e outros. Tal noção pode vir atrelada à cultura de uma sociedade ou parte dela como o enraizamento de usos linguísticos locais, situacionais e contextuais que podem contribuir para a identificação cultural e linguística de um povo.

Nessa perspectiva, é com a recorrência das construções do tipo “litote” que ocorrem no cotidiano das pessoas, através da escrita, que se torna possível a investigação linguística sob a ótica da corrente funcionalista; a fim de se investigar os usos efetivos dessas construções. A construção esquemática “**não é**” / “**não são**” formada pelo advérbio de negação “nãõ” e verbo “ser” forma uma espécie de pareamento semântico-sintático constituído de modo integrado em que a composicionalidade se apresenta reduzida, pois demonstra a diminuição das propriedades pertencentes as suas categorias, como o “nãõ”; não posto nas sentenças com a pretensão objetiva de transmitir ideia de negação.

O verbo “**ser**” organizado propositalmente junto à partícula “**nãõ**” mostra-se uma unidade gramatical que contribui para a exibição da ideia contrária daquilo que se quer dizer. Ou seja, a construção “**nãõ é**” tal coisa funciona nos exemplos encontrados como um estilo de escrita que expressa o contrário daquilo que se deseja dizer, funcionando por sua essência, como um artifício cognitivo que molda a linguagem, de acordo com as intenções, as necessidades, as percepções, os contextos e os ajustes admissíveis para a melhor forma de aceitação do conteúdo vinculado. Ainda que possa ser desfavorável para o destinatário.

Desse modo, as construções que aparecem com frequência na espécie “**não é**” apresentam correlação da forma (sintática, morfológica) junto ao sentido (semântico, pragmática e discursivo funcional) o qual o foco de análise dá-se na correspondência simbólica que a construção evidência, não interessando a análise das propriedades isoladas uma da outra. Pois a simbologia, a representação constrói-se a partir da unidade inserida em contextos e não em itens isolados, funcionando a pequena estrutura como instanciações construcionais. Em relação ao quesito parâmetro das construções, nota-se que o construto “**não é**” é do tipo complexa, pois se organiza como palavra composta.

A segunda dimensão diz respeito à esfera fonológica, sendo o construto mais específico, logo de esquematicidade, de modo que as construções são distribuídas em substantivos ou idiomáticos, podem ser compreendidas como uma forma peculiar de estruturar a língua; menos esquemática. Na terceira dimensão, no campo do sentido, o conceito associado acredita-se ser mais procedural, ou intermediário, uma vez que pode ser elaborado a fim de ajustar o sentido do discurso. Assim tais vinculações formais e semânticas enfatizam maior vinculação função/forma.

Com isso, a correlação das dimensões formal mais a semântica expressa à associação da função com a forma, visto que é a função um dos fatores determinantes da forma e não vice-versa. Assim, o uso linguístico de “litote” passa a ser compreendido como instanciações de construções em que podem ser comprovadas a partir do *token* em contextos reais de uso. A fim de adotar uma abordagem construcional de gramática nesta pesquisa, buscar-se-á compreender como a mente dos indivíduos conceptualiza e, com isso, constrói a experiência do sujeito com base nos parâmetros de especificidade/ esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade relacionados à ideia de (inter)subjetividade.

Assim, a construcionalização, a vinculação de forma nova com significado novo, apresenta como ponte de partida o acordo entre inferências sugeridas que ao percorrer do tempo se torna convencional no nível do esquema, ou seja, uma macroconstrução que se expande de forma semântica e pragmática. Neste caso abordado, compreendem-se os processos em análise como construcionalização lexical por acreditar está conectada ao desenvolvimento de novos significados. Em relação à esquematicidade (abstrações inconscientes percebidas pelo falante) pode-se observar que o verbo “ser” é mais específico do que grande parte dos verbos.

Dessa forma, os indivíduos por apresentarem domínio de sua língua, apresentam também o domínio de esquemas constituídos a partir da cognição humana organizada por

motivações oriundas de experiências. E o fato de ser menos esquemática, ou seja, menos inconsciente significaria alegar que o uso do mecanismo mental analisado, a “litote”, dá-se a princípio na mente do falante por um ajustamento cognitivo, o qual constata ser necessário para a vinculação da informação em determinados contextos de uso.

A construção em estudo é uma estrutura complexa, porque é formado de duas subpartes, o advérbio de negação “**não**” e o verbo “**ser**” **ou outros** gerando o construto “**Adv. V.**” expresso por “**não é**” e **outros**. Diz-se complexa, pois se presume que a construção de sentidos dos mesmos dá-se a partir da primeira parte, representada por uma estrutura negativa, como primeiro momento do plano estratégico na construção de sentido. O segundo elemento constituinte é reproduzido pelo verbo “ser” e outros que juntos em determinados contextos e de acordo com determinadas intenções formam um todo específico que remete a significados também específicos.

No que diz respeito à produtividade, estudada a partir da frequência, observa-se até o momento que a questão da extensibilidade (novas construções menos esquemáticas e o grau em que esses esquemas são restringidos) mostra-se bastante produtiva, ainda que se acredite que os falantes evitem o uso escrito de construções de cunho abstratos na língua escrita. Por serem modelos de usos informais, não concebendo os mesmos como formas cognitivas construídas a partir do uso. Dar-se margem, neste caso, a presença de preconceito linguístico, à medida que intensificam a ideia de que usos linguísticos baseados em experiências, como metáforas e outros devem ser evitados em determinados contextos e situações comunicativas.

No aspecto composicionalidade (semântica e sintática) a construção em estudo – “**não é**” - nos casos entendidos como “litote”, verifica-se a composicionalidade semântica na soma do significado das partes. Na estrutura em destaque é possível recuperar o significado de cada elemento na união que transmite o significado do todo, mostrando-se predominantemente constituído de composicionalidade semântica.

Excerto 01:

1. Celebidades - Após polêmica, onda de mulheres na internet apoia Bruna Marquezine em defesa de seios naturais - 13/02/2018
*peitos da Bruna Marquezine **não são** caídos, eles são simplesmente peitos e é assim que peitos naturais se parecem, seus bando de macho virgem que acham...*

<https://f5.folha.uol.com.br/cel...-defesa-de-seios-naturais.shtml>



Ao observar a frase apresentada é possível compreender que a construção “**não são**” estruturada na frase busca vincular a informação sobre os seios da atriz, Bruna Marquezine. Entretanto, de modo que o conteúdo a ser transmitido não alcance sentido ofensivo e, com isso, não responsabilize negativamente o escritor da informação apresentada no jornal.

Para que o destinatário, ou seja, o leitor da informação compreenda o conteúdo intencionado na mensagem é preciso que esse detenha conhecimento a respeito do que significa algo “caído” na língua portuguesa e na cultura brasileira, em primeira instância. Principalmente quando expresso por meio de operações metafóricas, que, neste caso, apontam ideia de algo não agradável, direcionado para “baixo”, em uma perspectiva orientacional. Além da conceptualização metafórica, para que o destinatário interprete a essência da mensagem, este deverá perceber a necessidade de realizar implicações a respeito do que é dito através do material escrito. Sendo assim, o interlocutor 2 implicará que se a parte do corpo da famosa em questão não é “caído”, ou seja, flácido, , para baixo; ele também não é rígido ou para “cima”, pois a fotografia da famosa permite essa percepção. Essa noção talvez possa expressar uma ideia intermediária, ou seja, que o valor significativo está mais ou menos no meio termo de ser um ou outro, mas não exatamente um ou outro. Ao pensar em uma escala será possível compreender que a intenção que é dada ao seio da mulher não é nem A e nem B, mas um

elemento, um significado intermediário, que por sua vez, repercute sentido menos negativo, menos direto e menos ofensivo para a jovem.

Desse modo, o construto “**não é**” no contexto em estudo instancia o advérbio “não” junto ao verbo “ser”, **Adv.V.** As categorias se unem a fim de repassarem valor de contrariedade daquilo que se quer dizer, configurando um tipo de negação de cunho menos prototípico de construção negativa, constituindo-se, assim, um caso de litote. A construção mostra-se menos composicional, pois o sentido separado das partes é facilmente recuperado, ainda que se entenda que durante a escolha de tal construção para associar ao discurso, deseja-se postular noção oposta aos elementos explícitos, passível de captação por meio de inferências oriundas de diferentes pontes contextuais.

É também mais específica por ser uma forma peculiar de transmitir, de forma aparente, valor de negação, já que a intenção não é em seu fundamento negar. Mas expressar ideia contrária e em muitos casos mediana daquilo que é dito ou compreendido por inferências. Esquemática por permitir seu uso como uma construção típica e apropriada para expressar determinado sentido. Produtiva à medida que contribui para a criatividade do uso linguístico mediante as variadas situações comunicativas, possibilitando assim novos arranjos, mas de sentidos semelhantes.

Excerto 02:

Sobretudo - Carreiras - Quando desistir do trabalho dos sonhos é a melhor opção - 25/02/2018

*Muitas vezes é melhor desistir de um plano de “carreira” do que teimar em fazer algo que está dando errado só porque era um sonho antigo. Muito se fala que você pode ser o que quiser, é só se esforçar. Mas isso **não é verdade**”, diz Eduardo Ferraz, consultor de gestão de pessoas. Para explicar isso, ele usa a comparação fei ...*

<http://www1.folha.uol.com.br/so...s-sonhos-e-a-melhor-opcao.shtml>

Em uma reflexão comum, muitas pessoas já devem ter se perguntado em algum momento de suas vidas, principalmente quando estão em busca de sucesso profissional, que em muitos casos são idealizados a partir de “sonhos” projetados desde a infância sobre o tornar-se profissional de determinada carreira, como médico, professor, cantor e quaisquer outras. Para

isso, os indivíduos refletem também sobre as possibilidades de alcance do desejo imaginado. Porém, há sujeitos que na tentativa de conquistar a profissão de seus sonhos encontram dificuldades que nem sempre podem ser contornadas para que alcancem seus objetivos.

Um dos principais empecilhos para tal realização é a baixa situação financeira que muitos indivíduos enfrentam, somadas à falta de tempo; de apoio, de investimento, de aptidão; da distância e mais. Nessa perspectiva, compreende-se que a questão de conseguir tornar-se um trabalhador do emprego dos “sonhos” nem sempre acontece por falta de dedicação, pois há inúmeros fatores que podem impedir com que um sujeito concretize a intenção primária.

Para que o leitor compreenda o sentido de que o alcance da profissão desejada não dependa somente de esforço do sonhador, o emissor da mensagem selecionou elementos linguísticos que possam fornecer a ideia de que o especialista em gestão de pessoas acredita; provavelmente com base em estudos realizados por meio de ferramentas estatísticas, que para tornar-se determinado profissional, de certa área não basta apenas o requisito mencionado, mas sim vários outros.

Com base nisso, o escritor do texto elucidou por meio de palavras a conceptualização cognitiva baseada em experiências, de não ser verdade absoluta o fato de alcance de um sonho dá-se apenas por esforço físico, mental, emocional e outros. Por meio de estudos, o especialista conseguiu obter informações que o levam a crer e a assegurar determinada vertente e, com isso, transmitir seu conhecimento para os demais sobre o assunto em pauta.

A fim de que expresse o sentido de que a realização de uma profissão não se dê em sua essência por um único aspecto, o interlocutor-emissor selecionou para a sua mensagem a construção “**não é**”, atribuída ao valor de contrariedade daquilo representado pelo viés de palavras. Porém, não intenciona expressar algo que seja descartado por completo; mas manifestar algo que não é a característica única e suficiente para a realização do fato. Desse modo, o autor projeta a partir de sua conceptualização a intenção mediana, ou seja, intermediária do que é dito. No caso, não é verdade que para se chegar a uma profissão quista o sujeito demande apenas de “esforço”, em seus diversos sentidos, mas também não é mentira de que para alguém conseguir algo, é necessário que esse desempenhe o mínimo de “esforço” possível, ou seja, há um atributo verdadeiro e indispensável para a construção de sentido, entretanto insuficiente para muitos casos.

Dessa forma, é possível compreender na frase em estudo que o sentido é escalonado em relação à ideia vinculada, pertencendo a mesma a um ponto intermediário de determinado valor.

Com o objetivo de que não apenas se negue e nem apenas se afirme o contrário, mas que os valores que se encontram em lados opostos em algum momento, antes que assumam sentidos opostos, em determinados contextos de uso podem convergir.

Sob a ótica da gramática tradicional, seria possível entender que a mensagem apresentada expressa informação interposta, representada e compreendida pelo recurso linguístico denominado “litote”. Entretanto, a partir da ênfase funcionalista acrescenta-se ao estudo outras considerações não exploradas pela gramática normativa, consideradas por algumas vertentes da ciência da linguagem como “extralinguísticas”. Por exemplo, os diferentes tipos de contextos; elementos cruciais, responsáveis por conceptualizações específicas, com usos específicos, com construções específicas, ajustadas de maneira específica que, como consequência, remetem a significados específicos; construídos de acordo com as situações, as interações, as necessidades e as intenções comunicação.

Nessa hipótese, os construtos em foco permitem o surgimento de “novas” construções de uso, que fugiriam de um modelo cognitivo mais idealizado e/ou prototípico como uma sentença essencialmente negativa ou afirmativa. O modelo conceptual que se distribui por “litote” é uma estrutura convencional de uso, pois qualquer indivíduo é capaz de selecioná-la para o ato comunicativo, de modo em parte consciente. Sem que haja o domínio de teorias linguísticas supracitadas, as quais deixariam o discurso sempre menos natural.

Além disso, acredita-se que todo indivíduo em algum momento da vida já tenha processado um domínio de forma que resulte na categoria “litote”. E, com isso, eleito tal “recurso”, mesmo que de maneira inconsciente, no sentido de desconhecimento técnico sobre o assunto, para proferir uma intenção ao ato comunicativo. Ainda que tal processamento/ “recurso” não seja facilmente percebido por meio de palavras, apenas; pois para a validade comunicativa são necessários conhecimentos que estão além do dito. Para assim o envolvido no ato possa captar a operação cognitiva associada e as pistas deixadas pelo dito, e assim realizar inferências que sejam capazes de construir o significado específico em jogo.

Além das operações não serem de fácil percepção, pois exige conhecimentos “extralinguísticos”, crê-se que essas formas cognitivas/recursivas não sejam tão usadas na linguagem escrita, sobretudo, por preconceito linguístico em que muitos falantes alegam ser operações cognitivas/ “recursos estilísticos” modelos não padrão de uso da língua. Os quais não fazem parte da manipulação formal da língua e, por isso, devem ser evitados na manifestação escrita.

Nessa perspectiva, poder-se deduzir através dos contextos de uso que a construção instanciada nesta situação comunicativa assume valor cognitivo/ “recursivo” de litote, pois expressa ideia, em parte, oposta do que está escrito pelas palavras. Mas que junto ao sentido vinculado, possui também outra parte que assume valor intermediário de algo, não sendo inteiramente valor de um, negativo, ou de outro, positivo, mas a soma de dois polos que apresentaria característica um pouco de um e um pouco de outro, como uma conceptualização híbrida.

A partir das observações realizadas, entende-se que o construto “**não é**” assume em instanciações específicas como neste caso, sentido/forma menos composicional, pois ainda permite o resgate do significado isolado das partes que o compõe. Esquemática, já que forma um todo específico para expressar dadas intenções em dados contextos. Produtivas, porque dão margens para o surgimento de construções subsequentes que refletem a operação cognitiva enquadrada como litote.

Excerto 03:

Folha - Colunistas - Zeca Camargo - E se a melhor memória que você traz de uma viagem é a de um sabor? - 08/03/2018

*8 de mar de 2018 - E se tenho alguma intimidade com quem pergunta já digo logo para pular a cidade de Ho Chi Minh (como Saigon foi rebatizada depois da Guerra do Vietnã). **Não é** um lugar desinteressante, mas diante da diversidade do resto do país – e sobretudo das atrações de Hanói– a antiga Saigon é uma mera ...*

<https://www1.folha.uol.com.br/c...ma-viagem-e-a-de-um-sabor.shtml>



A cerca do conhecimento em relação a acontecimentos históricos que ocorreram no mundo, a Guerra do Vietnã (1959 – 1975) foi um dos conflitos armados mais violentos, o qual se deu pelo desejo de independência dos vietnamitas em relação ao Japão. O confronto resultou na morte de milhões de pessoas na segunda metade do século XX. Desse modo, por ter sido o país, alvo de inúmeros bombardeios e de destruições da estrutura física e da população da cidade, como todo ambiente de guerra, o país perdeu além de sua dignidade e de sua humanidade a sua organização física, dentre outras.

Tornou-se o Estado, um espaço cinzento, repleto de fumaça, de poeira, de escombros, de mortes, de tristezas e de inúmeras outras destruições. Devido à perda da beleza física, da economia e da dignidade do povo, da organização enquanto uma nação, o país passou por um extenso período de reforma, não só das cidades, mas principalmente da identidade e do valor daquele território para si próprio e para a humanidade.

Com isso, é de se esperar que as reais condições do país sejam precárias; então é possível compreender a partir do contexto local denominado, Vietnã, que o país não era um local atrativo para os sujeitos, sobretudo estrangeiros, pois não possuem com o país uma relação direta e afetiva. Qualidade sobre a qual o enunciador na notícia, estrangeiro, encontra-se. Desse modo, para que seja possível compreender o sentido exposto por trás do enunciado é necessário ter um mínimo de conhecimento possível a respeito da situação do país em determinados períodos de sua história. Para que o sentido seja construído é necessário que, a partir do contexto, e a sua percepção do mesmo, o leitor realize implicações de modo que consiga tornar válida a emissão

do enunciado para ele. Pois se mediante a situação de guerra é inviável pensar em um país que seja “interessante” e atrativo para alguém em vários aspectos.

O presumível, é que qualquer país que esteja em estado de conflito armado seja digno, sobretudo, de atos de solidariedade, de piedade e de humanidade em geral. Assim é possível inferir através das indicações deixadas pelo dito que o Vietnã é sim um lugar interessante, mesmo diante das situações fatídicas. Pois se pode imaginar que o sentimento de interesse pode ser despertado de acordo com a perspectiva daquele que o vê. Para uns, o aguçar de interesse pode ser, somente, oriundo daquilo que os olhos são capazes de perceber com nitidez, daquilo que é concreto. Já para outros, o interesse pode surgir, também, do conhecimento, da história, da cultura a qual aquele espaço pode fornecer para quem o observa.

Nesta frase, a construção representa-se de forma menos composicional, pois o significado do construto “**não é**”, é percebido de modo separado, existindo ainda o significado das partes, se postas em isolado. O construto em estudo é mais específico, porque a sua escolha dar-se pelo conteúdo intencional de tratar o país como não sendo desprovido de admiração. Já que como qualquer país, ele é possuidor de atributos como história, cultura, povo, crença, sociedade, belezas naturais, arquitetônicas e outras. No entanto, o modelo de linguagem posto por palavras através de estratégias cognitivas permitem que a forma estabelecida seja mais específica quanto à negação, uma vez que não objetivam expressar-se de forma direta, porém dar margens a diferentes interpretações, as quais são possíveis a partir do conhecimento de mundo e da base cultural de cada um.

Os indivíduos são capazes de fazer implicações e concepções de acordo com seus domínios cognitivos construídos a partir de vivências. Desse modo, o construto contribui nesta frase para a passagem de valor negativo do tipo específico litote, a qual não objetiva em seu fundamento negar algo, por, apenas, negar. Mas por meio de determinados elementos linguísticos, inseridos em dados contextos cujos falantes são induzidos a realizar inferências sobre as pistas que são dadas por meio do dito e, com isso, são capazes de realizar processamentos cognitivos sobre o que está sendo associado no ato comunicativo. Logo, fazem emergir construções específicas como o fenômeno observado; a fim de transmitir determinada compreensão, que por sua vez é modulada de acordo com alguns fatores “extralinguísticos”. Por exemplo, o canal de vinculação da informação, o grau de importância do veículo comunicativo, a neutralização da informação dita, o não posicionamento pessoal de quem proferiu a escritura, dentre outros.

Com isso, é também uma construção esquemática já que o seu uso a depender do contexto e do conhecimento sobre o que é dito, mostra-se como um esquema fixo que permite que determinados interlocutores entendam a verdadeira intenção da mensagem. Diz-se produtiva, pois possibilita a utilização desse esquema quando se almeja conter nas sentenças proferidas uma intenção comunicativa “camuflada”, impedindo assim compreensões agressivas. Como sendo um tipo de comunicação própria de determinados contextos, intenções e culturas.

Excerto 04:

17 de abr de 2018 –

*Nesta terça (17) à tarde, parlamentares da Comissão de Direitos Humanos do Senado realizarão uma diligência para verificar as condições de encarceramento do ex-presidente. O senador Lindbergh Farias (PT-RJ) disse que a preocupação **não é** com as instalações, mas com o isolamento de Lula e sua ...*

O pequeno trecho selecionado diz respeito à prisão do ex-presidente Lula que se deu no mês de abril de 2018. O senador Lindbergh Farias afirmou que ele e/ou os “luláticos” estão preocupados com o isolamento do ex-presidente, pois, por consequência, pode trazer doenças físicas como a depressão e outras. Para que pudesse transmitir esse sentido, o senador escolheu elementos linguísticos como uma palavra negativa, vista no advérbio de negação “não” anteposto ao verbo “ser”. Através do contexto permite compreender que há uma ideia principal presente, a preocupação com o Lula, mas a negação de um possível elemento vinculado a ela, o de não se ter preocupação com as instalações, parte física da carceragem a qual pode dar-se a partir de constatações.

O outro elemento presente na frase que afirma a ideia anterior, de “não preocupação com as instalações” é compreendida e firmada pelo sentido de oposição dado pela conjunção adversativa “mas”. O que não permite que interpretações diversas sejam inseridas e não necessita que implicações sejam realizadas, pois o sentido que se deseja fornecer na frase é para ser compreendido através do material explícito, de modo direto para assim satisfazer a intenção

comunicativa, informar objetivamente. Ou seja, se pensar nos diferentes tipos “máximas” conversacionais elucidados por Paul Grice nos estudos sobre atos comunicativos, nota-se que a frase em análise completa todas as necessidades comunicativas para o estabelecimento de sentido, já que não faltam a ela elementos para a construção do mesmo, nem elementos em excesso que dificultam o estabelecimento do sentido idealizado.

Sendo assim, não há necessidade de realizar implicações para o sucesso/compreensão do sentido, pois há um índice de polaridade negativa explícito na frase que elimina possíveis margens de interpretação em relação ao significado negativo associado, pois este é posto de forma clara. Logo, não há também a necessidade ou a intenção de ajustar as palavras por intermédio de operações cognitivas/ recursos linguísticos específicos que transmitam intenções mentais e comunicativas mais elaboradas, criativas, composicionais e produtivas. Visto que, na maioria dos casos, tal pensamento e/ou “modulação” ocorre por influências intencionais, contextuais, situacionais dentre outras, as quais o emissor julga adequado para o ato, mediante diversos quesitos. Além disso, a forma em que a estrutura frasal foi organizada não propicia, também, compreensões ambíguas, na qual alguma delas poderia deparar-se em algum caso de “litote”. Porque o contexto discursivo e pragmático as quais se inserem, junto à intenção do autor não abre espaço para interpretações múltiplas.

Excerto 5:

1 - Folha de S.Paulo - Mercado - Por que o multimilionário plano de infraestrutura de Trump é tão polêmico - 13/02/2018

mais caros --e também não tem sido fácil de viabilizar, como reconhece o próprio presidente. "Nós gastamos US\$ 7 trilhões no Oriente Médio, US\$ 7 trilhões. Que erro ...

<https://www1.folha.uol.com.br/m...a-de-trump-e-tao-polemico.shtml>

O tão esperado plano de Donald Trump para modernizar a infraestrutura dos Estados Unidos é, para alguns, "uma fraude".

O presidente dos EUA quer que o Congresso autorize a aplicação de US\$ 200 bilhões em rodovias, estradas, portos e aeroportos durante uma década. E espera que os Estados e o setor privado estimulem o desenvolvimento com outros US\$ 1,3 trilhões.

Aqueles que o apoiam defendem a necessidade de modernizar a infraestrutura envelhecida do país, mas os críticos dizem que o plano busca, na verdade, privatizá-la, beneficiando corporações em detrimento do meio ambiente.

O projeto, uma promessa eleitoral de Trump, é parte de uma proposta orçamentária de US\$ 4,4 trilhões que abandona o objetivo de longo prazo dos republicanos de equilibrar as contas federais no decorrer de uma década.

*Ele pode pesar no bolso dos americanos, que poderiam ter de pagar impostos e pedágios mais caros - e também **não** tem sido fácil de viabilizar, como reconhece o próprio presidente.*

"Nós gastamos US\$ 7 trilhões no Oriente Médio, US\$ 7 trilhões. Que erro", disse ele na Casa Branca na segunda-feira. "Mas para fazer o que estamos tentando, construir rodovias e pontes, e consertar pontes que estão caindo, estamos tendo dificuldades para conseguir o dinheiro. É uma loucura."

De acordo com a matéria apresentada, a fim de contextualizar a frase selecionada para análise, há o fato de o presidente dizer não ser de simples realização o projeto de infraestrutura desejado por ele. Sobretudo por questões financeiras e ambientais que renderão altos prejuízos aos americanos. Com isso, faz surgir questionamentos e críticas em relação à feitura da proposta de governo de Donald Trump.

Para expressar a ideia vinculada no texto de que conseguir os recursos necessários e/ou permissões para a realização do projeto urbano do presidente será algo de difícil acesso por motivos variados. O mesmo selecionou em seu arcabouço cognitivo a palavra negativa “não”. Utilizada, a princípio com a intenção de negar parte da sentença a qual se conecta como “... não tem sido fácil de viabilizar”, representando intencionalmente o contrário de “ser fácil”, a contra forma positiva da oração proferida. O elemento “não”, ademais, expressa, com base em Furtado da Cunha (2001), a forma marcada da Língua Portuguesa que expõe o sentido de negação, sendo esta forma marcada aquela menos comum, ou seja, demanda mais o processamento cognitivo do usuário da língua. Pois ao pensar em uma estrutura para apresentar ao discurso, primeiro há determinado fato possível na língua, mas de acordo com os contextos, outros mecanismos passam a surgir para atender às necessidades discursivas.

Para isso o falante utiliza-se da criatividade existente no sistema linguístico e deste modo cria e vincula ao dito determinados elementos que comprovarão a sua real intenção comunicativa, como o uso do elemento negativo “não”, visto na frase. O elemento negativo selecionado para a frase em observação apresenta-se, de acordo com Cunha (2001), dentre as suas classificações, como mais complexa, uma vez que exige que o falante conheça a forma convencional, ou seja, aquela mais utilizada e/ou acessada pelo usuário da língua em seu arcabouço conceptual ao pensar sobre algo, em um primeiro momento.

Diz-se então, forma complexa, a forma marcada, por essa apresentar, por sua vez, o conhecimento de outros elementos existentes na língua, como das estruturas responsáveis por

transmitir valor de negação. Para isso, é necessário que o sujeito-falante detenha um vasto conhecimento da “gramática” de sua língua a qual permitirá que ele escolha dentre um rol de opções de palavras negativas, aquela que melhor atenda a sua intenção particular de passar determinado conteúdo. Desse modo, a estrutura marcada mostrar-se-á mais complexa, pois além de exigir do falante conhecimento além do convencional, fará com que a estrutura posta por ele seja também mais elaborada. Pois trará consigo mais elementos linguísticos se comparar a complexa a estrutura convencional; entendida como a mais simples tanto em sua forma escrita quanto em sua compreensão.

Sendo assim, a forma complexa tende, também, a ser menos frequente do que a forma convencional, já que a estrutura complexa evidencia um domínio “extra”, ou seja, além do conhecimento básico de que o falante precisa ter da língua. Pois para realizar a negação de algo é preciso primeiro conhecer a existência de determinado evento para depois criar novas concepções, a saber, a forma negativa. É, então, nesta perspectiva que a estrutura marcada, segundo Furtado da Cunha (2001) é menos frequente no uso da língua. Já que sua emergência só ocorrerá com a necessidade de contrapor uma ideia, pensamento, entre outros.

Junto à palavra negativa, a sentença traz consigo o verbo “ter” no singular no tempo presente e do modo indicativo. Tempo e modo estes que funcionam no sistema da língua para expressar e assegurar com exatidão aquilo que é dito. Não possibilitando neste caso o surgimento de “dubiedades”. Entretanto, o verbo “ter” vem acoplado ao verbo “ser” na sua forma nominal de particípio “sido”. Unidos constituem o tempo verbal composto referente ao tempo pretérito perfeito composto do indicativo o qual expressa a frequência de algo como na frase em análise, em que há a constante dificuldade em realizar algo.

Por outro lado, mesmo havendo na frase em análise a presença da partícula negativa “não”, a qual nas perspectivas das gramáticas tradicionais, como dos autores Bechara (2009), Azeredo (2012), consiste em simples negativa, que funciona apenas para negar algo. No entanto, nas mesmas gramáticas, encontram-se as denominadas figuras de pensamento “litote”, a qual se mostra como uma forma de negação que por trás das palavras consiste em afirmar algo. A frase em análise “... não tem sido fácil de viabilizar” ao mesmo tempo em que nega a afirmativa de “ser fácil”, por trás de tal mensagem emergiria a ideia contrária de “ser difícil”. Desse modo, a “litote” traz consigo a noção de negação, vista a partir do índice de polaridade negativa entregue pela partícula negativa “não”, no caso em análise. Entretanto, ao adicionar ao discurso palavras a partir do processo cognitivo de “litote”, não se tem na frase uma negação

simples, a qual consistiria em somente negar uma sentença, a qual é facilmente compreendida pelo falante como somente negativa. E nada além disso.

A “litote” é um recurso que requer um complexo processamento mental se comparado a negativa simples, aquela que não exige de conhecimentos implícitos, contextuais e outros. Assim sendo, configura-se na frase em estudo pela presença da partícula negativa “não” adicionada ao verbo composto “tem sido”, indicando frequência em realizar determinado ato, que no caso, devido a partícula negativa, apresenta a negação dessa frequência. Junto ao presente esquema, o sentido que vai além da negação, evidenciado pela “litote”, é compreendido a partir do conhecimento do contexto em que a frase está inserida.

Ao verificar na leitura da matéria que a aquisição de recursos financeiros do governo federal dos EUA, a aprovação da população americana para a construção de pontes, mas que acarretaria em aumento de impostos, e o impacto no meio ambiente, que traria prejuízos, sobretudo aos americanos para que assim realizasse o objetivo de pôr em prática um dos projetos do plano de governo de Donald Trump. O presidente processou em seu arcabouço conceptual que realizar tal ato seria em sentido amplo, uma tarefa de grande dificuldade. Devido às peculiaridades que envolvem o processo. Para fazer compreender tal valor de dificuldade junto ao seu desejo de realização do projeto, Trump refletiu seu pensamento em termos linguísticos de modo que expressasse a concepção de negação de que a feitura não seria fácil, provavelmente seria algo difícil, ou não fácil, mas também não difícil ou até mesmo impossível de se realizar.

O que demonstra, de acordo com Eleonor Rosch (1972), a possibilidade de escolha dentro de um rol significativo, daquele elemento que mais bem representa em dado momento a sua intenção ou seu sentimento nas palavras proferidas de modo explícito ou implícito. Compreende-se, então, que para conceber todo o processo de realização do seu polêmico projeto até a sua possível concretização, o presidente elegeu o recurso de “litote” para expressar implicitamente o grau de dificuldade de realização de determinado ponto do seu governo. A fim de que não se comprometesse diretamente com as palavras em relação à efetivação de uma de suas promessas de campanha. Visto que, poderia soar para a população como uma promessa falsa, fraude etc.

Por outro lado, para que os receptores da mensagem do presidente pudessem compreender de modo eficiente a sua real intenção comunicativa, seria necessário que eles implicassem valores de verdade significativos que melhor atendessem a complexidade

envolvida na realização do ato do governo. Conforme os estudos de Grice (1979), quando uma “máxima conversacional” é violada é preciso que o interlocutor faça as devidas implicações para que assim o discurso, logo a sua compreensão possa ser eficiente. No caso da frase em análise constata-se que há a violação da “máxima” “Seja Claro” em um ato comunicativo, pois o sendo, não haverá margens para diversas interpretações. Porém o presidente não sendo tão claro nas palavras em relação à complexidade de realização de um dos projetos do seu governo faz com que os demais tenham que implicar pressuposições através do contexto associado ao discurso de Trump. E assim tornar o discurso mais eficaz.

Na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso o advérbio de negação “não” + o verbo no pretérito perfeito composto do modo indicativo, no caso da análise da frase em questão “e também não tem sido fácil de viabilizar” formam na frase um construto específico o qual demonstra a negação de um ato frequente. Esse construto, no contexto em que a frase é encontrada forma uma estrutura que evidencia um caso de “litote”. É uma estrutura comum, porém complexa por trazer um elemento negativo (aquele que intenciona negar algo), mas que ao mesmo tempo ele busca fazer emergir na mente dos interlocutores outros valores que não dito explicitamente por meio de palavras escritas. Como no caso do significado de afirmação, elucidado através do próprio elemento de negação e do contexto situacional em que a história ocorre.

Diz-se ser um construto, por apresentar uma forma específica de significado a princípio negativo, mas não apenas esse. Nessa perspectiva, é organizado na frase de acordo com a intenção que o emissor deseja transmitir. Para isso, Donald Trump escolheu para negar algo, a forma “não” + “tem sido”, verbo que exprime ideia constante e presente. Seleções cognitivas essas que fazem com que simples elementos linguísticos adquiram, no contexto vinculado, valores implícitos; tornando esses elementos, construtos específicos para a transmissão de determinado sentido àquilo que é dito. Logo, configura-se um construto específico da língua, pois se desejasse o presidente proferir o conteúdo da mensagem de modo direto, por exemplo, “é difícil viabilizar recursos etc”, teria feito com os elementos não marcados que existem na língua. No entanto, optou por criar uma forma específica de transferir a mensagem, elaborando, portanto uma construção específica na língua.

São os construtos um pareamento semântico-sintático integrado em sua forma de uso, que permitem ativar na mente humana capacidades cognitivas. Dessa forma, a estrutura “**não** + **tem sido** + **fácil**” representa a união do valor de advérbio de negação que funciona no sistema da língua para modificar o valor do verbo, sendo esse negativo, a priori. O adjetivo posposto ao

verbo negativo apresenta o seu valor qualitativo de facilidade anulado pelo valor do advérbio de negação, pois esse quando evocado cancela toda parte da sentença a qual está conectado. Porém, ao interpretar a anulação do atributo “fácil”, ativa-se na mente do falante emissor e falante receptor a compreensão contrária. Ou seja, de que na verdade “não tem sido fácil” a fim de que se transmita uma ideia escalar entre fácil e difícil, não sendo exatamente um ou outro, ou que na verdade “tem sido difícil” ou “impossível” a realização do projeto. A escolha da concepção mental mais adequada se dará a partir das situações contextuais que envolvem o discurso. Estas noções são ativadas a partir das implicações realizadas pelos ouvintes.

A construção vista pela forma **“não tem sido fácil”** apresenta correlação da forma (sintática, morfológica) junto ao sentido (semântico, pragmática e discursiva funcional) criando assim uma simbologia a qual evidencia um construto específico que está de acordo com a instanciação de uso. Já que se considerassem os elementos constituintes da estrutura linguística itens isolados, esses, não suscitariam valores e sentidos agregados que estão além das palavras ditas, como o próprio sentido de “litote”. Representado pelos dados elementos em dado contexto.

Na frase em análise a construção é menos composicional, porque é possível identificar na leitura da frase o sentido de cada uma das partes apresentadas mesmo que o real sentido esteja implícito. É possível perceber também que a estrutura observada é uma forma de negação mais específica, pois é um modo particular de emitir o valor de negação. Apresenta-se também como esquemática, já que se mostra exatamente com uma estrutura fixa/esquema que remete a determinado sentido.

E é produtiva, porque permite em dados elementos da frase em questão, a substituição de um elemento. Exemplo, o adjetivo (classe gramatical aberta) fácil por outro que possa oferecer uma representação semântica e pragmática mais apropriada a cada situação de uso. Como a percepção do caso de “litote” emergente do contexto situacional onde o discurso foi proferido, o qual permite a seleção de outros elementos de mesma classe semântica como “difícil”, “impossível” etc.

De acordo com a classificação de construções colocadas por Traugott e Trousdale (2013), a construção em análise é, quanto à forma, mais complexa, porque necessita para o sentido negativo explicitado por meio das palavras da presença da partícula negativa “não”, o qual constitui uma frase mais elaborada do que a afirmativa, pois necessita para a construção de seu sentido da colocação de mais um elemento, como o advérbio de negação. Quanto ao quesito fonológico, a construção enquadra-se no quesito pertencente a particularidades do

idioma, ou seja, idiomática, pois pode construir uma forma própria de uso da língua pertencente a determinados idiomas.

Assim mostra-se menos esquemática, porque exhibe um modo determinado de representar um pensamento e uma intenção comunicativa, constituindo no caso um modelo consciente de uso da língua. Que em muito se relaciona, por sua vez, a um modelo peculiar dos falantes de determinados idiomas, funcionando também consistir como um recurso de polidez. Quanto ao nível do sentido, evoca-se na estrutura da frase em análise o sentido lexical, pois a construção faz emergir o sentido de negação a partir das classes nominais, o advérbio de negação, o verbo nominal e até mesmo o adjetivo que compõem o sentido da frase.

Excerto 6:

2 - Folha - Colunistas - Mônica Bergamo - João de Deus convida Vincent Cassel para "fazer uma limpeza" - 13/02/2018

*escolas de samba do Rio pelo quarto ano consecutivo. "Aqui está a fé, o carinho e o equilíbrio", diz ele. "O país **não tá** em situação difícil. Tá para certas pessoas ...*

<https://www1.folha.uol.com.br/c...el-para-fazer-uma-limpeza.shtml>

*"Meu filho. Estou te esperando lá. Em Abadiência para fazer uma limpeza em você", diz o médium João de Deus para o ator francês Vincent Cassel no camarote da Sapucaí. "Minha casa está com as portas abertas para você", completa. Foi Cassel quem pediu para conhecer e tirar uma foto com o médium. Antes de se despedirem, os dois trocaram telefones para combinar o futuro encontro. O médium assiste ao desfile das escolas de samba do Rio pelo quarto ano consecutivo. "Aqui está, a fé, o carinho e o equilíbrio", diz ele. "O país **não tá** em situação difícil. Tá para certas pessoas que não tem fé. O Brasil tá de parabéns", afirma. Mariana Ximenes dá um beijo e um abraço no médium. "A um prazer conhecer o senhor. Adorei seu filme [documentário filmado por Candês Salles]", diz a atriz antes de posar para fotos com ele. O modelo Marlon Teixeira, considerado no mundo da moda a versão masculina de Gisele Bündchen, e a top Barbara Fialho também pedem para registrar o encontro com João. "Ele nem sabe quem são essas pessoas.*

Fonte: Folha de S.Paulo

O médium Vincent Cassel em um encontro no carnaval com algumas pessoas famosas conversa sobre a situação do Brasil em relação a algumas questões, não expostas por ele na matéria. Ao dialogar entre risos e abraços de felicidade por estar diante de um dos maiores espetáculos culturais do planeta, o carnaval, o médium profere a frase: "O país **não tá** em situação difícil. Tá para certas pessoas que não tem fé."

Na frase dita, a organização do advérbio de negação “não” + o verbo flexionado na terceira pessoa do singular do tempo presente e do modo indicativo configuram o construto “ADV+V” que funciona como fórmula preliminar básica para a negação de uma ideia e possibilita um ponta-pé inicial para a formulação contextual do recurso cognitivo de “litote”. Junto ao construto que emite o conteúdo principal da mensagem escrita, tem-se o adjetivo “difícil” que em verdade se conecta em sua essência com a estrutura esquemática “não está”.

Essa estrutura desempenha na frase o papel de negar algo, no caso em observação, que tal situação não está difícil. Para compreender o valor de negação de dificuldade da situação dita na frase, é preciso que os interlocutores saibam a real situação envolvida no discurso e que ao mesmo tempo tenham a noção contrária à negativa posta. Ou seja, conforme Furtado da Cunha (2001) é necessário compreender a informação na sua vertente afirmativa para então aceitá-la na sua versão negativa. Até então concebida como a original, mesmo que tal negativa aponte para uma concepção de fundo positiva, a qual pode ser mais facilmente compreendida sendo a frase conceptualizada como mecanismo mental “litote”.

A presente forma de descrever a negação, como exposta na frase em análise, traz à tona questionamentos sobre se tal estrutura traria ou não um conteúdo negativo ou afirmativo para a construção de sentido da frase. Apesar de Cunha (2001) elencar três diferentes formas de construção de sentenças negativa, sendo a pré-verbal, dita a forma canônica, ou seja, aquela mais usual, utilizada por homens cultos; a negativa dupla e a negativa final.

Acredita-se “existir” uma quarta forma de negação que se organiza na frase em observação em forma canônica, advérbio de negação + verbo, porém o conteúdo de sua mensagem não transporta somente aquilo que está expresso por meio das palavras. Revela um valor de afirmação diverso em relação ao representado pelas palavras. E para sua emergência, tal significado é altamente dependente do contexto de uso, porque é esse é o fator definidor do valor semântico e pragmático a ser construído.

O tipo de sentença como a observada nesta análise, pode enquadrar-se em uma forma marcada do uso da língua. Porque, de acordo com Cunha (2001), na construção marcada há a adição de uma partícula a mais para a elaboração de sentido, se comparado ao valor emergido de uma sentença afirmativa. Nessa forma, coloca-se, como na frase “O país **não** tá em situação difícil. Tá para certas pessoas...”, o elemento de negação “não”; responsável por aderir ao conteúdo da mensagem o valor de negatividade.

Nessa perspectiva, a marcação evidencia uma estrutura complexa, pois apresenta maior material linguístico para a construção do novo sentido, negativo, em detrimento do primário, o

afirmativo. Mostra ao mesmo tempo a complexidade cognitiva, pois demanda dos interlocutores mais tempo para a concepção da informação negativa em relação ao valor afirmativo que está oposto a qualquer sentença negada. Como concebido com verdade ou não. E, por fim, a estrutura marcada é tida como menos frequente por ser, essa, a que surgiu posterior a sentença afirmativa, já que para se ter uma negação é preciso que antes se tenha ao menos conhecimento do valor afirmativo.

No viés da construcionalização, presume-se que o construto observado é uma simbologia do pareamento forma e significado do construto em análise inserido em um contexto pragmático específico que representa determinado significado. A construção analisada é menos composicional à medida que ainda é possível identificar e compreender os sentidos de cada parte isolada que forma a estrutura maior responsável por lançar outro sentido, contrário ao convencional.

Mais específica, pois consiste em um modo particular de expressar determinada intenção comunicativa subjetivada por quesitos sociocognitivo e outros. É esquemática, porque possui uma estrutura estática que auxiliará no encadeamento de determinado significado. Neste caso, também se mostra produtiva, porque permite que o elemento qualificativo “difícil” interligado ao construto “**não está**” seja de acordo com a situação discursiva e pragmática, substituído por outro da mesma categoria.

Por outro lado, para Traugott e Trousdale (2013), as construções são analisadas quanto à forma e fonologia. Assim a construção a ser observada, no quesito forma é complexa, uma vez que une a sua estrutura o advérbio de negação “não”, deixando-a mais preenchida do que uma estrutura afirmativa. Já que possui mais elementos linguísticos organizados na sentença. Na parte fonológica, a construção não apresenta perda de nenhum item fonético o qual evidenciaria a redução e/ou assimilação de algum dos elementos linguísticos dispostos e, com isso, a mudança fonológica de alguma palavra por assimilação.

Além disso, o conteúdo disposto na frase exhibe um modo mais educado de proferir determinada mensagem, o que pode indicar uma forma particular dos falantes de uma língua expressar-se diante de certos momentos comunicativos, regidos sobre critérios condicionantes, como necessidade de polidez, zelo com as palavras, isenção de identidade ao enunciar sentenças afirmativas e outras. Esse aspecto de polidez faz com que a construção seja menos esquemática, pois constitui uma forma natural dos falantes de uma localidade se comunicar. Por fim, a construção traz um sentido lexical, pois apesar do contexto presente elucidar significado que

estão além das palavras, esta traz em sua estrutura a identificação das partes constituintes da construção analisada.

Excerto 7:

- Folha de S.Paulo - Cotidiano - Criminalidade veta Correios em quase metade do Rio - 19/02/2018 é área de risco", disse ele que, devido a um acidente recente, foi à agência de muletas e de táxi. "Além do frete, que **não** é grátis, eu tenho que pagar ...

<https://www1.folha.uol.com.br/c...os-em-quase-metade-do-rio.shtml>

19/02/2018 às 13:00

A explosão da criminalidade nos últimos anos levou os Correios a suspender a entrega de produtos em quase metade do Rio de Janeiro. Dos 27.616 endereços da cidade, há algum tipo de restrição em 12.037 deles, o que equivale a 43,6% do total.

Em mais da metade deles (6.469), a entrega só ocorre com o uso de aparato especial de segurança, como escolta armada, o que obrigatoriamente provoca a ampliação dos prazos para recebimento de produtos. No restante dos casos (5.568), porém, a distribuição não ocorre de forma nenhuma os clientes precisam buscar a encomenda em uma unidade dos Correios.

Esses dados fazem parte de levantamento feito pela **Folha** em dados que integram a base do sistema de informação dos Correios. Tabulação semelhante feita pela reportagem no final do ano passado revelou problemas de entrega na cidade de São Paulo em 29% dos CEPs da cidade.

Os dados do Rio de Janeiro, que teve intervenção federal na segurança pública decretada na última sexta-feira (16) pelo presidente Michel Temer, mostram que há algum tipo de restrição em quase todas as regiões.

Na zona norte, por exemplo, há uma série de distritos com veto total de entregas em 100% dos endereços. Nesta lista estão bairros como Acari, Anchieta, Colégio e Costa Barros, a cerca de 30 km do centro da cidade.

A maior quantidade de CEPs sem restrição de entrega está na zona oeste e na zona sul, como Botafogo, Ipanema, Copacabana, mas até essas regiões na área nobre estão cravejadas de pontos sem acesso dos carteiros, em comunidades controladas pelo crime em meio a bairros mais ricos.

Em Costa Barros, na zona norte, mora a aposentada Dalva Deia Ferreira Silva, 58, que precisa pegar dois ônibus e enfrentar um trajeto de quase uma hora para buscar encomendas na unidade de distribuição dos Correios mais próxima da casa dela, em Ricardo de Albuquerque, bairro que também sofre com a restrição total de entrega.

Os carteiros não entregam produtos nem na própria rua da unidade desse bairro.

"Eu saí de casa às sete horas da manhã e cheguei só agora. É contramão para mim", disse ela à **Folha**, por volta das 9h20, no último sábado (17). "A situação nunca foi boa, mas agora está braba demais, está feia mesmo. Tem bandido demais", disse ela.

Morador de Deodoro, do outro lado da avenida Brasil, a principal via do Rio, o analista de sistema Alex Camargo Lima, 38, também passou nesse mesmo centro de distribuição dos Correios na manhã de sábado.

Em seu endereço, conta ele, os Correios só fazem pequenas entregas. "Só entregam envelopes. Se for uma caixinha, independente do valor do produto, eles não levam, porque é área de risco", disse ele

que, devido a um acidente recente, foi à agência de muletas e de táxi. “Além do frete, que não é grátis, eu tenho que pagar R\$ 20 de táxi para vir, e outros R\$ 20 para voltar”, disse.

O Rio de Janeiro passa por uma crise política e econômica, com graves reflexos na segurança pública. Desde junho de 2016, o Estado está em situação de calamidade pública. Não há recursos para pagar servidores e para contratar PMs aprovados em concurso. Policiais trabalham com armamento obsoleto e sem gasolina nos veículos. Faltam equipamentos como coletes e munição.

“Vamos ter esperança [sobre a intervenção federal]. Mas, infelizmente, vivemos apenas de promessas que nunca se concretizam”, disse a mulher de Alex, a dona de casa Daniele Lima, 36, em referência a outras ações com participação das Forças Armadas os militares estão no Estado desde setembro passado, mas as ações dos criminosos não cessaram desde então.

O plano de intervenção federal deve ser implantado a partir desta semana, logo após a ação passar pelas aprovações da Câmara e do Senado. Os detalhes ainda não estão fechados, mas sabe-se que os militares trabalharão em conjunto com as polícias, já que, pela Constituição, as Forças Armadas não têm poder de polícia. Os 45 mil homens da PM e outros 10 mil da Polícia Civil serão o principal instrumento de trabalho do general do Exército Walter Souza Braga Netto, interventor federal no Estado.

De acordo com a matéria a empresa brasileira de correios e telégrafos, responsável por realizar serviço de entregas em todo o território nacional, vem no decorrer dos últimos anos, sobretudo, no Rio de Janeiro sofrendo com o aumento crescente dos índices de violência, principalmente no que consiste a roubos de caminhões da empresa nos momentos de transporte das mercadorias nas principais estradas do Rio de Janeiro. Essa situação faz com que centenas de pessoas sintam-se prejudicadas pelos serviços da empresa, pois em muitas localidades, devido à violência, consideradas áreas de risco, o serviço dos correios não atende a determinada população. O que torna para muitos um serviço de escassez, ainda que a sua realização demande de fatores como o aumento da segurança pública nas estradas e rodovias no país entre outros.

A frase “Além do frete que **não é grátis**” traz em sua organização a presença do advérbio de negação “não” anteposto ao verbo “ser” no tempo presente do modo indicativo. Esse verbo funciona na frase como um verbo nominal, ou seja, um verbo de ligação que desempenha no sistema linguístico da língua portuguesa a função de conexão, apenas. Não deseja expressar uma ação, somente conecta parte de uma frase a outra. De acordo com a Gramática Tradicional de Evanildo Bechara, José Carlos de Azeredo e Rocha Lima, a classe gramatical dos advérbios é a classe invariável, responsável por modificar o sentido do verbo e também de outros advérbios ou até mesmo de um adjetivo. Dessa forma, o advérbio de negação “não” exposto na frase junto ao verbo de ligação “ser” nega o sentido trazido pela frase, de que o frete do envio de mercadoria pelos correios não é gratuito, e se não o é, o oposto disso é pago.

As partículas de negação são na visão de Cunha (2001), elementos da língua portuguesa tido como item marcado. Essa classificação dá-se pelo fato de a estrutura, como na frase em

estudo ser na verdade uma sentença afirmativa que recebe posteriormente a partícula negativa, vista no advérbio de negação “não”. Assim, diz-se que o item é marcado, pois marca na frase a presença do sentido negativo; sendo, por sua vez, uma organização dotada de complexidades.

São elas a estrutural, pois carrega consigo o elemento negativo; cognitiva, pois demanda mais conhecimento de mundo e rápido processamento mental de aceitação do item negativo posto, como coerente e outros. É tida como menos frequente, pois o uso da partícula negativa é considerado por Cunha (2001), menos convencional, por não a negação o primeiro momento domínio mental ao qual um indivíduo deve saber para construir um pensamento negativo. Para ela algo só é possível de ser negado se conhecer aquilo que é negado como não sendo positivo. Portanto, é adequado primeiro conhecer a possível vertente afirmativa para depois concluir com coerência e aceitar a negação.

Esse tipo de frase, a qual exhibe em sua aparência expressar valor de negação devido à presença do advérbio de negação, na verdade busca, devido ao contexto que se insere transgredir o sentido visível, por meio das palavras escritas, ou seja, o sentido de negação, apenas. Nessa perspectiva, o contexto em que a frase emerge fornece interpretação diversa da expressa pelas palavras. Se o leitor, ao verificar a sentença se ativesse somente ao conteúdo escrito, jamais seria capaz de perceber o real sentido que a mensagem contextualizada objetiva significar.

Por exemplo, seria possível que um estrangeiro ao ler a sentença exposta, captasse de imediato o sentido camuflado existente por trás da frase? Provavelmente não o seria, pois, esse, pode não possuir conhecimentos que estão além dos dispostos pela Gramática Tradicional. Pois o recurso utilizado para transmitir o determinado sentido configura-se por processos mentais baseados em experiências de mundo e culturais. As quais contribuem como aspectos indispensáveis na descrição e no funcionamento amplo do uso de uma língua. Com isso o uso, ou seja, a língua viva, não se restringe apenas aos aspectos descritos como padrões prescritivos, ditos como os “corretos” de uma língua natural.

A partir dessa concepção, emerge na frase em estudo, o mecanismo cognitivo chamado “litote”. Esse processamento, conforme Bechara (2009), consiste em sua essência afirmar algo por meio da negação. O recurso expresso na frase "Além do frete, que não é grátis...", o **ADV +V** forma um construto específico capaz de desempenhar o valor de negação ao elemento, no caso o adjetivo, a qual se conecta. E faz surgir então o sentido de que se tal coisa é paga, já que

obviamente não é gratuita; sentido, esse, evocado pela relação que o contexto situacional dos Correios e do Rio de Janeiro possui com a mensagem criada.

Mesmo que o valor intencional vinculado à sentença não esteja explícito por meio das palavras, até mesmo por uma questão de escolha vocabular intencionada por inúmeras situações discursivas, o sentido quisto emitido pelo enunciador da frase é implicado; conforme levantou Paul Grice (1979), por domínios contextuais e outros. Contribuidores do esclarecimento e do esclarecimento do sentido na frase proferida. O enunciador, ao elaborar tal frase, rompe com a “máxima” descrita por Grice (1969), como “Seja Claro”, a qual afirma que no discurso os indivíduos devem se comunicar de modo que não faça surgir outros sentidos. Além da cisão com outras “máximas”, como a de “Qualidade”, fazendo surgir o fenômeno de “Litote”.

No entanto, no caso visto, o locutor cria uma sentença que vinculada na presente situação comunicativa transgrede a orientação deixada por Paul Grice. Desse modo, o sentido quisto pelo autor da mensagem é possível a partir das inferências feitas pelos demais ouvintes, os quais contribuíram com suas percepções da real intenção discursiva. E, com isso, auxiliaram o estabelecimento de sentido e o êxito comunicativo. Já que se observa ter a frase um grau de aceitação coerente com a situação em questão.

Ao observar a frase "Além do frete, que não é grátis..." pela óptica específica da linguística funcional baseada no uso, compreende o advérbio de negação “não” e o verbo de ligação “ser” como um pareamento de forma e significado que em instanciações específicas. Correlatas com determinados contextos de uso passam a ideia de contrariedade daquilo que se diz por escrito na sentença elencada. O sentido de que algo não é grátis, elucida na mente dos falantes a compreensão de que algo é pago. A saber, para expressar tal valor de oposição, o emissor poderia ter selecionado em seu arcabouço conceptual a ideia direta e menos complexa de que tal coisa é paga; colaborando, dessa forma, para o estabelecimento exato do sentido. Entretanto, o sujeito-emissor preferiu refletir por meio das palavras seu raciocínio complexo para transmitir o sentido pretendido.

Nessa perspectiva fez-se valer de um processo cognitivo, e/ou “recurso linguístico”, conforme apontado pelo viés tradicional por exemplo, Bechara (2009), organizado na frase de modo que funcione como uma estrutura básica e peculiar da linguagem. Capaz de, a partir de determinados contextos pragmáticos e de usos, conduzir a construção do significado não convencional de negação, chamado “litote”. E, com isso, forma, no caso, um construto específico que funciona como um símbolo contextual da operação mental refletida na língua.

Pode-se afirmar, de acordo com a linguística funcional, que a frase em observação possui baixa composição, porque as partes formadoras do construto enunciador da “litote” são cada qual acessadas isoladamente de modo que resgatam com facilidade o sentido unitário de cada uma. Ainda que em conjunto no dado contexto as partes emitam sentido diverso do escrito. Ademais, mostra-se esquemática, pois consiste em uma estrutura fixa de **ADV+V** conectada a um elemento flexível e variável, o adjetivo “grátis”. Por seu turno, a estrutura “Além do frete, que **não é** grátis” é considerada produtiva, porquanto permite que um dos elementos que se conecta o sentido da frase seja substituído de acordo com a perspectiva comunicativa e contextual vigente. Em que “grátis” poderia ser “gratuito” ou “pago” e outros de mesma esfera significativa.

Com base nos estudos levantados por Traugott e Trousdale (2013), a construção é em sua forma, mais complexa, pois que atribui à frase o valor de negação percebido pela partícula “não”, deixando-a mais plena de material linguístico, quando comparado as sentenças afirmativas. Na parte fonológica, acredita-se emitir uma estrutura simples da língua, mais que possui sentido complexo. Menos esquemática, porque se mostra através de elementos linguísticos básicos da língua, que só apresentam complexidade de sentido se concebido de modo complexo em relação às sentenças negativas simples. E transmite, no que lhe concerne, sentido lexical, pôr o significado ser indicado por meio das palavras expostas, mesmo que o sentido intencionado não seja o mesmo, conforme o contexto circundante.

Excerto 8:

Folha de S.Paulo - Poder - No Senado, aliados de Lula dizem que STF rasgou a Constituição - 05/04/2018

-presidente Lula, mas ponderou que seria um retrocesso se o Supremo decidisse em sentido contrário. ? muito ruim, não é um sentimento bom, não gostari ...

<https://www1.folha.uol.com.br/p...stf-rasgou-a-constituicao.shtml>



Diante da decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) de negar o habeas corpus preventivo pedido pela defesa do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o líder do PT no Senado, Lindbergh Farias (RJ), afirmou que parte dos membros da Corte "se ajoelhou" e rasgou a Constituição.

"Está escrito na Constituição, isso é inconcebível, era para o Supremo ser guardião da Constituição", disse.

A senadora Vanessa Grazziotin (PCdoB-AM) disse que o resultado do julgamento no STF é "uma continuidade do golpe". Ela também argumentou que a Constituição foi desrespeitada.

"É objetivo o texto constitucional, que diz que o cumprimento de pena é apenas depois do trânsito em julgado. E o pior é que o presidente Lula foi condenado sem nenhuma prova", disse.

O senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP) lamentou pelo ex-presidente Lula, mas ponderou que seria um retrocesso se o Supremo decidisse em sentido contrário.

"É muito ruim, não é um sentimento bom, não gostaria que fosse assim. Mas a minha convicção não é para a pessoa, é por princípio", afirmou.

O senador Ronaldo Caiado (DEM-GO) disse que, depois do voto da ministra Rosa Weber, que defendeu a rejeição do pedido de Lula, o brasileiro "respirou aliviado".

"A negativa do habeas corpus reforça a tese de que o Supremo Tribunal Federal não se curvou à imposição política e manteve a decisão a favor da modalidade, da ética", disse.

O líder do PSDB no Senado, Paulo Bauer, disse que a decisão do STF era "esperada por todo o Brasil". "O STF tomou a decisão que achou correta, à luz da Lei e à luz da Constituição Federal", afirmou. "Lula agora é assunto do passado, é assunto da Justiça. Não é mais assunto nem da política e tampouco do governo."

O presidente do Senado, Eunício Oliveira (MDB-CE), evitou fazer comentários sobre o julgamento.

"O Supremo é outro poder. Este poder respeita as decisões de outros poderes e não comenta as decisões de outros poderes", afirmou, ao ser questionado por jornalistas.

FolhaPress

A notícia discute sobre a decisão da corte constitucional, o Supremo Tribunal Federal, que mesmo diante da ausência de provas contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e, negou o pedido de Habeas Corpus para manter Lula em liberdade durante o decorrer do processo, já que segundo a Constituição federal de 1988 um indivíduo só deverá ser condenado

e cumprir a sua detenção em regime fechado após o trânsito em julgado da sentença condenatória. No entanto, não é o que ocorre com o ex-presidente, uma vez que não foram encontradas provas verídicas e suficientes que comprovassem o pertencimento da acusação recebida sobre ser o real dono do sítio em Atibaia, do tríplex em Guarujá, corrupção passiva, lavagem de dinheiro e outros.

Conforme as denúncias do Ministério Público Federal (MPF), Lula foi beneficiado pelas reformas feitas no sítio por algumas empresas, após conceder benefícios às mesmas em contratos tidos com fraudes, realizados com a Petrobrás. Dentre os variados processos que Lula responde como réu foi o relativo ao tríplex no Guarujá, São Paulo, que o ex-presidente foi condenado em segunda instância no poder judiciário. Quanto à matéria apresentada, o sentido da construção "É muito ruim, não é um sentimento bom, não gostaria que fosse assim. Mas a minha convicção não é para a pessoa, é por princípio", que carrega o construto **"não é"** a fim de que mostre valor negativo ao conteúdo da mensagem exposto.

A frase levanta a ideia dita pelo autor da mensagem de que conceder à liberdade a Luiz Inácio Lula da Silva seria um sentimento não positivo. Uma vez que a maioria da população brasileira deseja a efetiva prisão do ex-presidente líder do partido político do PT por alegarem não possuir provas factuais. Mas que ao mesmo tempo há indícios suficientes que apontam fortes evidências, sobre, por exemplo, ser Lula o verdadeiro dono do sítio e do tríplex. Por outro lado, não há provas que constatarem partes de seus supostos crimes, então tal decisão iria contra os princípios máximos ditados pela Constituição federal de 1988, entendidas como regras absolutas. E, devido a isso, decidir ou afirmar que o presidente deve ou não ficar preso não é uma decisão fácil e que não traz um sentimento bom, devido aos inúmeros questionamentos que a ação traz.

A sentença em análise traz para a sua construção de sentido de cunho negativo, a eleição do advérbio de negação "não" pré-posto ao verbo "ser" no tempo presente do modo indicativo na sua forma singular. Essa partícula indicativa de um índice de polaridade negativa, ou seja, o sentido de negação visto através das palavras na frase é a responsável por negar todo o sentido que a frase pode evocar, por ser função sintática e semântico do advérbio modificar o sentido do elemento que o acompanha. No caso em análise, o verbo "ser" afirmativo, possui o seu sentido contraposto devido à precedência do advérbio de negação "não", demarcando o valor de negação, anulando, então, o valor de afirmação que a frase poderia elucidar.

Furtado da Cunha (2001), alega que na língua portuguesa criam-se sentenças negativas a partir de três formas frequentes, a pré-verbal, aquela em que a partícula negativa é posta antes do verbo, sendo a forma mais tradicional. A dupla negativa cujos autores afirmam ser uma negação enfática e a negativa final, que a partícula de negação é posta somente no final da frase. São, para Cunha (2001), as formas usadas no sistema da língua portuguesa. Essas estruturas são tidas como marcadas, porque ao serem comparadas com as sentenças afirmativas exibem material linguístico particular e a mais, visto na presença da partícula “não”, o qual deixa a frase mais rica de elementos significativos.

Com base na autora, a estrutura marcada apresenta maior complexidade estrutural, justamente por transportar em sua parte física um elemento a mais do que a frase afirmativa, que é o elemento de negação “não”. Por consequência, possui complexidade cognitiva, pois ao possuir mais elemento do que a frase afirmativa necessita, então, para a sua compreensão o entendimento da estrutura afirmativa, que ao ser concebida como inviável a exata instanciação comunicativa, faz aparecer a construção negativa como apropriada para o presente momento comunicativo.

Após a contribuição trazida por Cunha (2001) sobre as formas de negação na Língua Portuguesa – português brasileiro observa-se a possibilidade de emergência de uma quarta forma de negação, que apesar de apresentar por escrito a forma negativa, devido à presença da partícula “não”, evoca, devido ao contexto de uso, valor de afirmação. Essa estrutura, por sua vez, remete a operação cognitiva denominada “litote”. Para os tradicionalistas, como Bechara (2009), a “litote” consiste em afirmar pelo seu contrário, ou seja, a negação.

Assim, na frase em descrição, “É muito ruim, não é um sentimento bom, não gostaria que fosse assim...” a parte da frase que apresenta o construto “**não é**”, **ADV+V** base para o surgimento da operação mental em análise, “não é um sentimento bom...”. O sentido de sentimento bom elucidado pelo verbo no presente do indicativo é negado pelo advérbio de negação “não” o qual faz pensar então em uma sentença afirmativa camuflada a partir de uma estrutura negativa, mas que por intermédio de contextos indispensáveis faz-se captar o real valor implicado.

Para que o valor de afirmação seja construído cognitivamente na frase, é necessário que o interlocutor-receptor realize segundo Paul Grice (1969) implicações a fim de que contribua para a construção do sentido da frase e assim coopere para o êxito do ato comunicativo. Ao proferir pelas palavras que o sentimento não é bom, faz processar de imediato na mente do

ouvinte que o sentimento é ruim. No caso da frase em análise, o sentido pode ser constatado e confirmado pela primeira oração, posta em negrito e sublinhado "**É muito ruim**, não é um sentimento bom, não gostaria que fosse assim..." o qual conclui o valor significativo da segunda oração colocada na mesma frase, mesmo que anteposto a operação em estudo, "litote".

Na perspectiva funcional, é possível perceber que a construção em análise apresenta uma forma especial com efeitos semânticos e pragmáticos únicos que não são possíveis de serem compreendidos a partir dos princípios gerais da gramática normativa da língua, como as produzidas por Evanildo Bechara, José Carlos de Azeredo e Rocha Lima. O impedimento dá-se devido a construções linguísticas receberem significados diferentes que dependerão dos seus contextos de uso, como instanciações específicas na língua que necessitam da vinculação de conhecimentos contextuais e outros, pois esses estão fora do domínio da palavra.

A construção observada, sobretudo o construto específico "**não é**" base linguística para a evocação pragmática do sentido de "litote", funciona na frase observada como um pareamento de significado, no em questão, negativo, com forma, também negativa, representada pelo advérbio de negação "não". Esse pareamento quando transgredido para o âmbito da palavra, funciona na frase como uma simbologia de determinado valor semântico. Que no caso da sentença analisada, representa o valor significativo de "litote", percebido a partir do contexto de uso; mostrando-se ser a construção uma instanciação específica. Ou seja, assume valor de "litote" de acordo com as intenções comunicativas, necessidades de uso e mais.

Assim, para os funcionalistas, a construção verificada é menos composicional, porque o resgate do valor de cada item constituinte da frase é rapidamente acessível. Produtiva, porque o elemento flexível na frase, representado pela categoria de adjetivo, a qual tem na frase seu sentido negado, "**É muito ruim, não é um sentimento bom...**", pode dar margens para a variação do uso de outros elementos de valores significativos próximos. Escolhidos a partir do eixo paradigmático de acordo com as diferentes relações sintagmáticas coordenadas a partir dos contextos.

No quesito forma mais complexa, porque traz a partícula de negação, um elemento a mais em relação à contraparte positiva. No aspecto fonológico é de pronúncia simples, pois o construto é organizado a partir de elementos próprios da língua, não havendo empréstimos, estrangeirismos ou assimilações de propriedades existentes em outros sistemas linguísticos. Os quais demandariam adaptações se integrados ao português brasileiro. É menos esquemática, porque representa um modo específico de proferir mensagens na língua, apresentando-se como uma estrutura fixa que a partir do contexto emitirá o valor de contrariedade visto pelo mecanismo de "litote".

Ademais, é também uma forma específica de modelar a linguagem, já que consiste em um modo cultural dos falantes de Língua Portuguesa do Brasil transmitir determinados conteúdos sem apropriar-se de possíveis julgamentos negativos sobre o que é dito. Como uma forma de zelo no uso da linguagem, o que leva a pensar na associação do processo mental do recurso de polidez. De modo que o valor da mensagem transferida é induzido de forma cuidadosa, eufêmica e polida. No campo do sentido, o que emerge é o lexical, pois as propriedades da frase transparecem seus significados próprios na leitura da frase.

Excerto 9:

- *Televisão - 'Não é fácil você trabalhar com mulheres', diz Rita Cadillac sobre período no Chacrinha - 22/03/2018*

do programa Cassino do Chacrinha, a quem considera como um pai. "Não é fácil você trabalhar com mulheres. Porque a mulher briga com ela mesma, a disputa j...

<https://f5.folha.uol.com.br/tel...obre-periodo-no-chacrinha.shtml>



Rita Cadillac participa do programa Sensacional de Daniela Albuquerque - Andrea Dallevo/RedeTV!

22/03/2018 às 15:43 Atualizado em 02/04/2018 às 12:38 Folhapress

SÃO PAULO, SP (FOLHAPRESS) - A atriz e cantora Rita Cadillac, 63, conversou com a apresentadora Daniela Albuquerque e lembrou alguns momentos de sua carreira e da rivalidade com a rainha do rebolado, Gretchen. Cadillac afirmou que era difícil trabalhar em um ambiente repleto de mulheres. No final da década de 1970, a cantora foi uma das principais dançarinas do programa Cassino da Chacrinha, a quem considera como um pai. "Não é fácil você trabalhar com mulheres. Porque a mulher briga com ela mesma, a disputa já começa no espelho. Você olha no espelho e começa a brigar com você mesma, então trabalhar com mulher não é fácil. Mas a concorrência era saudável lá dentro", disse a cantora, em entrevista para o programa Sensacional, que será exibido às 22h45 na RedeTV!. A cantora também comentou sobre a rivalidade com Gretchen, que recentemente participou do show de Katy Perry em São Paulo. Para Cadillac, a rivalidade entre as duas foi criada pela mídia e que, de certo modo, foi legal. "A rivalidade, vamos colocar assim, é igual Emilinha e Marlene, que eram rainhas do rádio, Claudia Leitte e Ivete Sangalo... São rivalidades que a mídia acaba criando. De um certo modo é até legal, porque você acaba movimentando as pessoas, mas a gente não tem rivalidade nenhuma", afirma. Rita Cadillac afirmou que não se arrepende de ter participado de realities, como A Fazenda (Record), mas que sempre teve vontade de participar do Big Brother Brasil (Globo). "Queria ter a experiência de ir, tanto que em 2011, confesso, me inscrevi no BBB Falei 'vai que'. Mande tudo,

fiz videozinho", conta, aos risos. A cantora aproveitou para fazer um pedido a Boninho, um dos diretores do BBB, para que ele a chame se houver uma edição especial do reality com famosos. "Boninho, já soube que vai ter o de famosos, me coloca, hein?"

A ex-chacrete Rita Cadillac em uma conversa com a apresentadora Daniela Albuquerque ao programa de TV "Sencacional", conta um pouco de como era a sua convivência com as colegas de trabalho no programa televisivo do saudoso Chacrinha. Para a autora, a convivência com muitas mulheres em um mesmo recinto é tarefa complicada, porque a maioria, principalmente em trabalhos com moda, com dança e outros que exigem cuidados com a beleza; gera competição e rivalidade entre as próprias mulheres em muitos casos. A disputa quando existe, é oriunda de insegurança com o corpo, cabelo, etc. em relação à beleza que a outra aparenta. Sendo assim, a ex-dançarina afirma "não ser fácil a convivência com outras mulheres", pois elas são bastante competitivas.

Para expressar o valor de que dividir o mesmo espaço com outras mulheres não é tarefa fácil. A famosa selecionou no sistema linguístico o advérbio de negação "não" organizado anteriormente ao sentido do verbo de ligação "ser" flexionado no tempo presente, na terceira pessoa do singular do modo indicativo. Desse modo, o sentido de negação é construído a partir dos elementos apropriados existentes na língua, organizados de modo peculiar a transmitir determinado sentido.

Cunha (2001) alega que no sistema da língua portuguesa a frase negativa organiza-se em três formas distintas, a pré-verbal, a forma canônica, como na frase em análise. A negativa dupla e a negativa final. As negações são para a estudiosa, formas marcadas na língua devido ao acréscimo da partícula de negação "não". Além disso, apresentam devido à vinculação do elemento negativo, complexidade estrutural, porque possui mais material linguístico, fonológico, semântico se comparado à sentença afirmativa. Apresenta maior complexidade cognitiva em relação à estrutura afirmativa, pois exige do falante o conhecimento do conteúdo em sua versão não negativa. Posto que para a sua validação, primeiro a afirmação tem que ser concebida como "errada". E, em vista disso, mostra-se a frase observada como de baixa frequência, pois o uso primário pelo falante de língua é de uma sentença afirmativa.

Caso algo nesta afirmação não esteja de acordo, aí o arcabouço conceptual do falante criará a contraparte negativa, através de elementos linguísticos disponibilizados na gramática da língua. Visto na frase dita por Rita que conviver com mulheres é difícil ou algo semelhante, mas em nenhum momento ela elege no arcabouço paradigmático o adjetivo "fácil" para representar a relação com demais mulheres. E se os outros interlocutores aceitam a afirmação

como verdadeira é porque seus argumentos são fundamentados em conhecimentos diversos e partilhados por grande parte das mulheres. O que torna a frase verídica e aceita pelos ouvintes, até mesmos em questionamentos.

Por outro lado, o contexto de criação da mensagem o qual a frase é dita, elucida um sentido que está além do descrito pelas palavras postas na frase. Ao declarar que conviver com mulheres não é fácil, a atriz propositalmente aciona no seu arcabouço cognitivo a operação mental chamada “litote” pelos gramáticos tradicionais como Bechara (2009) e outros. Nessa perspectiva, o sentido evocado pela a frase proferida por Cadillac não é exatamente o que parece ser por meio das palavras explícitas.

Através do contexto em que a frase foi conceptualizada, o qual afirma que viver com outras mulheres não é algo fácil, o sentido evocado alimenta a ideia contrária da escrita. Ou seja, a de que conviver junto a outras mulheres é difícil ou algo de sentido mediano, que estaria um pouco para cada noção, não sendo exatamente difícil; porém menos ainda fácil. Acredita-se, neste caso, que um possível sentido intermediário entre uma noção e outra só possa ser transmitida na língua em uso a partir de como o falante conceptualiza tal pensamento. Pois é ele o responsável pela emissão de sentido à frase em um dado contexto. Esse pensamento é, por seu turno, manipulado na língua através do “recurso” litote.

Para a contribuição da construção do sentido de contrariedade evocado pela frase exposta, o falante-receptor deverá realizar segundo Paul Grice (1969), implicações que preencham lacunas vazias deixadas pelo enunciador da frase. Esse, ao afirmar que conviver com mulheres, acima de tudo em local de trabalho, é algo não fácil, faz com que o ouvinte implique ser essa tarefa algo difícil, em primeiro grau. Desse modo, o receptor cooperará para o ato comunicativo e contribuirá para o sucesso da comunicação, a partir da construção de sentido aceita pelos envolvidos no processo comunicativo.

De acordo com a Linguística funcional centrada no uso, conforme afirmou Langacker (2005), a frase é menos composicional, pois se percebe na frase lida o significado de cada item isolado. É uma estrutura específica, porque consiste em um modelo peculiar de transmitir determinada intenção comunicativa nos determinados contextos. Esquemática, porquanto se mostra ser uma estrutura fixa para a transmissão do sentido, completada com eficiência a partir do contexto de uso e das implicações ofertadas. Produtiva, porque permite que o enunciador escolha dentre a gama de opções o elemento variável que melhor atenda a intenção a ser dita. Na frase observada esse elemento pode ser visto pelo adjetivo “fácil”, selecionado para informar o sentido contrário de “litote”.

Ao pensar em uma estrutura direta para emitir o sentido de negação, ou seja, ou não uso do processo de “litote”, provavelmente faria com que o dono da mensagem dita, selecionasse a categoria variável “difícil”. A sua não eleição, pode, no presente caso, dá-se pela intenção polida da cantora Rita Cadillac referir-se as demais colegas de trabalho. De modo que não se comprometa com o tom crítico-negativo e deselegante em comentar em um canal aberto de TV sobre aspectos particulares da convivência entre as chacretes e outras mulheres por detrás dos bastidores. E assim, a famosa não instaura desentendimentos com ninguém; apenas dá uma breve opinião sobre o fato.

Com base nas contribuições de Traugott e Trousdale (2013), a construção analisada, no âmbito da forma é mais complexa, por apresentar mais elemento na sua estrutura constituinte do que a sentença afirmativa. Visto pelo uso da partícula de negação “não” posta na frase observada. No campo fonológico, é uma construção comum, pois não assimila a construção nenhum elemento estranho ao sistema da língua portuguesa. No nível do sentido, a frase analisada é tida como lexical, porque o valor semântico dos itens da frase é acessado com facilidade.

Entretanto, no caso em pauta o sentido captado não é o exposto pelos itens lexicais somente. Esses são os elementos básicos para a formulação do valor negativo da frase, que, por sua vez, não é absoluto. Pois a partir da contextualização da frase no determinado uso, é implicado, aceito e captado valor de afirmação, implicado a partir do conteúdo explicitado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, observa-se que os casos de “litote” analisados são construções esquemáticas elaboradas a partir de partículas negativas como o advérbio de negação “não” adicionando ao verbo nominal “ser”; flexionados em suas variações de singular e plural a depender da sentença posta. Unidos, constituem o casamento de forma e de significado que inseridos nos determinados contextos de uso real da língua dão margem às interpretações implícitas; decodificadas, por sua vez, pelos falantes da língua de acordo com percepções, experiências e compreensões das diferentes situações de uso. Constituem desse modo, construções menos inconscientes selecionadas para dadas situações comunicativas.

São estruturas complexas, porque se formam a partir da junção do advérbio de negação “não” e o verbo nominal “ser” os quais formam o construto, a princípio negativo - “não é”. Sua elaboração faz-se por intermédio da noção de existência de um valor afirmativo que quando não é considerado verdadeiro e aceito pelo falante, é contraposto pela criação de sua contraparte negativa. Posta através da adição do elemento de negação “não” ao conteúdo até então positivo; construindo, neste caso, uma sentença negativa, a priori. Vista pelas estruturas postas em análise nesta pesquisa.

É também o caso de “litote” um construto específico, pois pode ser compreendido como uma forma peculiar de transmitir os sentidos intencionados. A partir de uma dada localidade, país ou cultura dos falantes daquela região que reúnem seus domínios linguísticos junto à sensatez do uso mais adequado da língua. Constitui no caso, um modelo específico de expressar-se o qual se assemelha a um “recurso” de polidez. Assim, o fenômeno mostra-se menos específico, já que demonstra ser modelo “convencionalizado” de uso, não natural. Motivado e construído a partir das interações comunicativas, contextuais e outras.

No âmbito do sentido observado nos dados analisados, considera-se a presença do sentido lexical em primeira instância, pois as palavras postas na frase carregam o elemento principal de estudo desta pesquisa, visto na partícula negativa “não”. O que evocaria de modo nítido o valor negativo posto na frase. No entanto, as frases observadas tratam-se de negações não diretas, chamadas pelo fenômeno de “litote”. Esse uso é referido por gramáticos tradicionais, como Rocha Lima (1996) como uma sentença que consiste em afirmar algo pelo seu contrário. A partir da perspectiva basilar do gramático, tem-se a compreensão de que as sentenças analisadas não podem constituir-se em apenas frases de cunho negativo.

Por conseguinte, há um complexo processo de formação dessas sentenças, iniciado no arcabouço conceptual dos falantes e processado devido às necessidades contextuais e comunicativas, as quais funcionam como elementos influenciadores da construção e da estruturação em termos linguísticos de ideias que não são intrinsecamente negativas. Essas noções, para alcançarem o êxito comunicativo, ou seja, permitirem a comunicação/a compreensão necessita que os falantes destinatários realizem implicações válidas, de acordo com as intenções, as condições, as necessidades e as adequações ordenadas pelos contextos de uso, entre outros. Ademais, a criação das estruturas negativas do tipo “litote” consiste na associação da função e da forma conjugadas a fim de que se expressem determinados valores de cunho afirmativo conforme apontam os contextos observados nos dados analisados.

O uso da “Litote” é uma instanciação de uso da língua que indica uma organização negativa pré-verbal, comum no uso linguístico. Entretanto apresenta maior complexidade, pois envolve a participação de outros elementos além dos estruturados pelas palavras. A partir das análises realizadas, observa-se a linguagem é ajustada e instanciada de acordo com as necessidades de uso. Ou seja, o falante organiza o código linguístico de acordo com as situações comunicativas específicas. Sendo assim, faz surgir fenômenos do tipo “litote”, visto na frequência de uso contida na comunicação, o qual deseja transmitir conteúdos de modo mais eufêmico.

A construção “não é” é produtiva à medida que for eleita para integrar a interação verbal, dá margem à construção de novos usos na comunicação cotidiana e mais. É menos composicional, pois o construto “não é” permite a rápida recuperação do sentido de cada uma das partes que o compõe. É na união delas, inseridas em determinados contextos, que são construídas a estrutura base para a emergência do sentido implícito de “litote”. É o objeto de análise, uma estrutura menos frequente no uso quotidiano da língua, no sentido que sua elaboração só é recorrida quando se almeja negar a sua informação inicial positiva de modo atenuado.

Em sequência, observou-se que na maioria dos usos de “litote” encontrados para esta pesquisa, o fenômeno expressa em determinados contextos não só a ideia de afirmação posta pela sua contrariedade. Mas há casos contextuais que o sentido elucida ideia intermediária entre o polo positivo e o polo negativo. Ou seja, não há, nesses casos, o pertencimento intrínseco a noção negativa e nem a noção afirmativa. O que poderia invocar a compreensão de existência de parte de cada um dos elementos opostos na construção de sentido de determinado objeto. A ideia a ser transmitida nesses casos é posta de modo escalonar, como se houvesse exatamente

um grau escalar dos elementos pertencentes a uma determinada esfera significativa e que então um valor mediano é selecionado como o mais adequado para aquele contexto de uso da língua.

Para aclarar as perguntas apontadas no início desta dissertação, observou-se na análise dos dados que na construção dos fenômenos de “litote” estão presentes processos mentais de concepção e de operacionalização da informação vinculada ao contexto de uso. Após o processamento cognitivo, o falante refletirá em termos linguísticos a forma eufêmica da informação pensada, a partir de operações como a “litote”. A ser representada na estrutura da língua pelo domínio que o sujeito possui de organizar no sistema linguístico do Português, direcionada a intenção de negação. Posta em termos escritos, visto na superfície da língua.

A segunda pergunta busca responder com base nos dados analisados que os contextos de uso do fenômeno dos objetos selecionados para esta dissertação estão associados a uma gama de variações contextuais. Estes envolvem os comunicativos, os interacionais, os situacionais, os pessoais, os sociais, os locais, os discursivos, os laborais e outros. Como sendo elementos presentes e indispensáveis para a compreensão e a descrição mais profunda dos fenômenos que concernem o estudo da língua em uso. Pois esta busca explicar a ocorrência existentes nos usos quotidianos da língua. Já que há formas de uso que ainda não foram exploradas pelo viés da Gramática Tradicional, referência básica de Língua Portuguesa para qualquer usuário da língua. Sendo assim, a Linguística Funcional Centrada no Uso com suas ferramentas teóricas busca contribuir para a compreensão de fenômenos existente no uso da língua a partir das considerações de elementos considerados por determinadas áreas de estudo com “extralinguístico”, sobretudo em relação a questão do contexto.

Com o intuito de responder a terceira e a quarta pergunta de pesquisa declara-se que o elemento negativo encontrado que se associa mais facilmente na construção dos casos de “litote” é o advérbio de negação “não”. Acredita-se ser esse o elemento mais convencional no uso da língua quando se intenciona negar a afirmação de algo. Tal escolha pode dar-se a partir da eleição de elementos negativos dentro de uma gama de conteúdos aproximados. Porém o que melhor representa o valor de negação inserido em nos contextos determinados nas frases analisadas é o advérbio “não”, em relação à “nunca”, a “nada”, à “jamais” e outros. Pois cada um, apesar de negativo, não representa sinônimos perfeitos do outro.

Entende-se que o fenômeno denominado “litote” poderia ser compreendido como membro autônomo, independente em seu uso. Ou seja, a sua vinculação ao ato comunicativo, dependerá em suma dos contextos os quais os falantes e os códigos linguístico estão inseridos.

Sendo assim, poderia constituir-se em uma categorização peculiar de uso da negação, consistindo, talvez, em uma quarta forma de sentença negativa coexistente a uma categoria maior, compreendida pelas sentenças enquadradas como negativas. Daí o seu enquadramento nessa categoria, como sendo menos prototípico em relação a uma estrutura negativa básica/direta (sentido apenas negativo em relação ao contexto de usos, não ambíguo, de caráter não contrário ou não afirmativo). Nessa perspectiva, se adicionada às três estruturas levantadas por Cunha (2010), tem-se com a “litote” a produção de outra forma de uso da negação, altamente dependente dos contextos de interativos, que compõem a sua complexidade significativa.

Ademais, questiona-se se a “litote” seria uma frequência “type”, dada a sua construção específica e se, no caso, seria também uma microconstrução (tipo) existente com construções maiores, compreendidas pelas sentenças negativas simples. Nessa perspectiva, considera-se que o fenômeno estudado seria, por conseguinte, menos frequente no uso linguístico do que as negativas prototípicas, pois aquelas demandariam necessidades de usos específicos os quais fossem suscitados pelas intenções comunicativas, contextos de uso e outros.

Por último, entende-se, segundo Bybee (2003), que a frequência de ocorrência é o quesito motivador da categorização na língua, mas se concebe, nesta dissertação, que para a sua constatação seria necessário maior tempo de investigação linguística, maior número de coleta de dados e análises desses para a exposição real dos fatos. Em suma, considera-se que para afirmar a existência de um padrão de uso seria necessário, também, maior tempo de estudo do objeto proposto nesta dissertação. Para que as diferentes situações de uso da língua possam indicar com mais propriedade sobre a existência de uma aparente estrutura que aponta para determinados significados oriundos da noção de contexto, estrutura linguística e mais. Assim, deixam-se abertas oportunidades para próximos estudos que possam dar continuidade e explorar mais o tema aqui iniciado.

REFERÊNCIAS

- ARMENGAUD, F. A *Pragmática*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- AUSTIN, J.c.L. *Quando dizer é fazer: Palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1962.
- AZEREDO, J. C. de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. (Redigida de acordo com a nova ortografia) São Paulo: Publifolha, 2009.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV) *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3. ed. São Paulo: Hucitec (1929), 1986.
- _____, M. Língua, fala e enunciação. In: BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem, 1973 – 1977*. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira) São Paulo: Hucitec, 1995.
- _____, M. Estudo das ideologias e Filosofia da Linguagem. In: _____ *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.
- _____, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. (P. A. Guareschi, Trad.). Petrópolis: Vozes (Original publicado em 2000), 2002.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. (Atualizada pelo Novo Acordo Ortográfico) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENVENISTE, E. Pour une sémantique de la préposition allemande. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 2. Paris: Gallimard, 1972.
- _____. *Problemas de linguística geral*. São Paulo: USP, 1976.
- BERGS, A.; DIEWALD, G. (Ed.). *Constructions and language change*. Berlin: Mouton de Gruyter. 2008
- BERTUCELLI PAPI, M. *Qué es pragmática*. Barcelona: Paidós, 1996
- BOLINGER, D. *Meaning and form*. London: Longmans, 1977
- BRAVO, D; BRIZ, A. (Eds.). *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel, 2004.
- BRAVO, D; E. PLACENCIA, M. (eds.). *Actos de habla y cortesía em español*. España: Lincon, Europa, 2002.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. C. *Politeness: Some universals in language usage* (2nd ed.). New York: Cambridge University Press, 1987.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In.: JOSEPH, B. and JANDA, R.D. (eds.) *The Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2003.

_____. *The Evolution of Grammar: Tense, Aspect and Modality in the Languages of the World*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

_____. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

_____. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2009.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, M. A. F. da et. al. Pressupostos teóricos fundamentais. IN: CUNHA, M. A. F. da et. al. *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003. p. 29 - 55.

DEMO, P. *Pesquisa e construção de conhecimento*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

DIEWALD, G. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I.; _____, G. (Ed.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 103-120.

DIEWALD, G.; SMIRNOVA, E. "Paradigmatic integration: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario." In: *Grammaticalization and Language Change*. New reflections, Davidse, Kristin, Tine Breban, Lieselotte Brems and Tanja Mortelmans (eds.) [SLCS 130]. Amsterdam: Benjamins, 111-133, 2012.

ESCANDELL-VIDAL, V. *Towards a cognitive approach to Politeness*. Language Sciences, 18, 3-4, p. 629-650, 1996.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, G; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, C. *Frame semantics*. In *Linguistics in the morning calm* (pp. 111-138). Linguistic Society of Korea, 1982.

FONTAINE, J. *O Círculo Linguístico de Praga*. São Paulo, Cultrix/Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastiao Josué; CEZARIO, Maria Maura (Org.) *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Org.) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 29-55.

FURTADO DA CUNHA, M. A. O estatuto argumental do objeto indireto e a construção ditransitiva no português do Brasil. In: FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). *A gramática da oração – diferentes olhares*. Natal: EDUFERN, 2015. p. 135-165

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GIBBS, R.; COLSTON, H. The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations. *Cognitive Linguistics*, 6, 347-378, 1995.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1987

_____. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/ Philadelphia : John Benjamins, 1995

GOFFMAN, E. *A representação do Eu na vida Cotidiana*. 14º Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

GOLDBERG, A. E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago/London: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GRICE, H.P. *Meaning*. *Philosophical Review*, 66: p. 377-388, 1957.

_____. Logic and Conversation. In: P. Cole and J. Morgan (ed.), *Pragmatics (Syntax and Semantics)*, vol. 9, Nova York: Academic Press, 1975. KOCH, I. V. A inter-ação pela linguagem. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2006. KOCH, I. V. & ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2007.

HEINE, B; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago: The University of Chicago Press, p. 276, 1991.

HIMMELMANN, N. Lexicalization and grammaticization: opposite or orthogonal? In: Bisang, W.; Himmelmann, N.; Wiemer, B. (eds.). *What makes grammaticalization? A look from its fringes and its components*. Berlin: Mouton de Gruyter, 21-42, 2004

HOLANDA, A. Pesquisa fenomenologia e psicologia eidética: elementos para um entendimento metodológico. In: BRUNS, M. A. T; HOLANDA A. (Org.) *Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas*. São Paulo: OED, 2001.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. A. Transitivity in Grammar and Discourse. In: *Language*, v. 56, n. 2, 1980.

_____. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E & HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*, v.1 Amsterdam: Benjamins, 17-37, 1991.

ILARI, R. Locuções Negativas Polares: Reflexões sobre um tema de todo mundo. In: _____. *Linguística: questões e controvérsias*. Série Estudos 10. Fac. Integrada de Uberaba. p. 83-97, 1984.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2007.

- KÖVECSES, Z. *Metaphor*. 2a. Edição. Nova York: Oxford University Press, 2010.
- KRIFKA, M. Some remarks on polarity items. In: ZAEFFERER, D. (Ed.). *Semantic universals and universal semantics*. Berlin: Foris. p. 150-189, 1991
- LABOV, W. The boundaries of words and their meanings. In C. J. Bailey e R. Shuy (Eds.), *New ways of analyzing variation in English*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1973.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 1991.
- LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things*. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- _____. The Contemporary Theory of Metaphor. In: EVANS, V.; BERGEN, B.; ZINKEN, J. (Ed.) *The Cognitive Linguistics Reader*. London: Equinox, 2007.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. London: The University of Chicago Press, 1980.
- LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar: Theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LINEBARGER, M. *Negative polarity and grammatical representation*. *Linguistics and Philosophy*, 10: 325-387, 1987.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- LYONS, J. *Language and linguistics: An introduction*. Cambridge, England: Cambridge University, 1981
- MAINGUENEAU, D. *Aborder la linguistique*. Paris: Seuil, 1996.
- MATURANA, H. *Teorias científicas e filosóficas. Cognição, ciência e vida cotidiana*. Org. e trad. De Cristina Magro, Victor Paredes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- MARTELOTTA, M. E. (Ed.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Faperj/DP&A, 2003. P.29-55.
- _____. (Org.). *Manual da linguística*. São Paulo: Contexto, 2008. P. 157 – 176.
- MIOTO, C. *Negação sentencial no português brasileiro e o critério-Wh*. 1992 Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Campinas, Campinas (SP), 1992
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- _____. *O Desafio do Conhecimento- Pesquisa Qualitativa em Saúde*, São Paulo Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1999.
- NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. *A Gramática*. São Paulo: UNESP, 1998.

- NICHOLS, J., Functional theories of grammar. In *Annual Review of Anthropology*. Berkeley: Annual Reviews Inc, 1984.
- OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do (Org.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2015.
- PEIRCE, C. S. *The philosophy of Pierce*. In: BUCHLER, John. (ed.) New York: Harcourt and Brace, 1940.
- PETTER, M. Linguagem, Língua, Linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Linguística I. Objetos Teóricos*. São Paulo: Editora Contexto, 2002. p. 11-24.
- PIMENTA-BUENO, M. N. S. *A evolução do pensamento linguístico*. Parte I: Dos gregos à modernidade. 2 ed. Rio de Janeiro: Papel Virtual Editora, 2004.
- ROCHA LIMA, C. H. *Gramática Normativa da língua portuguesa*. 3. ed. retocada e enriquecida. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora S.A., 1996
- ROSCH, E. Natural categories. In: *Cognitive Psychology*, [S.l.], v. 4, n. 3, p. 328-350, 1973.
- SARFATI, G.; PAVEAU, M. *As grandes teorias da Linguística: da gramática comparada à pragmática*, 2006.
- SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. 7 ed. São Paulo: Cultrix, 1975
- SCHANG, F. *Linguistic Negations*. The Ways of Negation, 2014. Disponível em https://www.academia.edu/6247185/Linguistic_Negations. Acesso em 09 de agosto de 2017.
- SEARLE, J. R. *Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge: CUP, 1969.
- SEVERO, A.K.S. *Cronificação nos serviços substituitivos na rede de saúde mental de Natal/RN*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2009
- SWEESTSE, E. *From etymology to pragmatics: The mind-body metaphor in semantic structure and semantic change*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1990.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986
- TRAVAGLIA, L. C. Uma introdução ao estudo do humor pela linguística. *Delta*, v.6, n.1, 1990, São Paulo/SP: Pontifícia Universidade Católica. p.55-82, 1990.
- TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática*. (9º. Ed) São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- TROUSDALE, G.; HEINE, B. (Orgs). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamim, 1991.
- TRAUOGOTT; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: OUP, 2013.
- TRAUOGOTT, CLOSS E. & KÖNIG E. *The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited*. In Traugott & Heine (eds.), Vol. 1, 189–218, 1991.

TURATO, E. R. A questão da complementaridade e das diferenças entre métodos quantitativos e qualitativos de pesquisa: uma discussão epistemológica necessária. Em S. Grubits & José A. V. Noriega (Orgs.), *Método qualitativo: epistemologia, complementariedades e campos de aplicação* (pp. 17- 51). São Paulo: Vetor Editora, 2004.

TURNER, M. *Reading minds: the study of English in the age of cognitive science*. Princeton: Princeton University Press, 1991.

ULLMANN, S. *Semântica. Uma introdução à ciência do significado* [Semantics, an introduction to the science of meaning]. 4. ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian University Press, 2006

VITRAL, L. A negação: Teoria da Checagem e mudança Lingüística. *DELTA: Revista de Documentação em Lingüística Teórica e Aplicada*, n. 15, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244501999000100003&lng=en&nrm=isso

WIERZBICKA, A. "Different cultures, different languages, different speech acts: Polish vs. English." *Journal of Pragmatics* 9, 145 – 178, 1985

YULE, G. *Pragmatics*. Oxford: Oxford University Press, 1996

ZINKEN, J. (Ed.) *The Cognitive Linguistics Reader*. London: Equinox, 2007.